

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL MESTRADO

SUÉLEN PINHEIRO FREIRE ACOSTA

EMBOLAMENTOS:

Sociabilidades juvenis delitivas em contexto de periferia

São Leopoldo

2019

SUÉLEN PINHEIRO FREIRE ACOSTA

EMBOLAMENTOS:

Sociabilidades juvenis delitivas em contexto de periferia

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Gadea

São Leopoldo

2019

A185e Acosta, Suélen Pinheiro Freire.

Embolamentos : sociabilidades juvenis delitivas em contexto de periferia / Suélen Pinheiro Freire Acosta. – 2019.

124 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestre) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2019.

“Orientador: Prof. Dr. Carlos A. Gadea.”

1. Embolamento. 2. Sociabilidade. 3. Juventude. 4. Periferia. 5. Violência. I. Título.

CDU 3

SUÉLEN PINHEIRO FREIRE ACOSTA

EMBOLAMENTOS:

Sociabilidades juvenis delitivas em contexto de periferia

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em (dia) abril de 2019

BANCA EXAMINADORA

Dr. Carlos A. Gadea – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Dr. José Rogério Lopes – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Dr. Daniel Veloso Hirata – Universidade Federal Fluminense – UFF

AGRADECIMENTOS

A escrita deste trabalho demandou muito esforço e mobilizou uma série de sentimentos. Durante todo o processo de escrita, desde as (re) definições quanto ao tema até as saídas a campo, foram muitas as pessoas que me auxiliaram e apoiaram. Pretendo aqui agradecer as principais delas, sem ordem hierárquica, e com riscos de lapsos de esquecimentos.

Primeiramente, agradeço a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde me percebi como pesquisadora e professora, e a CAPES, pela bolsa que garantiu a conclusão deste projeto; ao professor Dr. A. Gadea pelas orientações, pela atenção e pela confiança que sempre demonstrou ao meu trabalho; aos professores Dr. José Luis Bica e Dr. José Rogério Lopes, pelas contribuições na banca de qualificação, além das conversas e aulas durante os cursos de graduação e mestrado; ao professor Dr. Daniel Veloso Hirata por ter aceitado tão prontamente o convite para compor a banca deste trabalho; além destes, torno a agradecer a professora Dra. Miriam Sttefen Vieira, que também me acompanha desde a graduação, cumprindo o papel de professora no sentido mais amplo da palavra.

Sou umas das pessoas talvez privilegiadas que teve grandes companhias durante a pós-graduação. Enquanto a escrita ocorre como processo solitário, todo o restante foi permeado pela presença de grandes amizades, em conversas, discussões, “co-orientações” e eventos (acadêmicos ou não). Agradeço, então, com muito afeto, a Anelise Schierholt, Cristiane Uchaki Xavier, Sabrina da Rosa, Angélica Nunes e Thaís da Rosa Alves.

As técnicas do Centro de Prevenção as Violências, de Canoas, pela abertura e fundamental auxílio para realização desta pesquisa. Aos jovens que concederam entrevista e também carinhosamente aos que participavam da Casa da Juventude e inspiraram a seguir estudando.

Aos meus pais, meu irmão e familiares, pela compreensão e suporte, em especial nesses dois anos, com todas as suas turbulências. Muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa analisa o processo de reconfiguração de práticas de sociabilidade juvenil observada em contextos de periferia. O foco recai sobre práticas onde a violência se apresenta como elemento central, recebendo diferentes significados conforme o contexto observado. A análise volta-se para os bairros e bairros Guajuviras e Mathias Velho, localizados no município de Canoas, por tratarem-se de áreas marcadas pelo registro de altos índices de violência, especialmente envolvendo os jovens moradores. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas, análise de dados estatísticos e notícias referentes a situações de violência nos bairros. Nesse sentido, os “embolamentos” fazem parte de uma rede de sociabilidades juvenis – apresentando relações complexas com os *bondes* e as facções – bem como com o espaço urbano de onde se origina.

Palavras-chave: Embolamento. Sociabilidade. Juventude. Periferia. Violência.

ABSTRACT

The present research analyzes the process of reconfiguration of youth sociability practices observed in suburbs contexts. The focus is on practices where violence presents itself as a central element, receiving different meanings according to the context observed. The analysis turns to Guajuviras and Mathias Velho neighborhoods, located in the municipality of Canoas, because they are areas marked by high rates of violence, especially involving young residents. The research was developed through semi-structured interviews, analysis of statistical data and news regarding situations of violence in the neighborhoods. In this sense, "embolamentos" are part of a network of youthful sociabilities - presenting complex relationships with *bondes* and *fações* - as well as with the urban space from which it originates.

Key-words: Embolamento. Sociability. Youth. Suburb. Violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Abordagem da BM a um morador. Vitor Rosa / Agência RBS	43
Figura 2: Mapa de Canoas. Fonte: SMDS e Geocanoas/ICXXI.....	81
Figura 3: Mapa das cidades por onde passa a linha do metrô.....	82
Figura 4 Taxas de mortes violentas de 2009 a 2018/ OSP Canoas.....	84
Figura 5: Mortes violentas no primeiro trimestre de 2018 por região.....	84
Figura 6: Hotspots roubo e furto de veículos - 2017 e 2018.....	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Letalidade juvenil - 2009 a 2017.....	87
Gráfico 2: Roubo de veículos 2012 a 2018/Mapa por regiões.....	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mortes violentas por bairro, faixa etária e local. Período: 2014 a 2016.....85

LISTA DE SIGLAS

CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPV	Centro de Prevenção as Violências
CV	Comando Vermelho
FASE	Fundação de Atendimento Sócio-educativo
GPVC	Grupo de Pesquisa em Violência e Cidadania
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICXXI	Instituto Canoas XXI
OSP	Observatório de Segurança Pública
PASC	Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas
PCC	Primeiro Comando da Capital
PCPA	Presídio Central de Porto Alegre
PECAN	Presídio Estadual de Canoas
Pronasci	Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania
Protejo	Proteção a Jovens em Território Vulnerável
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
SMDS	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social
SMPC	Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
2. (DES) CONTINUIDADES EM PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES JUVENIS EM CONTEXTO DE PERIFERIA	26
DOS <i>BONDES</i> AOS <i>ROLEZINHOS</i> : A VIOLÊNCIA, O LÚDICO E O ACESSO À CIDADE.....	27
CRESCIMENTO E PROLIFERAÇÃO DAS FACÇÕES CRIMINOSAS EM PORTO ALEGRE E REGIÃO	33
“EMBOLAMENTOS” ENTRAM EM CENA	38
3. METODOLOGIA	46
ANÁLISE DE CONTEÚDO	47
CAMINHOS DA PESQUISA.....	47
4. CONTEXTO DE ANÁLISE DOS EMBOLAMENTOS	52
GUAJUVIRAS E MATHIAS VELHO: MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO URBANA AO CENÁRIO DOS EMBOLAMENTOS	57
JUVENTUDES EM CONTEXTO DE PERIFERIA E VULNERABILIDADE URBANA	64
5. VIOLÊNCIA URBANA, CRIME E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE	74
ECOLOGIA URBANA E METROPOLIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA.....	76
PROCESSOS DE (RE) ORGANIZAÇÃO DOS COLETIVOS CRIMINAIS	89
SOCIABILIDADES JUVENIS EM ASSOCIAÇÃO AO DELITO	95
OS “NÓS” DO EMBOLAMENTO <i>ENTRE</i> BONDES E FACÇÕES: NEOTRIBALISMO E ENRAIZAMENTO DINÂMICO.....	95
PROCESSOS DE RECONFIGURAÇÃO: EMERGÊNCIA DE SOCIABILIDADES JUVENIS DELITIVAS.....	101
A “SOCIAL”: FESTA, PERTENCIMENTO E VIOLÊNCIA	105
A SOCIAL E AS FASES DE IDENTIFICAÇÃO DOS EMBOLAMENTOS	109
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	115

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende analisar e compreender os processos de reconfiguração de práticas de sociabilidade juvenil observadas em contextos de periferia. O foco recai sobre práticas onde a violência se apresenta como elemento central, recebendo diferentes significados conforme o contexto observado. A análise volta-se para os bairros Guajuviras e Mathias Velho, localizados no município de Canoas, por tratarem-se de áreas marcadas pelo registro de altos índices de violência, especialmente envolvendo os jovens moradores.

Partindo da noção de “sociabilidades violentas” (Machado da Silva, 2004), entendemos que mudanças nos cenários de violência urbana caminham em paralelo a “transformação de qualidade das relações sociais”. Os bairros citados apresentam-se como “pano de fundo” para a formação de grupos autodenominados “embolamentos” (Acosta, 2017). Estes são formados por jovens moradores de tais bairros e podem ser considerados enquanto representantes de um processo contínuo de reconfiguração nas práticas de sociabilidades juvenis, apresentando complexa relação com as situações de violência ocorridas nos bairros. Buscamos analisar a relação entre a formação de uma nova prática de sociabilidade juvenil em contexto de periferia e as mudanças observadas nas dinâmicas da violência urbana e organização dos coletivos criminais na cidade de Canoas e na região metropolitana, em especial na capital, Porto Alegre.

O município de Canoas, localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RMPA – RS), tem se destacado pelos casos de homicídio e notícias que referem crescimento de crimes ligados ao tráfico de drogas. Conforme estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania (GPVC – da UFRGS, 2016), sobre motivações de homicídios ocorridos na região sul do Brasil, no período de 2000 a 2014, Canoas apresenta uma taxa de homicídios superior à do estado em todos os anos.

Manchetes como “O Janeiro mais violento da década¹”, veiculada pelo jornal Diário de Canoas, ilustram as mudanças que vêm ocorrendo no município. A referida matéria apresenta uma reversão na redução do número de mortes ocorridas em

¹ Disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2017/02/noticias/regiao/2067259-o-janeiro-mais-violento-da-decada-em-canoas.html>

2016 – foram 152 mortes em 2015 e 127 em 2016 – em janeiro de 2017 foram registradas 23 mortes violentas, sendo 22 casos de homicídio e uma suspeita de latrocínio. Ocorreram ainda 15 tentativas de homicídio, elevando o número de crimes violentos a 37 casos. Ainda com relação a matéria, a “região mais crítica” foi o bairro Mathias Velho (onde ocorreram 8 dos 22 casos de homicídio), seguido dos bairros Guajuviras e Rio Branco. Os delegados entrevistados na referida matéria apontam que os crimes estão relacionados “a uma guerra de facções, disputando território para o tráfico de drogas”, especialmente no bairro Mathias Velho.

Também é importante destacar que a cidade Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, tem apresentado aumento nos índices de violência, a exemplo das taxas de homicídio que tiveram crescimento gradativo em período de 10 anos, compreendidos entre 2006 e 2016 – foi de 18,1 por 100 mil habitantes em 2006 a 28,6 em 2016 (conforme Atlas da violência, 2018). Crimes como roubo e furto de veículos também têm apresentado crescimento na capital, bem como o tráfico de drogas, de modo que empiricamente os mesmos apresentam estreitas ligações. Conforme Amorim (2013), tais delitos se inter-relacionam como parte de um processo endógeno marcado pela qualidade de organização de coletivos criminais ligados ao tráfico de drogas.

Considerando a observação de tais fenômenos – aumento nos casos de homicídio e crimes ligados ao tráfico de drogas e advento de nova prática de sociabilidade juvenil onde a violência apresenta valor central – buscamos explorar a relação entre estes. Para tanto foram realizadas pesquisas em jornais da região, bem como análise de dados referentes aos principais delitos cometidos por adolescentes e jovens internos no Sistema socioeducativo, em especial os residentes dos bairros Guajuviras e Mathias Velho, além de entrevistas com jovens dos bairros (os quais foram acessados com auxílio de programas de prevenção a violência nos mesmos). Da mesma forma, com objetivo de complementar a pesquisa e cercar o objeto em estudo, foram analisados dados referentes as taxas de homicídio, furto e roubo de veículos e tráfico de drogas em Porto Alegre e Canoas, em especial nos bairros citados.

A proximidade de Canoas com a capital e sua inserção nas “dinâmicas particulares da região” (2016, p. 26) explicaria a incidência de tais crimes no município, associado a outros fatores, tais como o desemprego de jovens acima dos 18 anos. De fato, este fenômeno pode ser observado tanto em Canoas quanto em

idades vizinhas, onde ações de facções ou embolamentos oriundos da capital têm causado forte impacto, especialmente na vida dos jovens.

Embora possamos verificar que há consenso quanto a consideração da violência urbana enquanto problema multicausal, a hipótese apresentada pelo Relatório possibilita analisar a emergência dos “embolamentos” no município e bairros estudados. Em síntese, um processo de “metropolização da violência” (ANDRADE, SOUZA, FREIRE, 2013 p. 106) explicaria o que faz destes bairros o cenário para o desenrolar de uma prática de sociabilidade juvenil de novo tipo, como os “embolamentos”, onde a violência torna-se eixo articulador e manifesta-se de forma nebulosa. Uma espécie de “transbordamento” da violência urbana da capital para municípios da Região Metropolitana implicaria em processo semelhante quanto as práticas de sociabilidade juvenis que se produzem nesses contextos. Tal noção possibilita pensar a violência como um processo e fenômeno presente nas grandes metrópoles, não se esgotando enquanto fenômeno isolado em determinados espaços.

O olhar direcionado aos embolamentos e seu contexto se pretende próximo ao desenvolvido pela Escola Sociológica de Chicago, que considera o ambiente como fator de central importância para análise dos fenômenos sociais, especialmente os fenômenos urbanos. Com base em tal premissa, reconstruímos o histórico de sociabilidades juvenis que se formaram no ambiente de análise nos últimos anos, considerando que se produzem em contextos semelhantes (bairros de periferia, com altos níveis de vulnerabilidade social e cenário de situações de violência, de modo geral). Consideramos então que os embolamentos estão inseridos em uma rede de práticas de sociabilidade juvenil, as quais se modificam conforme as dinâmicas da violência nos ambientes em que se formam.

Indo além, os embolamentos, enquanto fenômeno em análise, possibilita repensar o espaço urbano, a medida que nos mostra as conexões entre áreas semelhantes em aspectos socioculturais e econômicos e geograficamente próximas, ultrapassando fronteiras e entre bairros e cidades. Por tais motivos, a análise se amplia, buscando identificar os diversos fatores relacionados a este fenômeno. Além da análise dos bairros, desde seu histórico até as percepções da geração contemporânea de jovens moradores, buscamos compreender as novas características que a violência e os coletivos criminais têm apresentado na região. A análise das ações das facções criminais ligadas ao tráfico de drogas é então

necessária, a medida que explicita a relação entre os embolamentos e as mesmas. Dessa forma, não pensamos os embolamentos como gangues ou parte do “crime organizado”, mas como prática de sociabilidade que se produz em meio a tais fenômenos e processos.

A reconstrução do histórico de práticas de sociabilidade juvenil em contexto de periferia, a rede onde os embolamentos se mostram inseridos, abre a presente pesquisa. Nesse primeiro capítulo, busco em pesquisas realizadas na região metropolitana de Porto Alegre verificar as características que tais práticas têm apresentando, bem como os argumentos desenvolvidos em torno das mesmas. Ampliando a análise, busco pesquisas realizadas em outras regiões do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, principais lócus de produção de pesquisa sobre essa temática desde diferentes abordagens, por meio das quais os embolamentos e os fatores relacionados aos mesmos podem ser pensados de modo mais completo. Como principais modelos para análise, encontro os *bondes* e os *rolezinhos*, que também tiveram os jovens de periferia como principal ator social envolvido. Nestes os desejos de diversão e consumo mostravam-se com grande importância, permeados pela violência urbana e vulnerabilidade social a que essa população estava exposta. Os embolamentos apresentam algumas mudanças, em especial com relação a aproximação com práticas delitivas e os coletivos criminais da região.

A seguir, procuro descrever os passos metodológicos seguidos na produção e análise dos dados. Procurei cercar o objeto em suas principais características por meio de diferentes técnicas de pesquisa e análise. A leitura de pesquisas realizadas nos bairros Mathias Velho e Guajuviras (etnografias, relatórios relacionados a violência e análises das políticas públicas desenvolvidas nos mesmos) foi essencial para a construção do “mapa” onde se produzem os embolamentos. As notícias lidas (referentes ao período de 2014 a 2018) nos mostram as mudanças que ocorreram nas dinâmicas da violência nesses bairros, de modo que são apresentadas ao decorrer da pesquisa, compondo seu texto. A análise dos dados referentes a violência urbana, presentes nos relatórios citados ou outras fontes, se dão em sentido semelhante, evidenciando o argumento de que os embolamentos se formam em um novo cenário quanto a organização dos coletivos criminais. Por fim, as visitas e entrevistas com adolescentes no bairro Guajuviras, descritas a partir da fala dos entrevistados e de minhas impressões, buscando articular com as percepções e análises que desenvolvi em 2016, quando fazia estágio na Casa da Juventude e

pesquisa de campo para meu trabalho de conclusão no curso de graduação em Ciências Sociais.

A análise dos bairros se desdobra nos dois capítulos seguintes, sob diferentes perspectivas. No quarto capítulo, reconstruo e analiso os processos de formação dos dois bairros, marcados pela ação de movimentos sociais voltados a pauta do direito a moradia. Verifico as conexões que os bairros apresentam desde sua formação até o contexto atual, bem como a quebra que ocorre quanto a percepção dos moradores sobre os mesmos, verificada nas falas de moradores jovens que vivenciaram processos e experiências distintas dos primeiros moradores que ocuparam o local. No quinto, a pesquisa se volta a relação entre os bairros e os fenômenos da violência e da criminalidade. Os processos de (re) organização dos coletivos criminais nesses bairros, em seus contatos com outras áreas da região metropolitana são foco do quinto capítulo, onde se verifica ainda a relação entre as práticas de sociabilidade descritas no capítulo dois e as principais características percebidas quanto a violência em seus contextos.

A temática da sociabilidade permeia toda a pesquisa, tornando-se centrais novamente no sexto capítulo. Nesse, a violência, a prática delitiva e a aproximação dos embolamentos com as facções é analisada como constitutiva dessa nova prática de sociabilidade, de suas ações, motivações e identificações. Procuo mostrar a relação entre o processo de (re) organização dos coletivos criminais e as “fases” de identificação que os embolamentos apresentam. Estes são analisados como fenômenos dinâmicos, em trânsito e capazes de “aproximar” áreas da cidade, tendo as facções como sua “raiz”. Retomo a análise da Social, festa organizada nos bairros pelos embolamentos, iniciada na pesquisa de 2016, observando que também a festa se relaciona a violência nos bairros e as fases de identificação dos embolamentos com a mesma.

Com objetivo de cercar o fenômeno dos embolamentos desde suas principais características, a articulação com o ambiente, a violência urbana, aos processos de organização dos coletivos criminais e as práticas que os embolamentos produzem enquanto prática de sociabilidade, teoria e empiria são constantemente relacionadas durante a pesquisa. Dados estatísticos, descrições e trechos de entrevista compartilham espaços com referenciais teóricos que auxiliam na compreensão e análise dos temas postos em questão na presente pesquisa.

2. (DES) CONTINUIDADES EM PRÁTICAS DE SOCIABILIDADES JUVENIS EM CONTEXTO DE PERIFERIA

A emergência de novas práticas de sociabilidade juvenil vinculadas ao delito e a criminalidade decorre de processos de (re)organização de coletivos criminais na capital, que repercute em Canoas por conta da própria lógica de organização dos coletivos capaz de criar “manchas” (MAGNANI, 2012) de violência na região. Os embolamentos surgem, então, apresentando novos vínculos com a violência e com o território. Não por acaso, seu lócus de origem são bairros de periferia na região metropolitana, áreas marcadas por ações estatais complexas e precarizadas, violação de direitos, disputas em torno do tráfico de drogas e a constante produção de “redes informais de apoio mútuo” (Pinheiro, Castilhos, Teixeira. 2016).

A seguir, analisamos a partir do fenômeno dos *bondes* e do avanço das facções na região as principais características dos embolamentos consideradas no presente estudo. Nesse sentido, no intuito de construir a “gênese” dos “embolamentos”, buscamos retomar os principais referenciais sobre o tema das sociabilidades juvenis em contexto de periferia, com foco na região metropolitana de Porto Alegre, reconstituindo a rede onde os “embolamentos” vão se inserindo.

Com relação as facções e aos *bondes*, tomamos como bases principais as pesquisas de Cipriani (2016) e Rosa (2014, 2015), respectivamente. Tratam-se de estudos recentes, realizados em Porto Alegre, e que apresentam a valorização do território por seus objetos de estudo.

DOS *BONDES* AOS ROLEZINHOS: A VIOLÊNCIA, O LÚDICO E O ACESSO À CIDADE

No contexto de Porto Alegre, Rosa (2014, 2015) estudou os *bondes*, fenômeno que “vem se reconfigurando desde seu surgimento no início da última década” (2014, p. 21), de modo bastante semelhante às galeras cariocas, ou seja: grupos de jovens de periferia, amigos, que se reúnem para ir ao centro da cidade ou outros espaços de visibilidade. Ações sociais onde a violência é posta em prática, como no *mulão* (como descrevem o deslocamento em grupo pela cidade - “sair de mulão”) nas pixações e nos arrastões, são experienciados pelo grupo, que tem em

tais ações a intenção de “curtir” e provocar o olhar dos demais que transitam em tais espaços.

Conforme a autora, os *bondes* são uma sociabilidade juvenil produzida no conflito², ao mesmo tempo em que produzem o conflito, em especial, entre os referenciais de centro e periferia. A prática do arrastão, descrita a seguir, ilustra tal argumento.

A atuação em forma de “arrastão”, congregando “um bando” de gente, significa experimentar a conflitualidade de forma coletiva, um “sentir junto” (Maffesoli, 2006), compartilhar um espaço e um tempo de transgressão e intensidade. O embate com o “outro” configura um processo de estranhamento e, ao mesmo tempo, de construção da identidade em termos de indivíduo e, mais ainda, de grupo. É a partir do momento em que esses jovens encaram e reagem ao que é antagônico que produzem o processo de diferenciação, o qual vai constituir suas identidades, baseadas na experiência do conflito violento e na experiência coletiva de sentir-se amparado por um grupo coeso. (ROSA, 2014, p. 11)

O “outro” dos *bondes* é também outro bonde, oriundo de outra região ou bairro periférico da cidade. Para além da ação na rua, as disputas entre bondes ocorriam nas redes sociais e propagadas nos raps, entoadas na rua e postadas na internet. Nas músicas, a rivalidade entre diferentes bondes da zona norte da cidade. Frente a um antagônico comum, entretanto, a autora observa a união de *bondes* rivais.

O uso das redes sociais, contudo, tem sua frequência reduzida conforme os perfis de membros dos *bondes* passam a ser alvo de perseguição de órgãos da segurança pública. De fato, a repressão ao fenômeno dos *bondes* e ao que o mesmo representa vai se intensificando, o que é extremamente significativo para que o mesmo sofra tamanhas transformações, até sua quase extinção, por assim dizer.

Nas ações dos *bondes*, “a violência é menos uma prática do que uma linguagem de projeção” (ROSA, 2015, p. 2) por meio da qual respondem a violações por eles sofridas enquanto jovens de periferia, ganhando visibilidade e buscando reconhecimento entre seus pares. Dessa forma, as ações dos *bondes* devem ser compreendidas tanto

como resultado de uma violência simbólica dada pela segregação que empreende uma negação da subjetividade desses indivíduos, quanto uma busca pela experiência coletiva que venha dar sentido à comunidade formada em torno do conflito. (ROSA, 2015, p. 7)

² Compreendido por meio da teoria de Georg Simmel como “uma das formas mais vivas de interação social, uma vez que não pode existir em um indivíduo unicamente” (ROSA, 2014, p. 79)

Nesse sentido,

Estar no centro em um grande contingente de jovens é fundamental para alcançar o olhar daqueles que não os veem na periferia e nem desejam vê-los fora dela. As ações de violência, mesmo quando empreendidas entre iguais, têm como princípio a constituição do conflito e a recusa de uma auto-identificação que os coloque como vítimas. (...) A necessidade de estarem circulando bem arrumados de acordo com seus critérios estéticos e de se utilizarem da briga ou dos pequenos delitos para atrair a atenção é estratégica no sentido de anunciar e fundar a própria existência (ROSA, 2014, p. 122)

Por parte da grande mídia, contudo, a associação dos *bondes* a práticas criminosas e as facções ligadas ao tráfico de drogas, foi constante. Também os jovens vinculados aos *bondes* utilizam de tais associações, construindo performances por meio das quais corporificam a figura do “perigo”, o que remete a determinados ideais de masculinidade. Em que pese as associações feitas pela mídia, pela polícia e pela maior parte dos moradores de áreas “nobres” da cidade, a aproximação dos *bondes* com as facções, em suas ações, ocorreria de maneira intermitente.

Ainda que não se possa colocar *bondes* e quadrilhas numa mesma categoria jurídica e sociológica, é importante compreender que a sinonímia deles é, amplamente, divulgada pela polícia e pela mídia e apropriada pelos jovens produzindo um processo de retroalimentação. Além da vinculação de nomeações é notável que um imaginário do tráfico circunda os *bondes* e lhe oferece elementos construtivos de uma base estrutural, como as noções particulares de justiça interna, a hierarquização e as constantes referências a atitudes que requerem coragem, valentia e virilidade. (...). Não há tanta delinquência efetivamente praticada se comparada à forma como os grupos elaboram suas representações. Mimetizando o tráfico, mas se envolvendo pouco com ele. (ROSA, 2014. p. 28)

A associação entre *bondes* e facções enquanto sinônimos referentes a um mesmo fenômeno ocorre também em outras regiões do Brasil e por parte de outros sujeitos além da mídia e polícia. Em Rio Branco, capital do Acre, por exemplo, as principais facções do país têm disputado as áreas de fronteira com Bolívia e Peru. Nesse contexto, entram em ação os B13 ou Bonde dos 13, facção criminosa aliada ao Primeiro Comando da Capital (PCC), de São Paulo³. Nesse caso, temos o uso do termo *bonde* na nomenclatura do que conceituaríamos em termos de teoria como

³ Em 2018, os B13 foram responsáveis pela decapitação de três jovens, vivos, supostamente aliados do Comando Vermelho (CV) do Rio de Janeiro. A ação foi gravada e divulgada pelas redes sociais pelos membros do B13, mostrando que a “espetacularização da violência” apontada por Rosa (2014) também tem sido praticada por facções de outras regiões do país. Sobre o ocorrido em Rio Branco, ver: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575653-como-execucoes-e-decapitacoes-transformaram-a-pacata-rio-branco-em-capital-da-violencia>>

facção por parte dos próprios membros do B13. Algo semelhante está presente na pesquisa de Rosa (2014), desde a fala de um de seus interlocutores, que, a época, afirmou que os *bondes* estariam se tornando gangues. Pesquisas acadêmicas também têm reforçado tal associação, descrevendo *bondes* como *gangues*, inclusive no contexto de Porto Alegre. Em outros momentos, como será discutido a seguir, os *bondes* foram descritos pela mídia e meio acadêmico, de certa forma, como outra nomenclatura para os “rolezinhos”, fenômeno que tomou grande repercussão no Brasil e exterior em meados de 2014.

Embora possa haver semelhanças e até mesmo uma espécie de continuum entre os mesmos, compreendê-los requer observar atentamente as diferenças que apresentam, as especificidades de cada um, dado que se manifestam de formas distintas e em contextos diferentes. Por se tratarem de fenômenos eminentemente dinâmicos, torna-se problemática a análise que parta apenas de um viés. O presente estudo se coloca nesse sentido, com intuito de analisar características próprias dos *embolamentos* e de seu contexto de emergência, inserido em uma rede de práticas de sociabilidade onde a violência urbana apresenta importância central.

De toda forma, nota-se a plasticidade presente nos *bondes*, que teria seu início em meados dos anos 2000, organizado em torno do movimento do *funk*, sendo posteriormente associado às práticas do arrastão e da pixação e menos frequentemente a práticas delitivas como furto, roubo e tráfico de drogas. Com relação aos *bondes* de Porto Alegre, Rosa identifica a dinamicidade do fenômeno dos *bondes* no saudosismo de seus membros quanto ao “momento de maior aparição dos *bondes*, quando se saía de *mulão* e reunia centenas de pessoas num tumulto (...)” (ROSA, 2014, p. 92) Em tais ações, como nos conta a autora, ocorriam brigas entre *bondes* oriundos de diferentes bairros e o furto de objetos pessoais dos membros do bonde que perdessem a briga, prática comum quando das brigas entre torcidas organizadas.

Percebe-se que nos *bondes* de Porto Alegre a violência se manifesta e é produzida de diferentes maneiras, estando presente em sua constituição e linguagem. Além dos ocasionais atos delitivos e das brigas entre *bondes*, a violência se manifesta à medida que esses jovens rompem a norma social que estipula quem e como pode acessar determinadas áreas da cidade. Nesse sentido, nos *bondes*

a violência exerce um papel fundamental que é o de situar o conflito e reorganizar a experiência dos indivíduos a partir de uma concretude dada pelo excesso de força. (Rosa, 2015, p. 6)

No contexto das manifestações de junho de 2013⁴, também permeadas por ações violentas, os jovens dos *bondes* se inserem, reivindicando a cidade a sua maneira, especialmente por meio do conflito e de saque a lojas no centro da cidade, onde a maior parte das manifestações ocorreram. O alto custo do transporte público em Porto Alegre e as manifestações contrárias aos aumentos constantes são anteriores a 2013, tanto por parte dos movimentos sociais e coletivos que articularam o início das manifestações, quanto pelos jovens dos *bondes*, cada qual a seu modo.

O acesso dos adolescentes de periferia nos *bondes* ao centro da cidade em muito se deu por meio da política de Passe Livre. Exemplo disso, é o “tumulto” ocorrido em novembro de 2009 envolvendo *bonde* de aproximadamente 50 jovens nas imediações dos shoppings Iguatemi e Bourbon Country, área nobre da capital. Na notícia veiculada pelo jornal Correio do Povo⁵, a Associação dos Moradores do Jardim Europa responsabilizou o Passe Livre pelo ocorrido. Partindo do pressuposto de que os jovens tenham utilizado do passe livre para ir até essa área da cidade, este se torna mais um fator exposto pelos *bondes* das desigualdades presentes entre as áreas nobres e a periferia, bem como ao preço da passagem como produtor de obstáculo para o acesso e usufruto de zonas nobres da cidade por parte de quem não pertence a esse espaço, evidenciado na “culpabilização” do passe livre por parte da Associação dos Moradores.

Em 2013, e com maior força no mês junho, a crítica ao preço abusivo da passagem se torna motivador da participação de milhares de pessoas, a maior parte estudantes universitários, em manifestações fortemente reprimidas pela Brigada Militar em Porto Alegre. O crescimento das manifestações faz com que as mesmas ganhem ampla repercussão, tenham a participação de grupos opostos e ampliação

⁴ Retrospectiva dos principais fatos e imagens relativas às manifestações de junho de 2013 foi elaborada em 2018, em seu “aniversário” de 5 anos, pelo jornal Sul21, disponível em: <<http://junho2013.sul21.com.br/junho-de-2013-ascensao-e-queda-do-bloco-de-luta/>> No campo acadêmico houve intensos debates, atualmente direcionados aos efeitos das manifestações nas eleições que ocorreram posteriormente, bem como em outros fatos políticos e sociais, como os movimentos de ocupação nas escolas, por exemplo.

⁵ “Moradores culpam “passe livre” por tumultos na zona Norte” <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=53767>>

extrema das pautas reivindicadas e da repressão. A violência na ação dos manifestantes é foco das principais notícias, englobando desde pixação, quebra de vidro de bancos até o saque de lojas. Em qualquer um dos casos, os autores de tais ações são apontados como “externos” às manifestações, seriam os vândalos, os black blocs ou “pessoas infiltradas para sujar a imagem do movimento” – nesse grupo estariam os jovens de periferia, saqueando lojas que iam desde grandes redes até comércios pequenos, por suposta orientação de grupos contrários aos protestos. Nesse sentido,

os bondes tiveram uma inserção tímida e, também, intimidada nas manifestações de junho em Porto Alegre porque foram representados como uma fração que não tinha lugar naquele movimento estudantil, pois, afinal, a maioria não era estudante, tamanha a vulnerabilidade em que se encontravam. (ROSA, 2014, p. 93).

A ação dos *bondes* em sua participação nos protestos remete ao desejo de consumir a determinados bens, tão dificilmente acessíveis por outros meios, à curtição ou mesmo alinhamento às pautas e reivindicações do movimento. No mesmo período, os *bondes* pareciam ter se transformado nos *rolezinhos*, fenômeno este que Rosa (2014, p. 94) descreve como “volta dos *bondes* restaurados, isto é, bem vestidos”, seriam os *bondes* formados para acessar o shopping. Em Pinheiro-Machado, Scalco (p. 2) os *rolezinhos* integram o fenômeno dos *bondes*, e podem ser definidos como “adolescentes das periferias urbanas que se reúnem em grande número para passear, namorar e cantar funk nos shopping centers de suas cidades”. Conforme Rosa (2014, p. 94), nos *rolezinhos* a relação com o consumo aparece modificada.

Nos *rolezinhos* altera-se a vestimenta, já que o interesse é de estar bem arrumados para ser digno do shopping, mas não de confundir-se com os demais frequentadores, o que exigiria que eles fossem em número menor. A imagem do grande grupo pode ter mudado um pouco, mas ainda tem um efeito interessante, significa uma grande mancha da periferia tomando lugar nos espaços de consumo, onde o restante da população não está acostumado a vê-la e, por isso, nota-se esse estranhamento.

Enquanto os *bondes* mimetizavam o tráfico em suas performances, falas e organização do grupo, os *rolezinhos* representavam mimese dos jovens de classe média. Como reflexo das melhorias nas condições de vida das juventudes de

periferia naquele contexto, os rolezinhos mostravam estar “podendo⁶” por meio do consumo exagerado de roupas e objetos bastante caros, produzindo “contraste com o contexto social de penúria em que estão inseridos” (Pinheiro-Machado, Scalco, p.3). Como mostra a pesquisa citada, há grande esforço por parte dos jovens para a compra dos produtos “originais”, pagos em parcelas ou comprados usados de outros jovens da comunidade. A aproximação com o tráfico, nesses casos, ocorre pelo respeito a hierarquia, a medida que o “patrão” compra as roupas novas e as vende usadas para os que estão abaixo, e assim sucessivamente, podendo chegar às mãos de jovens que não tenham vínculo direto. O consumo exagerado das marcas, que pode representar espécie de “paródia” dos jovens das áreas nobres da cidade acaba por repercutir enquanto signo “*hiperperiférico*”, tal qual visto nas ações dos *bondes* ao representar as disputas de quadrilhas da periferia no centro da cidade (ROSA, 2014, p. 149). Dessa forma, “exagerando e inflando o estigma para poder esvaziá-lo de sentido.”

Além disso, a repercussão negativa por parte da mídia e de órgãos da segurança pública ocorre em ambos. Quanto aos rolezinhos, os jovens vivenciam a ação literal do “fechar as portas” dos shoppings, representativo de uma barreira para o consumo daquele espaço e dos bens ali ofertados. No caso dos *bondes*, Rosa refere as mudanças feitas na política municipal do Passe Livre em Porto Alegre como meio de frear sua ação.

Nesse contexto, observa-se o enfraquecimento dos *bondes*. Soma-se a tais fatores uma série de mudanças nos tipos de ação perpetrados pelas facções calcadas no que Rosa define como “espetacularização da violência”, que ganham maior repercussão e conseqüentemente maior repressão por parte da polícia e outros órgãos de segurança pública. Assim, a associação aos signos ligados ao tráfico se torna mais problemática. A autora sugere que os *bondes* possam ter se transformado em um novo tipo de sociabilidade e mesmo que alguns dos jovens que estavam vinculados aos *bondes* podem atualmente atuar em alguma *facção*.

Se é possível compreender os rolezinhos como desdobramentos dos *bondes* no contexto social e político de 2013/2014 (em especial, as manifestações de junho e as eleições presidenciais, respectivamente) ainda cabe analisar quais os

⁶ Ver: “Eu não sou o jovem pobre, favelado, sem perspectiva. Eu tô podendo”. Entrevista especial com Lucia Mury Scalco. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527574-o-consumo-enquanto-simbolo-de-empoderamento-e-cidadania-entrevista-especial-com-lucia-mury-scalco>>

desdobramentos do rolezinho no contexto atual. Com base nas pesquisas, dados e notícias acessados e analisados até então, considero que os *bondes*, de fato, em suas diferentes dimensões, tenham dado lugar aos rolezinhos e posteriormente aos embolamentos. Os primeiros, reproduzindo a prática da diversão e do consumo impulsionado por políticas de inclusão social. Já os embolamentos parecem ocupar o lugar dos *bondes* quando confundidos com gangues, reflexo de um novo contexto relacionado às ações das facções criminais da capital e ações repressivas às mesmas, e de acesso a bens de consumo por parte dos jovens de periferia.

CRESCIMENTO E PROLIFERAÇÃO DAS FACÇÕES CRIMINOSAS EM PORTO ALEGRE E REGIÃO

Conforme Cipriani (2016), a formação das facções brasileiras está diretamente relacionada a superlotação dos presídios e a reação dos presos à violações sofridas no cárcere, utilizando a noção de “facções carcerárias” (Azevedo e Cipriani, 2015). Ou seja, a organização de tais grupos ocorre no interior das prisões, de modo que seu poder passa a ultrapassar os muros e alcançar as ruas, especialmente aquelas que se localizam nos bairros de periferia dos quais a maior parte dos presos se origina. Essa importante característica, contudo, não significa que tais grupos não pratiquem crimes, apenas que esta não é a motivação que origina sua formação.

Tal afirmação converge com a que se consolidou quanto a formação do Primeiro Comando da Capital (PCC), que teria ocorrido no interior do sistema carcerário em reação ao Massacre do Carandiru (BIONDI, 2009). No Rio de Janeiro, o Comando Vermelho (CV) também se forma no interior do sistema penitenciário, fruto da Lei de Segurança Nacional (1969), durante a Ditadura Militar, que considera os “presos políticos” como “presos comuns”. Os presos políticos se organizam na reivindicação de direitos e sua relativa vitória se torna exemplo para os demais, que formam inicialmente a Falange Vermelha e, posteriormente, o Comando Vermelho. Nas décadas seguintes, formam-se outros comandos e facções no RJ, mantendo o controle das favelas desde o interior das prisões.

De fato, tais estudos mostram que a prisão não tem representado impeditivo a prática de crimes, pelo contrário, tem sido espaço de formação e fortalecimento de grupos criminosos. O que ocorre é que o poder de tais grupos, formados no interior

dos presídios, chega as periferias, mantendo contato direto entre as dinâmicas de ambos espaços, tornando-os, de certa forma, contínuos.

Ainda com relação as facções de São Paulo e Rio de Janeiro, a análise de Zilli é de extrema pertinência para compreensão da qualidade das ações das mesmas. Pode se observar que são facções que têm seu lócus de ação expandido para outras regiões do país e atravessando suas fronteiras, o que torna necessário maior nível de organização e articulação⁷.

No Brasil, algumas localidades registram a existência de grupos com atuação multiterritorializada, envolvimento em dinâmicas criminais complexas, estabelecimento de vínculos entre integrantes dentro e fora do sistema prisional, assim como potencial de corrupção e cooptação de representantes ou setores do poder público. Este seria o caso, por exemplo, das facções de narcotraficantes que atuam nas favelas do Rio de Janeiro e de algumas “bancas” de jovens moradores de bairros de periferia de São Paulo, supostamente filiados à facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). Ao contrário dos grupos com atuação estritamente territorializada e envolvimento em dinâmicas criminais menos sofisticadas, a lógica que orientaria a ação destes grupos seria muito mais econômica/racional, tendendo à supressão dos conflitos comunitários locais para melhor viabilidade do empreendimento criminoso (BEATO FILHO & ZILLI, 2010) (Zilli, 2011, p. 78)

De modo mais atento às ações das facções de Porto Alegre, Azevedo e Cipriani (2015) apontam aproximações e distanciamentos entre estas e PCC, de São Paulo. Deste exercício podemos trazer as principais características das facções de Porto Alegre. Diferente do PCC, suas ações no interior do PCPA não se opõem por completo aos agentes penitenciários. A gestão do PCPA remete a uma espécie de “parceria” entre agentes e presos, caracterizando relação ambígua entre estes.

Assim, a proximidade com os funcionários apresenta-se como ambivalente, sendo aparentemente mediada através do uso dessa situação como capital político de grupo (a ser convertido em benefício da facção e pela articulação de lideranças). Entretanto, quando a questão coletiva é afastada e o apenado elege distanciar-se do campo de domínio das facções – seja para remir sua pena mediante o trabalho, seja para viver em uma galeria livre do comando de agrupamentos organizados – é encarado como alguém que “mudou de lado”. (AZEVEDO, CIPRIANI, 2015, p. 169)

⁷ Conforme Menezes (2017), com base em Beato e Zillis (2010), as facções de Porto Alegre começam a vivenciar processo semelhante no contexto contemporâneo. Tal argumento é melhor revisitado e ampliado no capítulo 5 deste estudo.

A pluralidade de agrupamentos no interior do Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), que acarreta em organização das galerias conforme a facção que comanda é exemplo da relação de proximidade entre policiais e facção. É também característica que diferencia o contexto de Porto Alegre do observado em São Paulo, onde há hegemonia do PCC. Conforme o estudo demonstra, quando da entrada de um sujeito ao presídio, este é questionado quanto a qual facção faz parte para que se saiba em qual galeria será alocado. Esta prática representa uma “estratégia de apaziguamento” (Azevedo e Cipriani, 2015), dado que a maior parte dos atores sociais entrevistados em sua pesquisa afirmam a quase completa ausência de conflitos no interior da prisão. Além disso, reflete o poder que estas facções exercem no exterior da penitenciária, visto que, caso o sujeito a ser preso não esteja vinculado a nenhuma facção será alocado na galeria dominada pela mesma facção que exerça poder no bairro do qual se origina. Ao contrário do que observam no interior do PCPA, o cenário externo para onde o poder das facções “transborda” mostra-se bastante conflituoso.

É também neste cenário que as ações das facções da capital têm mostrado maior preocupação estética. As disputas entre as facções pelo domínio dos territórios da cidade ganham significados novos, como pode-se observar no uso de práticas como esquartejamento e exposição dos corpos de membros de facções rivais. Nesses casos, nota-se que a violência não cumpre somente o papel instrumental, econômico, mas também um meio de expressar poder. A repercussão desse tipo de crime é muito maior, espalhando a mensagem de que aquela é a facção que manda naquele território.

Observadas as semelhanças e diferenças entre as principais facções de Porto Alegre e o Primeiro Comando da Capital, de São Paulo, torna-se necessário verificar e analisar possíveis alianças entre estas. Em Porto Alegre e região, as principais facções hoje são os Bala na Cara e Os Mano. A primeira teve crescimento extremo nos últimos anos, lançando mão de práticas extremamente violentas para tanto, como a que lhe dá nome. Mais recentemente, nascem os Anti-Bala e os Bala nos Bala, facções determinadamente opostas aos Bala na Cara. Na região metropolitana ainda constam os Cova Rasa (desarticulada em operação realizada em 2009), os V7, os Farrapos, os Conceição e os Abertos. Em 2017 foram transferidos 27 presos do Rio Grande do Sul, entre eles lideranças das facções citadas, para penitenciárias

federais em outros estados. Por meio de tais aproximações, estima-se que os vínculos entre facções gaúchas com as principais do país tenham se estreitado.

De acordo com relatório do Ministério Público de São Paulo, há mais de 700 aliados com o PCC no Rio Grande do Sul. No estado, a facção teria marcado oposição aos Bala na Cara, a qual teria se aliado ao Comando Vermelho, do Rio de Janeiro. Nas lógicas do PCC, os membros das facções que rivalizam com os Bala na Cara tornam-se seus *primos* e não *irmãos*, dados que ainda não foram batizados.

É notável mais uma vez a importância da superlotação dos presídios para o fortalecimento das facções. O mesmo é essencial para que a gestão destes espaços deixe de estar exclusivamente nas mãos do estado. Conforme o jornalista e pesquisador Bruno Paes Manso⁸:

O que começa a acontecer é que nos presídios federais gente do Rio Grande do Sul ao Acre começa a frequentar essas cadeias e colocam várias lideranças no mesmo espaço. Quase uma feira onde se consegue estabelecer um *networking* muito mais amplo do que se tinha antigamente. Várias lideranças que passaram pelo sistema federal acabam voltando pros seus estados com outra ideia de crime e outra mentalidade estratégica. Nesse processo de nacionalização do PCC, o Comando Vermelho vira uma referência para fortalecer as oposições regionais. Ele vira quase como que uma bandeira que registra a oposição. Porque é um outro tipo de forma de lidar com o crime, menos rigorosos, menos regras e tudo mais. O CV vira quase uma alternativa natural ao PCC e alguns estados começam a atuar no crime não só com suas facções regionais, mas também **como uma marca**, mesmo não sendo necessariamente interligada como é o PCC e todas as conexões que o PCC tem de decisões, regras e tal. (Grifos nossos)

Paralelamente, uma série de notícias apontam o avanço das facções de Porto Alegre para outras cidades da Região Metropolitana, sendo que Canoas tem se destacado. O crescimento destes grupos para a cidade vizinha, como visto, é um fator que pode ajudar a explicar o aumento nos casos de homicídio na cidade⁹. Não só em número, mas também a qualidade nos casos observados em Canoas corrobora para tal hipótese. Exemplo marcante é a ocorrência de uma “chacina na borracharia” no mês de abril de 2017, no bairro Guajuviras, onde quatro homens

⁸ Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2018/10/o-pcc-o-teatro-da-guerra-e-a-democracia-ferida/>>

⁹ Como será melhor discutido no capítulo 4.

foram mortos e um ficou ferido. O caso ocorreu no feriado de Tiradentes, sendo um dos que somou no total de 42 homicídios no estado nesta data¹⁰. Sobre o ocorrido:

Conforme garante Firmino¹¹, à parte casos pontuais, 95% das mortes em Canoas estão relacionadas ao tráfico de entorpecentes. A guerra entre facções pela disputa de terrenos resulta anualmente em sangue derramado nas calçadas não só dos canoenses, é claro. Nesse sentido, nenhum crime deu mais dor de cabeça que a chacina promovida por uma quadrilha em uma borracharia em abril do ano passado. "Felizmente, todos os envolvidos nas mortes foram identificados e estão presos ou foragidos da Justiça", confirma. "Esta é a importância do trabalho da Polícia Civil. Não deixar o crime impune", ressalta. "Se o sujeito matar, ele tem que ter a consciência de que vá pagar pelo crime", conclui.

As ações das facções em Porto Alegre, controladas desde o interior do Presídio Central, têm impactos nos bairros de periferia da capital e também em cidades da Região Metropolitana. Atualmente, muitos são os espaços comerciais pertencentes a facções criminais no Rio Grande do Sul, que vão desde lancherias até clínicas estéticas. Em maio de 2017, na estação Mathias Velho foram disparados 126 tiros contra um casal que estava em um bar e, no dia seguinte, os atiradores voltaram ao local e assassinaram o dono do bar. A posse de estabelecimentos comerciais por parte das facções pode então estar relacionada a ambos ocorridos, mostrando outras formas de domínio do tráfico na cidade.

A contextualização construída até aqui sobre as transformações nas facções criminosas de Porto Alegre e seu "transbordar" para cidades da região metropolitana, como foco no município de Canoas, permite análise do cenário no qual os embolamentos se apresentam. Embora as facções apresentem modos de sociabilidade próprios, interessa observar como influenciam em novos modos, na vida dos adolescentes dos bairros Guajuviras e Mathias Velho. Se ações de cunho repressivo, desde aumento nas prisões até a proibição dos *rolezinhos* no shopping, podem ser importantes fatores explicativos para o desaparecimento dos bondes enquanto prática de sociabilidade, ações com maior poder e repercussão por parte das facções também podem se somar. Nesse sentido, estaria nascendo uma nova

¹⁰ Ver: "RS registra ao menos 42 homicídios no feriado de Tiradentes" Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2017/04/rsregistraaomenos42homicidiosnoferiadaodetiradentes9778205>>

¹¹ Delegado Luíz Antônio Firmino, titular da DP, conforme matéria "Canoas teve 115 homicídios registrados em 2017", disponível em: <<https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2017/12/noticias/regiao/2218904-canoas-teve-115-homicidios-registrados-em-2017.html>>

prática de sociabilidade, com outros tipos de vínculo com a criminalidade e com seu território.

“EMBOLAMENTOS” ENTRAM EM CENA

Em pesquisa realizada no bairro Guajuviras com jovens que participavam do projeto Casa da Juventude¹² (ACOSTA, 2016), identificou-se o fenômeno do embolamento. Em linhas gerais, embolamentos são grupos de jovens das periferias que apresentam relações com as dinâmicas da criminalidade no bairro. Podemos pensar em pequenos grupos formados e identificados com alguma área específica do bairro (setores, quadras ou vilas) que disputam seus espaços enquanto “donos” de diferentes pontos de tráfico. Ou seja, seriam grupos com objetivo específico, direcionado a práticas delitivas. Entretanto, a pesquisa observou que estas práticas só aparecem como um único aspecto dos embolamentos, não os esgotando.

Em levantamento feito pelo Grupo de Pesquisa em Violência e Cidadania (GPVC) em 2016, o tráfico de drogas aparece como forte no bairro Guajuviras, sendo característica importante para análises sobre a violência no mesmo. Conforme o jovem entrevistado durante pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso, a importância dos embolamentos e sua relação com o tráfico de drogas seria tamanha que somente mudanças postas pelos próprios embolamentos (como fim das disputas por meio da união de todos) seria capaz de reduzir a violência no bairro. O envolvimento dos embolamentos com o tráfico de drogas no bairro, conforme o entrevistado, também sugere algum nível de aproximação destes com facções da região. O jovem relata ainda relação conflituosa entre os embolamentos do bairro, entre si, e com embolamentos de outros bairros, destacando o Mathias Velho. Nesse sentido,

¹² A Casa da Juventude foi projeto implementado no bairro em 2009, quando, por meio de convênio entre município e União o bairro Guajuviras foi inserido no PRONASCI – Programa Nacional de Segurança com Cidadania – tornando-se Território de Paz. Entre 2012 e 2016 a gestão da Casa da Juventude passa a ser realizada somente pela Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania de Canoas. A partir de 2017 passa a funcionar no bairro o “Centro de Prevenção as Violências”, com caráter diferente da Casa, mas ainda com objetivo de prevenção e redução nos índices de homicídio, sendo gerida pela SMSPC. No período em que o jovem entrevistado participou da Casa da Juventude, cumpria Medida Socioeducativa de Meio Aberto de tipo “Prestação de Serviço Comunitário”, participando das atividades de reflexão e recreação oferecidas pelo projeto, além de atendimentos sistemáticos com equipe psicossocial do mesmo.

“Enquanto efeito do estigma territorial¹³, a formação dos “embolamentos” e as disputas intragueto produzem novos obstáculos para o trânsito dos jovens fora do bairro. Para fora do bairro, o trânsito dos jovens do “embolamento” demonstra possibilidade de entrar em conflito com “embolamentos” ou facções de outros bairros” (ACOSTA, 2016, p.60)

Em Porto Alegre, Rolim (2014) entrevistou jovens internos da FASE (Fundação de Atendimento Socioeducativo) por crimes graves, com objetivo de compreender sua inserção no “mundo do crime”. Observa como ponto comum na trajetória desses jovens fatores como o abandono da escola, momento em que muitos começarão a trabalhar para auxiliar no sustento de suas famílias ou ingressarão nos embolamentos. Embora o autor não se atenha a conceituar o embolamento, o apresenta enquanto espécie de primeiro estágio desses jovens na criminalidade, diretamente relacionado com a quebra de vínculos com a escola e/ou com a família.

“A associação formal ao tráfico de drogas é, então, processo substitutivo [ao sistema escolar]. O que o jovem abandona é a promessa, talvez excessivamente abstrata, de uma vida melhor construída pelo estudo e pelo trabalho. Em troca, assume um conjunto de experiências concretas vividas em uma dimensão que só pode ser pensada em um presente contínuo” (ROLIM, 2014, p. 212)

Dando destaque ao fator etário dos jovens membros dos embolamentos, Rolim (2014) sugere que estes apresentam-se como espaços de pertencimento a estes adolescentes quando deixam suas escolas ou mesmo suas famílias. As falas dos entrevistados citadas em sua pesquisa também inferem que os adolescentes vinculados ao embolamento estariam encarregados de trabalhar para o tráfico, responsáveis por “botar a cara” e estar “sempre armado” na venda de diversas drogas na cidade, especialmente na periferia. Estariam então no lugar “inferior” nestas relações, expondo-se mais diretamente aos riscos.

Considerando também o caráter de “pertencimento” garantido no interior do embolamento, Brusius (2017) observa, entre jovens internos na unidade da FASE de Novo Hamburgo, a existência de diferentes tipos de embolamentos. O ponto mais valorado nestes seria a experiência de “estar embolado”, ou seja, de fazer parte do grupo. Os embolamentos então, podem ser formados para ir a festas, tendo caráter lúdico, bastante semelhante aos *bondes* de Porto Alegre (Rosa, 2014, 2015) e/ou para práticas delitivas. Entretanto, nos “embolamentos” “a violência ocorre de modo

13

Com base em Waquant (2001)

desorganizado, não sendo perceptível propósito claro com objetivos definidos a longo prazo.” (Brusius, 2017, p. 17)

A variedade de tipos de embolamento observados por Brusius (2017) na fala dos adolescentes que entrevistou mostra que, conforme este tenha maior envolvimento com a violência, tende a desenvolver “regras claras para a participação e manutenção do vínculo entre seus membros” (p. 17). Estes, localizados na periferia, conforme a autora, poderiam “apresentar características que o fariam pertencer a uma facção” (p.17) Assim, a existência de embolamentos não estaria necessariamente associada a seu vínculo com facções criminosas, sendo seu caráter grupal de “estar embolado” mais importante.

Nesse sentido mostra-se pertinente a comparação entre os *bondes* de Porto Alegre e os embolamentos. Apressadamente, poderia se pensar em “novos bondes”. Entretanto, a possibilidade de que nestes a violência possa ter caráter também instrumental, tendo algum tipo de vínculo com ações das facções da capital torna tal conclusão limitada.

Na pesquisa realizada sobre as territorialidades do tráfico de drogas em Porto Alegre, Cipriani (2016) analisa a ação de facções no Presídio Central de Porto Alegre como uma continuidade de seu poder nos territórios periféricos da cidade. A autora argumenta que estas são responsáveis pela gestão do presídio “junto” com o Estado, o que seria benéfico para ambos (facções e estado), e mantendo relação direta com as dinâmicas do tráfico no exterior da prisão. Dessa forma, facções com maior poder nas ruas são também as com maior poder dentro do presídio. O poder desses grupos na periferia, conforme a autora, é conquistado por meio de diferentes táticas, desde ameaça e coação até a argumentação. Os embolamentos, então, seriam formados enquanto tática das facções para conquista de novos territórios. Nesse sentido, compara os embolamentos aos “comandos” no Rio de Janeiro, por se tratarem da “congregação de vários grupos criminais organizados”.

No contexto porto alegreense, quando a constituição de territórios se dá através da negociação com outros grupos, formam-se os “embolamentos” – o que significa que pontos de tráfico menores se alinham, conjuntamente, a um mesmo agrupamento mais expressivo como fornecedor de seus ilícitos, que “facções” se uniram, ou, então, que passaram a apoiar grupos menores com o oferecimento acordado de armamento e de pessoal para a defesa de uma área de comércio de drogas. (CIPRIANI, 2016, p. 46)

Quanto a comparação aos comandos cariocas, é necessário retomar Misse (2010, p. 18), que afirma que os comandos ou facções cariocas congregam uma série de quadrilhas,

com relativa autonomia em relação aos dirigentes do CV e sem qualquer vínculo organizacional com os fornecedores da droga no atacado. Seu capital é o exercício, pela violência, do mandonismo na área, e os contatos com fornecedores intermediários (“mulas”) ou mesmo atacadistas.

A semelhança dos embolamentos, como a autora define, aos comandos cariocas se mostra então no fato de formar-se na união de grupelhos menores, sob domínio daqueles que detém maior poder no campo da criminalidade. A relativa autonomia referida por Misse abre margem para pensar as ações dos Bala na Cara, facção cujo domínio de grupos no exterior da prisão é comparado a “franquias”, ou seja, sem a necessidade de seguir normas postas por superiores que não as ligadas a garantia do lucro e expressão de seu poder. Algo semelhante ocorre também na formação das facções que rivalizam com o Comando Vermelho, conforme Zilli (2011)

Mas a ação do CV dentro e fora dos presídios não ficou muito tempo sem opositores à altura. Não se sabe exatamente em que ano, mas, já nos últimos anos da década de 1980, diversas gangues que atuavam em favelas ainda não dominadas pelo Comando Vermelho juntaram forças com presidiários que não aceitavam o jugo da facção e fundaram o Terceiro Comando (TC). Não se sabe ao certo se a iniciativa de fundar outro grupo partiu de criminosos que estavam dentro dos presídios cariocas, ou se foi um movimento das ruas. No entanto, o TC cresceu rapidamente, cooptando diversas gangues não alinhadas ao CV e adotando basicamente a mesma estratégia do rival: forte domínio armado de favelas, sustentado no controle local do comércio varejista de drogas. Em 1994, alguns poucos grupos que ainda permaneceram “independentes” em favelas da zona Oeste do Rio se uniram e fundaram a facção Amigos dos Amigos (ADA) (BARCELLOS, 2003). (Zilli, 2011 p. 84)

Analisando as taxas de homicídio no Rio de Janeiro, Zilli (2011) verifica que no período em que o Terceiro Comando se fortalece e que a Amigos dos Amigos se forma (década de 1990), o número de homicídios que havia se estabilizado no período de formação do Comando Vermelho (1980), volta a subir. Nesse sentido, o autor argumenta que

na primeira metade dos anos 1980, o surgimento do Comando Vermelho pode ter provocado uma tendência de “normatização dos homicídios”, quebrada logo em seguida pela fundação de novas facções e a abertura de um longo ciclo de enfrentamentos. (Zilli, 2011, p. 87)

Os embolamentos se formariam então, conforme Cipriani (2016), na “aliança” de pequenos coletivos criminais vinculados às facções. Tratando do poder das principais facções de Porto Alegre, que “transborda” do Presídio Central para a periferia da cidade, a autora afirma que suas disputas dentro do presídio teriam reflexos no domínio de territórios fora dele. Assim, quando uma facção toma o território de outra, na cidade, formam-se o que chamou de “embolamentos forçados”, uma vez que estes devem alinhar-se ao novo grupo que passa a exercer domínio. Ao que sua pesquisa indica, as principais diferenças entre embolamentos e facção referem-se a seu poder, que os tornariam menos “expressivos” na cidade.

No bairro Guajuviras, condomínios entregues no final de 2016 pelo programa Minha Casa, Minha Vida, foram tomados por uma facção. A ação resultaria na formação de “embolamentos forçados”, nos termos da pesquisadora citada. Dois condomínios foram totalmente tomados, e um, localizado na estrada do Nazário, é gestado por meio de acordos entre os moradores, o tráfico e síndicos. Os membros das facções ou embolamentos se apropriam dos apartamentos dos proprietários para usá-los para o tráfico. Em ação da Brigada Militar e da Guarda Municipal (em julho de 2018), 176 residências foram abordadas. Caso as pessoas abordadas não apresentassem o documento de posse do imóvel, confirmando-se que está sob uso de terceiros, a Caixa Econômica Federal pode desfazer o contrato. Apenas um

home
m
resisti
u a
ação,
tentan
do
fugir e
foi detido.

Figura 1: Abordagem da BM a um morador. Vitor Rosa / Agencia



Como visto anteriormente, há uma série de indícios da presença das principais facções criminosas de Porto Alegre em Canoas. A forma como as mesmas têm atuado no município reflete a qualidade dos embolamentos verificados nos bairros Guajuviras e Mathias Velho.

A presença das duas maiores facções da região em Canoas está marcada pela Operação Cova Rasa, ocorrida em 2009, a qual foi responsável pela desarticulação de facção de mesmo nome. O nome é uma alusão a prática do abandono dos corpos dos inimigos assassinados, sem a preocupação de enterrá-los. Como um resultado da operação, os membros da facção se dividem: Parte se alia aos Bala na Cara, então sob liderança de Nêgo Jaime, e outra parte se alia aos Mano, sob liderança de Lauri. Em 2014, Nêgo Jaime foi encontrado morto com uma corda no pescoço, na PASC, dias depois de ter pedido para ser retirado da Galeria C, pertencente aos Bala na Cara. Há suspeita de suicídio ou de que tenha sido induzido por membros desta facção por estar endividado com a mesma. Lauri atualmente cumpre pena no Presídio Federal de Rondônia, tendo sido condenado a 32 anos e 6 meses de prisão em junho de 2017.

Com relação aos Mano, apontada como vinculada ao PCC, observa-se maior organização nas ações. Tal como a facção paulista, os Mano tem um estatuto, a “Constituição dos Mano” Entre as normas previstas, está a contribuição mensal por parte daqueles que estejam soltos para o custeio de advogados, aquisição de armamentos e auxílio a familiares dos presos, além de normas de conduta no interior da prisão.

A liderança dos Bala na Cara em Canoas ficou vaga por longo período, sem que a mesma tenha deixado de atuar. A atuação desta facção no estado tem sido

em formato semelhante a uma “franquia”, tendo diferentes lideranças que não respondem a uma chefia comum. Entretanto, Letier Ademir da Silva, que tem comandado ações criminosas nos municípios de Canoas e Cachoeirinha de dentro do presídio e buscava aliança com os Bala. Ele é mandatário de pelo menos 27 homicídios na região, entre estes, há suspeita que estejam Thiaguinho e Macaco (26 e 27 anos, respectivamente), ligados ao tráfico no bairro Guajuviras, mortos em partida de futebol no município de Gravataí. Moradores do bairro afirmavam que Thiaguinho traficava de forma “independente”, líder de seu próprio “embolamento”, o qual rivalizava com o do “Cris”, sendo isso o que teria motivado a ordem de seu assassinato. Thiaguinho e Cris eram referências de embolamentos supostamente independentes, ou seja, sem vínculos com facções e, assim como nas quadrilhas do Rio de Janeiro, que “ao contrário das galeras, carregam o nome de seus chefes como seus patronímios, muito mais que o nome dos bairros.” (ZALUAR, 1997, p. 45), aqueles que atuavam junto deles eram chamados “Os guri do Cris”/“Os guri do Thiaguinho”.

No período do assassinato de Thiaguinho e Macaco, eu fazia estágio no projeto social Casa da Juventude (2016), no Guajuviras, e pude observar que as reações dos adolescentes a essas mortes foram variadas, mas em comum compartilhavam um sentimento de medo do que estaria por vir no bairro. Alguns atritos ocorreram nas oficinas oferecidas na Casa, entre os que defendiam Thiaguinho e Macaco, os que condenavam, os que eram seus familiares.... Em suas falas, relatavam que os assassinatos mostravam que os Bala estavam tentando tomar o bairro. Muitos pediram para retornar mais cedo para suas casas. A memória deste fato e suas repercussões nos jovens do bairro Guajuviras ajuda a pensar sobre como o avanço das facções para essa região impacta no cotidiano dos jovens, sobre suas visões com relação ao bairro e seus relacionamentos interpessoais.

A formação dos embolamentos no Guajuviras a época se mostrava como fenômeno *hiperterritorializado*, ou seja, com fortes vínculos ao setor ou vila do qual se originasse. Dessa forma, era comum que um jovem do embolamento do setor 6 não pudesse entrar tranquilamente na Vila Comtel, formada por embolamento rival. A rivalidade se mostrava também na organização de festas, chamadas “social”, iniciadas na garagem de alguma residência e com tendência a crescer até a rua. Sem cobrança de ingresso, cada participante deveria oferecer um “kit” de bebidas caso tivesse condições de arcar com o mesmo. Conforme o relato do jovem, as

festas costumavam terminar em “ladaia”: briga entre embolamentos rivais e/ou a chegada da polícia, como me relatou um adolescente da Casa da Juventude. Realizar uma social que não acabasse em “ladaia” garantiria ao embolamento responsável status positivo, de ser capaz de oferecer um momento de diversão aos demais. Dessa forma, os embolamentos do Guajuviras demonstravam alguns traços semelhantes aos *bondes*, como a forte valoração do território e da violência ligada a ludicidade.

Entretanto, no contexto da presente pesquisa, notam-se algumas mudanças. A notícia citada anteriormente mostra a formação de “embolamentos forçados”, onde a vinculação com práticas das facções criminais da capital mostra evidência. A violência ganha outro significado, formando outro modelo de embolamento, distinto daqueles observados em 2016. Em conversa com Daiane, de 15 anos, ele refere ao fortalecimento do “embolamento” dos anti-bala no bairro, formado por grupos dali que também buscam se opor aos Bala na Cara. Em sua fala percebo a certeza da facção (ou embolamento) de Porto Alegre no bairro, de seus ideais de oposição aquela que muito provavelmente é a facção com maior poder na região atualmente. Não há evidência de que membros de tal coletivo criminal estejam corporalmente presentes no bairro, de modo que é possível que, de alguma forma suas ideias tenham chegado até ali e se implementado na união de grupos ainda menores dali. Como se verá posteriormente, a aparente mudança de forma nos embolamentos no Guajuviras pode ter relação com um novo momento de organização das facções da capital e, por consequência, nos bairros de periferia em Canoas.

Com relação a Social, a festa, Daiane e Jéssica em conversa comigo no bairro Guajuviras, relatam que já não há esse tipo de festa no bairro. Elas contam sobre outro local onde a festa ocorria, na rua principal, em um comércio de bebidas por atacado, onde alguns jovens iam consumir e levavam luzes e caixas de som, ocupando o local e a calçada e entrando a madrugada em festa. Conforme as meninas, a festa deixou de ocorrer por causa das brigas e das diversas situações de violência. O comércio de bebidas fechou. Este relato também caminha na direção de um processo de reorganização de tais coletivos e de aumento da violência e do medo no bairro, como abordo no capítulo 5.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa busca compreender e analisar os “embolamentos” – novo tipo de sociabilidade juvenil observada em contextos de periferia – em diferentes dimensões. Para tanto, serão utilizadas diferentes métodos e técnicas de pesquisa e análise.

Nesse sentido, métodos quantitativo e qualitativo foram aplicados de modo complementar. O intuito de conhecer o cenário onde tal prática de sociabilidade se desenvolve, enquanto espaço onde a violência urbana se apresenta em novas dinâmicas, traz a necessidade do uso de dados quantitativos. Por meio de tais dados, que façam referência a casos de homicídio e crescimento de crimes ligados ao tráfico de drogas, buscamos analisar a relação entre a ocorrência de crimes como homicídio, roubo de veículos e taxas de letalidade juvenil com os processos de organização dos coletivos criminais na região e a formação dos embolamentos nesse contexto.

A análise de dados quantitativos relativos as taxas de violência nos bairros Guajuviras e Mathias Velho e região, associada as visitas aos bairros e entrevistas realizadas com intermédio de programas sociais voltados a prevenção da violência, nos garantiu abrangência necessária. De modo complementar, as notícias e matérias de jornal acessadas, referente ao período de 2014 a 2018, com foco especial a temática da violência nesses bairros, favoreceu a reconstrução de fatos e percepções. Além das entrevistas realizadas com adolescentes moradores, seus familiares e técnicas do programa, entrevistas realizadas por mim no período em que realizava estágio extracurricular no bairro Guajuviras (no ano 2016) foram

revisitadas sempre que necessário, possibilitando visualizar mudanças e permanências nesse período.

O redesenho dos bairros, entendidos como pano de fundo ao desenrolar de uma nova prática de sociabilidade permeada por novas dinâmicas da violência urbana nesses espaços, foi realizado por meio de análise qualitativa de dados quantitativos, além do uso de notícias e pesquisa bibliográfica.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo, entendida como “uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada” (Bauer, p.191) abrange a diversidade de dados utilizados nesta pesquisa.

Conforme Moraes (1999), a técnica de análise de conteúdo pode ser dividida em três momentos: (1) categorização; (2) descrição; (3) interpretação. Trata-se de método de organização dos dados e do processo de análise, o que não significa que de fato ocorram em momentos distintos, em especial com relação a descrição e interpretação dos dados.

Nesse sentido, dados estatísticos com relação a violência urbana nos Territórios de Paz, notícias e matérias jornalísticas veiculadas sobre situações de violência nestes espaços, onde jovens moradores estejam envolvidos, e as narrativas e observações resultantes das entrevistas, serão categorizadas em “unidades de análise” em referência as diferentes dimensões que o objeto apresenta. Por exemplo, pode-se organizar os dados, citações e narrativas que remetam a qualidade da vinculação dos “embolamentos” com seus territórios de origem. A descrição e interpretação das “unidades de análise” formadas pelas fontes citadas anteriormente, ocorre em sequência às categorias construídas, como meio de compreender e analisar o fenômeno. Além disso, a categorização permite ainda exercício de conexões, aproximações e distanciamentos entre cada uma delas.

CAMINHOS DA PESQUISA

Minha relação com o bairro Guajuviras, em Canoas, tem início em 2016, ano em que inicio estágio extracurricular no projeto social Casa da Juventude, então desenvolvido pela Secretaria Municipal de Segurança Pública e Cidadania. No curso

de graduação em Ciências Sociais, vinha pesquisando como bolsista de iniciação científica (IC- CNPq) sobre as temáticas da juventude e da violência em contextos urbanos, especialmente em espaços atendidos por projetos sociais voltados a proteção de jovens considerados em situação de vulnerabilidade. Minha entrada na Casa da Juventude ocorre em função das experiências anteriores, e encerra o percurso da graduação, sendo lócus e tema de minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. A participação na Casa é essencial para conhecer o bairro, e a atuação em atividades como as Oficinas de Cidadania é fundamental para começar a conhecer as dinâmicas do bairro nas quais os jovens se inseriam e compreender suas percepções sobre as mesmas. Nessa pesquisa, tenho como objetivo compreender as percepções dos jovens que participam da Casa da Juventude sobre a dupla experiência de viver em um bairro com altas taxas de violência, marcado pelo estigma, e de participar de um projeto social voltado a redução destas taxas e prevenção do envolvimento dos jovens em situações de risco para as violências. Nas entrevistas realizadas surge o tema dos embolamentos, termo já ouvido nas oficinas realizadas na Casa da Juventude e aparentemente pouco estudado no campo acadêmico. Os objetivos e os limites daquela pesquisa não possibilitaram aprofundamento no assunto, de modo que se torna meu interesse de pesquisa para cursar o mestrado em Ciências Sociais.

Me chamavam a atenção as características difusas deste fenômeno, as relações que parecia ter com aquele território em especial e as conexões com casos de violência ocorridos no bairro. Ao mesmo tempo, os embolamentos pareciam “perigosos”, algo semelhante as gangues, e também lúdicos, responsáveis pela “social” – festa realizada no bairro, aberta a todos os moradores, sem cobrança de ingresso. Não ficava evidente, por exemplo, quais os jovens participantes da Casa que estavam vinculados a embolamentos e entre os que demonstravam ou declaravam estar, não era facilmente compreensível o que isso significava. Aquele jovem estaria aliado a uma facção? Estaria utilizando referenciais para performar ser parte de coletivos ligados ao tráfico? Com respostas parciais a essas questões, me chamava atenção que alguns dos jovens que pareciam estar nos embolamentos também estavam na Casa da Juventude, em alguns casos por interesse do próprio jovem. Nesse sentido, em um primeiro momento, me interessava entender o entrecruzamento e os trânsitos dos jovens entre a Casa da Juventude e os

embolamentos, a experiência de participar destes dois espaços que em certa medida se opunham, e em certa medida se complementavam.

Concluo o estágio no mesmo período que concluo a graduação. Me distancio do bairro, visitando-o poucas vezes para encontrar ex colegas do projeto, esporadicamente. Iniciei o mestrado com objetivo de pesquisar, como descrito anteriormente, as conexões entre embolamentos e Casa da Juventude. Entretanto, no início de 2017 o projeto é encerrado. Havia uma preocupação coletiva sobre os rumos do projeto já no final de 2016, e os rumores de que a Casa fecharia motivou alguns dos jovens a protestar em frente a prefeitura do município. Procurei acompanhar os desdobramentos pelas redes sociais, acompanhando as notícias, mantendo contato com os ex colegas e com jovens que participaram da Casa. As possibilidades de desenvolvimento da pesquisa também são afetadas dado que parte do objeto praticamente deixa de existir. A preocupação cresce, com os jovens, com o andamento da pesquisa, com as possibilidades de campo e entrevistas sem intermediação de um projeto como foi a Casa da Juventude.

Pelas redes, acompanhei notícias sobre casos de violência em Canoas, e meu olhar sempre se voltou com maior interesse aos bairros Guajuviras e Mathias Velho, onde os projetos eram desenvolvidos e os quais, por ter participado, tive mais proximidade. Notava que a qualidade dos casos parecia mudar, e que havia também aumento quantitativo, ainda que procurando evitar estabelecer na análise uma relação causal entre encerramento dos projetos e aumento da violência. Percebo nas notícias, ainda, um meio de acompanhar, mesmo que “de longe”, o que ocorria nos bairros com relação a violência. As narrativas construídas nestes veículos me auxiliaram a perceber o que ocorria naqueles bairros e a reelaborar as questões de pesquisa. Levou um tempo ainda para que fosse divulgado novo projeto social gestado pela prefeitura por meio da SMSPC. Substituindo e unificando, de certa forma, os serviços desenvolvidos pela Casa da Juventude e Casa da Cidadania, foram criados os Centros de Prevenção as Violências. O tipo de atendimento é outro. Aos jovens, os atendimentos são via visitas domiciliares, encaminhamentos de outros serviços da rede de proteção social ou para cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto – único caso em que os jovens participariam de oficinas no local. No bairro Guajuviras, a sede da Casa, que era a mesma desde o Protejo, muda, passando a um espaço menor localizado mais “para dentro” da

avenida principal do bairro. No bairro Mathias Velho, o Centro de Prevenção as Violências tem duas sedes.

Tendo conhecimento da existência deste novo serviço, ainda levei um tempo até conseguir estabelecer contato e agendar os encontros. Tal articulação ocorre em 2018, ano em que começo a trabalhar como professora de sociologia e já não moro tão próxima ao município de Canoas. Pelos horários disponíveis pelos trabalhadores do Centro de Prevenção as Violências e por mim, agendo as visitas ao bairro Guajuviras; ao bairro Mathias Velho, infelizmente, não consegui ir, dado que as datas em que as técnicas poderiam me auxiliar no estabelecimento de contatos eram inviáveis para mim. Além disso, não possuía nenhum contato pessoal no bairro, diferente do caso do Guajuviras, onde ainda mantinha contato com alguns jovens e ex colegas da Casa. Por intermédio das técnicas do Centro de Prevenções do bairro Guajuviras, conversei com cinco adolescentes e familiares destes (sempre suas avós, como descrevo no capítulo 4.2), com as próprias trabalhadoras do projeto. Também procurei caminhar pelo bairro, conversar com comerciantes e outros moradores para conhecer melhor o bairro anos após o encerramento da Casa da Juventude, além de uma ex colega da Casa, moradora do bairro.

A pesquisa em notícias e matérias jornalísticas permanece, e se torna principal ferramenta para acompanhar o que ocorre no bairro Mathias Velho, complementado por falas de moradores do bairro Guajuviras em seus olhares sobre o outro bairro. A essa altura também já estava pesquisando bibliografia relacionada ao tema, especialmente pesquisas realizadas naquele contexto ou em situações semelhantes. Percebendo que os embolamentos eram abordados em outras pesquisas como tema marginal, noto que se tratava de fenômeno presente em outras cidades da região metropolitana de Porto Alegre e com aproximação maior com os coletivos criminais do que me parecia haver quando me interessei pelo tema.

Outra fonte que busquei foram os dados estatísticos a respeito de casos de violência nos bairros. A partir das visitas ao Guajuviras, das conversas e observações de campo, entendi que os dados referentes a crimes relativos ao tráfico seriam os mais importantes no entendimento do fenômeno que buscava estudar, seguindo as perguntas que as notícias e referenciais bibliográficos me apontavam. Nesse novo momento da pesquisa, o interesse se volta aos embolamentos em si, enquanto novo fenômeno ligado a sociabilidades juvenis em contextos de periferia e a violência urbana. Os relatórios disponibilizados pelo Observatório da Segurança

Pública de Canoas são recursos ricos para análise, com dados organizados por bairro, tipo de delito, frequência e comparação periódica a partir do período de inserção do município no Pronasci.

No caminhar da pesquisa, das condições e possibilidades encontradas, o objeto vai se mostrando em diferentes dimensões e, por isso, exigindo diferentes olhares. Nesse sentido, busquei aliar métodos como as entrevistas semiestruturadas, observações de campo, coleta de dados estatísticos e notícias. Os materiais produzidos apontavam para a relação entre os embolamentos e as facções, de modo que a aproximação aumentava conforme maior organização destas. Chegar a essa hipótese, em um novo projeto de pesquisa, e analisá-la foi possível pela utilização aliada das técnicas de pesquisa e análise descritas anteriormente, bem como dos olhares teórico-analíticos direcionados a estes.

4. CONTEXTO DE ANÁLISE DOS EMBOLAMENTOS

Os bairros Guajuviras e Mathias Velho trazem uma série de características comuns e aproximações em suas histórias. Segundo os dados do Censo IBGE de 2010, a população do município de Canoas é de 323.827 pessoas, sendo que destes 69.568 tem entre 12 e 24 anos, ou seja, 21,5% da população é formada por jovens. Os bairros Guajuviras e Mathias Velho são os mais populosos do município, sendo também os que contém maior índice de população jovem (entre 12 e 24 anos). Conforme dados do IBGE (2010), o bairro Mathias Velho conta com população de 48.806 habitantes, Harmonia com 39.073 e Guajuviras com 39.526. Demais bairros do município apresentam redução no índice de população jovem e aumento da população idosa.

A fim de desenhar e refletir sobre o contexto desde onde analisamos os embolamentos, pensando as imbricações com a questão da violência, neste capítulo procuro recontar o histórico dos bairros por meio de dados e também das reflexões de jovens moradores sobre a experiência de viver e crescer nos mesmos. Para análise da hipótese de que a emergência dos embolamentos está diretamente relacionada a uma nova dinâmica de organização dos coletivos criminais de Porto Alegre, repercutindo na Região Metropolitana como um todo, torna-se essencial conhecer o espaço onde esse fenômeno ocorre, pensando suas especificidades em oposição a uma suposta (e perigosa) homogeneização das periferias. Além disso, a importância que os bairros adquirem para a identificação de seus moradores, especialmente os jovens, tornando-se um marcador social que o complementa. Nesse sentido, o presente capítulo volta-se a análise dos “espaços de sociabilidade nos quais os sujeitos que vivenciam os processos de exclusão e produzem seus modos de vida.” (Lopes, 2010, p. 102)

Antes de adentrar a descrição analítica dos bairros em questão e sobre as experiências e percepções de jovens moradores, apresento a seguir os referenciais que tomo como base. Ciente das questões postas quanto a reificação do binômio periferia – violência, das disputas em torno de tais conceitos, procuro pensar a violência como fenômeno importante na história e atualidade dos bairros, essencial para a compreensão dos embolamentos enquanto nova forma de sociabilidade juvenil. Nesse sentido, entendo que tenha centralidade aos objetivos desta análise,

ainda que por óbvio não seja a única capaz de dar conta de todo, a realidade social dos bairros e de seus jovens moradores.

Como veremos a seguir, os bairros Guajuviras e Mathias Velho, tem, em sua história, uma série de características quanto a formação de bairros brasileiros considerados de periferia, que perpassam o mesmo contexto histórico de crescimento do setor da indústria e de urbanização do país. A importância de definir a noção de periferia utilizada neste estudo decorre do seu objeto, do fato de se originar em bairros considerados periféricos, dado seu histórico de ocupação, atuação do estado e problemáticas sociais variadas, especialmente com relação a violência e a população jovem. Contudo, desde sua formação os bairros Guajuviras e Mathias Velho têm intensa conexão com outras cidades da região metropolitana, que se intensificam no contexto contemporâneo, especialmente por meio do uso do transporte público (por meio do metrô para acesso a Porto Alegre) e pelos meios e aplicativos de comunicação. Dessa forma, compreender a periferia como inserida e produtora de fronteiras delimitadoras de um “dentro” e “fora”, “incluído”, “excluído”, se mostra problemático. Fontes (2012) então questiona o uso da categoria periferia afirmando sua inaplicabilidade por meio dos seguintes questionamentos:

Que fronteiras podem ser estabelecidas quando, ao mesmo tempo em que há uma comunidade local, vivendo suas vicissitudes particulares e comungando suas culturas específicas, e outra global, partilhando de um modo de vida que se produz em outras partes do planeta? Qual periferia quando não se pode falar propriamente de centro? (Fontes, 2012, p. 25)

De outro modo, podemos pensar em “fronteira” no sentido posto por Feltran (2008) ao abordar a relação entre periferia e mundo político. Nesse sentido, o autor afirma que “Onde há fronteira, há comunicação; de um tipo desigual e controlada. Se há fronteira, é justamente para controlar a comunicação entre as partes. ” (p. 27). Tomando de empréstimo tal definição, a conexão entre diferentes bairros considerados de periferias, que os embolamentos produzem, faz parte de um processo de “periferização” (Fontes, 2012) onde as fronteiras se fragmentam. Este processo é parte do contexto de globalização e possibilita a conexão entre áreas de diferentes cidades. No caso em questão, observa-se a conexão entre bairros de diferentes cidades, próximas e integrantes de uma mesma região, qual seja, a região metropolitana de Porto Alegre, envoltas por uma nova prática de sociabilidade

juvenil. De modo semelhante, também o processo de reorganização dos coletivos criminais ocorre ultrapassando as fronteiras entre cidades dessa região. Os “embolamentos” se apresentam então enquanto fenômeno metropolitano, parte de dinâmicas criminais também metropolitanas, ou seja, conforme Fontes (2012) parte de um processo de periferização intraurbano, referente a “dinâmica espacial de cidades ou mesmo de aglomerações urbanas”.

A pesquisa bibliográfica e em notícias de jornais da região nos mostrou a presença e desenvolvimento dos embolamentos em diferentes cidades da região, como Novo Hamburgo (Brusius, 2017), Porto Alegre (Rolim, 2014; Cipriani, 2016) e Canoas (Acosta, 2016). A identificação dos embolamentos enquanto parte de um processo de periferização, para além do que já foi exposto, é pertinente pela repetição de características dos meios de origem de tal fenômeno. Ainda que extrapolem as fronteiras de seus bairros, não nascem nestes por acaso. A semelhança quanto a um histórico de vulnerabilidades sociais aproxima esses bairros e seus moradores. Nesse sentido, dentro dos objetivos da análise focalizada em dois bairros da região metropolitana, pensamos na noção de “contexto de periferia”, dado que há um contexto partilhado entre os municípios e bairros onde as pesquisas citadas se desenvolveram.

Outra categoria importante neste ponto é justamente a de vulnerabilidade social, fenômeno compartilhado pelos cenários visualizados até aqui. Em linhas gerais, trata do quanto uma população encontra-se “suscetível a sofrer danos decorrentes de um evento com capacidade de produzir riscos” (Lourenço, 2013).

Conforme Malvasi (2012, p. 32)

Estudos epidemiológicos sobre a “vulnerabilidade” indicavam as populações pobres urbanas, sobretudo a jovem, como o principal “grupo de risco”. O alto número de homicídios, predominantemente entre os homens jovens, se constitui na maior dificuldade para a proteção desse grupo etário

O autor aborda o uso da categoria vulnerabilidade juvenil, voltada a leitura sobre essa população como principal grupo exposto a riscos, especialmente os riscos ligados a violência, associando os perigos vivenciados pelas classes mais pobres a características sociais e “fatores de natureza biológica do período chamado de adolescência” (Malvasi, 2012, p. 33). Os efeitos do uso da categoria de vulnerabilidade, por vezes associada a algum grupo ou ambiente social em especial, são ambíguos. Com relação a “vulnerabilidade juvenil”, a estigmatização dos jovens oriundos de periferia pode ser uma consequência, retroalimentando uma certa

“profecia que se auto cumpre”. Quanto a associação entre vulnerabilidade e áreas urbanas precarizadas observa-se que esta, conforme Malvasi (2012, p. 33) “legitima a intervenção sobre determinada população assim considerada”. Como exemplo, podemos pensar no “foco territorial” que fez parte das perspectivas prioritárias de atuação no Pronasci¹ ou seja, “regiões metropolitanas e aglomerados urbanos com altos índices de homicídios e crimes violentos”. Em territórios onde se verifique este critério, a população estaria mais exposta e propensa a tornar-se vítima. Nota-se que é um critério descrito propriamente à população do meio urbano, por referir-se a uma problemática que tem se desenvolvido historicamente nesse meio. A vulnerabilidade que a maior parte da população jovem dos bairros Guajuviras e Mathias Velho está exposta tem relação com o critério em questão, mais do que com critérios relacionados a fatores socioeconômicos. Nesse sentido, propomos o uso da noção de vulnerabilidade urbana, que engloba a população jovem e as demais, compreendendo a importância da relação com o território. Além da exposição aos riscos da violência, tal vulnerabilidade também se refere aos obstáculos postos ao “à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais” (Abramovay, 2002) também relacionados a precariedades no local de moradia.

Conforme Ribeiro (2010, p. 222),

a vulnerabilidade social crescente em nossas metrópoles decorre dos efeitos da fragilização do nosso regime “familístico-mercantil” de bem-estar social e a sua crescente incapacidade de assegurar a reprodução social, a integração e a legitimidade da ordem social. Tal fragilização decorre da combinação de três processos de transformação em curso da sociedade brasileira, cujo epicentro está nas metrópoles: a crescente segmentação do mercado urbano de trabalho, a fragilização da família como unidade de socialização, e do *bairro* como comunidade territorializada de reprodução social. Esse último processo relaciona-se estreitamente com as transformações em curso da nossa ordem urbana, tanto no plano da sua morfologia quanto da ordem moral, em razão dos mecanismos de segmentação e segregação urbana.

Dessa forma, a noção de vulnerabilidade urbana que estamos utilizando dialoga com a “metropolização da violência”, ou seja, com a concepção da violência

¹ Avaliação *Ex-Post* – Projeto Segurança Cidadã – Fase II (2016) – Disponível em: <<https://erc.undp.org/evaluation/documents/download/10642>>. Acessado em janeiro de 2019

como um processo que se expande e também atravessa fronteiras, parte da periferização em que os bairros Guajuviras e Mathias Velho estão inseridos. Quanto a “fragilização do bairro” a que Ribeiro se refere, veremos no próximo tópico que as gerações nascidas nos bairros em estudo encontram cenários com tais características, onde estão presentes grupos informais de apoio e de sociabilidade, mas já não há a partilha de um sentimento comum de pertença ao território.

Importante destacar, contudo, que a importância do meio urbano com relação a juventude e fundamentalmente aos embolamentos não se limita a questão da vulnerabilidade. A rua, nos termos de Magnani (1993) apresenta-se como “signo e suporte” das experiências de tal prática de sociabilidade. Abordo esta questão no capítulo 6.

Mostra-se necessário, então, expor o conceito de juventude utilizado. O olhar lançado à juventude, descrito nesse tópico, permeia todo o desenvolvimento e a escrita do presente trabalho. Dessa forma, a análise proposta nesse projeto entende tais características relativas ao espaço, a juventude, a vulnerabilidade e a violência urbana enquanto constantemente entrelaçadas e mutuamente constitutivas. Como base encontro Reguillo (2003) e Abramovay e Castro (2015), as quais consideram juventude como uma categoria socialmente construída, resultante de relações de poder e por tanto espacial e historicamente situadas. Além disso, referem a necessidade de pensar a juventude de modo plural, em suas diferentes manifestações². De modo complementar, a análise que Gadea (2015) faz com relação a “realidade juvenil” no cenário contemporâneo remete ao caráter mutável das identidades e práticas de sociabilidades juvenis.

As sociedades contemporâneas são demasiadamente diferenciadas e policontextuais, e as experiências dos jovens devem ser analisadas a partir de múltiplas filiações identitárias correspondentes às necessidades e negociações contínuas no seu cotidiano. Múltiplos mundos sociais desenham múltiplas experiências sobre ser *jovem*. Daí que a singularização das experiências de vida dos jovens remete à especificidade de contextos, às múltiplas oportunidades e estratégias elaboradas para o melhor convívio social, chamando a atenção para os processos de mudança nas sociabilidades e nas formas que elas começam a adquirir (Gadea, 2015, p. 23)

² Sobre a apropriação da pluralidade do conceito de juventude por parte do Protejo e outros projetos, ver Damico (2011)

A seguir, voltamos o foco aos bairros Guajuviras e Mathias Velho, desde o histórico de suas formações, as experiências e percepções da geração atual de jovens moradores com relação aos mesmos.

GUAJUVIRAS E MATHIAS VELHO: MOVIMENTOS DE OCUPAÇÃO URBANA AO CENÁRIO DOS EMBOLAMENTOS

Em meados da década de 1980, os bairros Guajuviras e Mathias Velho formam-se resultando da ação de movimentos sociais pelo direito à moradia. Tratam-se de movimentos de base religiosa, católica, ligados a Teologia da Libertação. A busca por moradia nesses locais é parte do processo histórico de urbanização da região, do êxodo rural de muitas famílias na busca por emprego, renda e melhores condições de vida. Canoas mostra-se um caminho interessante, por sua proximidade com a capital e o Polo Petroquímico (localizada no município de Triunfo, que estava em crescimento na época). Guajuviras e Mathias Velho, à época, ainda guardam proximidades com a zona rural, outro atrativo para a população.

A área onde desenvolveu-se o bairro Mathias Velho era uma fazenda, pertencente a Saturnino Mathias Velho, que teria vendido lotes da área em 1954 “a preços módicos, sem entrada e com grandes facilidades para o pagamento” (WEBER apud KOERICH). Onde está o Canoas Shopping, desde 1988, era a residência da família de Saturnino. Conforme Koerich (2018), há um sentimento de frustração entre os moradores do bairro em função de a área ser atualmente considerada como “centro” e não mais como parte do bairro Mathias Velho, em função de interesses comerciais. Maior parte do bairro forma-se na compra das áreas vendidas por Saturnino, a custo e condições acessíveis. Contudo, outras áreas do bairro, como a Vila Santo Operário, foram ocupadas por moradores organizados em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). De fato, a Vila Santo Operário é espécie de “laboratório” para as ocupações que ocorreriam no Guajuviras, em meados da década de 1970. A conexão entre os movimentos fica evidente, da mesma forma, o fato de que havia “uma intenção gerida antes da realização da ocupação” (SANTOS, 2016, p. 95) do bairro Guajuviras.

Em 17 de Abril de 1987 ocorre a ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti e o nascimento do bairro Guajuviras. As famílias ocupantes estavam inscritas no programa, mas sem respostas quanto ao recebimento das casas. Algumas casas já estavam prontas, e as que não estavam foram finalizadas coletivamente pelo movimento. Além disso, os moradores se revezavam na ocupação da casa a fim de não deixar que nenhuma ficasse vazia e pudesse ser tomada pela Brigada Militar. Formam-se então, entre os moradores ocupantes, “redes informais de apoio mútuo” que se tornam extremamente necessários

em contextos de precariedade e de acesso restrito aos recursos estatais, as redes de reciprocidade e amizade têm significativa relevância na promoção de condições de sobrevivência. (Pinheiro, Castilhos, Teixeira, 2016)

Contando com 5974 unidades habitacionais, o Guajuviras tornou-se o “maior aglomerado de habitações populares do Rio Grande do Sul, em um período marcado pela luta por moradia na Região Metropolitana de Porto Alegre” (SANTOS, 2016, p. 11).

No decorrer da história, ocorreram outros processos de ocupação, que ocuparam outras habitações e áreas verdes no entorno da avenida principal, que leva a data 17 abril em seu nome. Trinta anos mais tarde, em janeiro de 2017, um grupo de aproximadamente 50 pessoas ocupou condomínio do programa Minha Casa, Minha Vida, na avenida do Nazário. Parte das famílias ocupantes eram beneficiárias do loteamento que tinha entrega prevista até o final de dezembro de 2016. Dias antes, um terreno no bairro foi ocupado por cerca de 40 pessoas. Em ambos casos, houve reintegração de posse³. Posteriormente as casas foram entregues, e entre os moradores a área na avenida Nazário é chamada de “as casinhas”.

Em paralelo aos processos de ocupação nos dois bairros, notam-se as ações do estado, por meios das quais o mesmo se faz (GARCIA-ARBOLEDA, 2016) no cotidiano dessas pessoas. Nestas ações, relacionadas a pauta da moradia, observam-se tentativas de demarcar locais para determinadas coletividades, operando uma “estratégia de normatização das formas de inserção urbana” (Lopes, 2010, p. 106). Exemplo são os sujeitos beneficiados pelo programa Minha Casa,

³ Ver: Grupo invade condomínio do Minha Casa, Minha Vida em Canoas, disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/01/grupo-invade-condominio-do-minha-casa-minha-vida-em-canoas.html>>

Minha Vida, oriundos de “áreas de risco” e realocados em um bairro de periferia estigmatizado em alguns aspectos.

Processos distintos de ocupação das áreas do bairro resultam em desigualdades sociais internas, que podem ser observadas em ambos. No caso do bairro Mathias Velho, por exemplo, há uma série de vilas em seu interior e as desigualdades podem ser observadas pela qualidade das moradias e presença de comércio – quanto mais perto da “entrada” (mais próximo ao centro da cidade) maior a presença de comércio. A qualidade das moradias varia bastante, sendo possível observar casas de dois andares vizinhas de casas de madeira e papelão. O bairro é o mais populoso do município, mas não o maior em extensão, causando alta densidade populacional. O bairro é medido em “paradas”, forma que se pensa as distâncias de um lugar a outro, de uma vila até outra.

O bairro Guajuviras, área de 250 hectares de terra, está dividido em “blocos” e total de sete “setores” (1,2,3,4A,4B,5 e 6). Boa parte das ruas também é numerada. Apesar de dificultar o trânsito, até mesmo dos próprios moradores dentro do bairro, não há interesse por parte dos moradores em alterar sua organização, que já compõe a identidade do mesmo⁴.

Efeito da divisão em setores, como a divisão das paradas no bairro Mathias Velho, vem sendo meios de demarcar as áreas desiguais no interior do bairro. Essas áreas também são percebidas e valoradas de maneiras diferentes, algumas consideradas como mais nobres que outras, mais ou menos inseguras, valor que é atribuído especialmente quanto a presença de comércios variados e das “bocas de fumo”. Ocorre então um processo de estigmatização territorial interna, uma vez que a vila ou setor onde o jovem mora lhe marca e altera a forma como o mesmo será visto no bairro e até mesmo fora dele. Outro efeito em decorrência disso é a desunião entre os moradores, que temem e “culpam” os moradores de determinadas áreas pela imagem negativa com relação a insegurança nestes bairros. (Acosta, 2016). O que se nota é um processo de “hiperguetização”, como definido por Waquant (2006), ou seja, o enfraquecimento do sentimento de vínculos familiares

⁴ Desde sua formação o Guajuviras está organizado em Setores, Quadras e Blocos. Sobre a dificuldade de localização no bairro pela sua organização, interessante matéria em: <http://www.diariodecanoas.com.br/index.php?id=/noticias/regiao/materia.php&cd_matia=42949&dina_mico=1>Acesso em: 03/05/2016

entre os moradores, especialmente a exclusão daqueles que causariam sua fama negativa, surge como

a outra face desse processo de estigmatização territorial, é a dissolução do “sítio” (no sentido de lugar), ou seja, a perda de um quadro humanizado, culturalmente familiar e socialmente peneirado, com qual as populações urbanas marginalizadas se identifiquem e no seio do qual se sintam “entre si” e em relativa segurança. (WAQCUANT, 2006, p.30)

Assim, já não se percebe o compartilhar do pertencimento a um mesmo “gueto”. Ao contrário, o fenômeno da hiperguetização refere a um sentimento de pertença que surge com relação a uma área determinada, a um grupo menor que a totalidade do bairro. No bairro Guajuviras, ainda enquanto realizava estágio na Casa da Juventude, notava esse sentimento com relação a Vila Comtel. Esta é fruto do segundo período de ocupações do bairro, ainda vista como uma das áreas mais violentas do mesmo (ROSA e GADEA 2016). Não raro, os jovens que vinham dessa Vila a referenciavam como seu próprio bairro – não moravam no Guajuviras, moravam na Comtel.

Nesse sentido, Koerich (2018) afirma que os moradores do bairro Mathias Velho não compartilham um sentimento de comunidade, colocando em oposição ao que afirma ocorrer no bairro Guajuviras. É interessante que afirmação semelhante é feita por Santos (2016) em sua etnografia sobre “os habitantes do Guaju”, na qual diz que embora o bairro seja visto “de longe e de fora” como “um mosaico constituído por peças distintas”, entre os moradores há uma identificação comum com relação a ser “habitante do Guaju”. Entretanto, com base no que observei no período de estágio extracurricular e pesquisa de campo para monografia e dissertação, posteriormente, não verifico a afirmação dos pesquisadores. O sentimento de comunidade, talvez presente entre aqueles moradores que participaram dos primeiros processos de ocupação, não é compartilhado entre os jovens.

Os moradores mais jovens nascem em outro contexto, em bairros diferentes daqueles dos anos 1980. Se em sua formação a união dos moradores era fator determinante, marca dos bairros, com o tempo a vulnerabilidade social da população

e a violência urbana tomam lugar. Paralelo a isso, a estigmatização e o enfraquecimento dos laços.

(...) as privações e vulnerabilidades caracterizadas pela segregação socioespacial imposta aos segmentos pobres e “excluídos” de nossa sociedade, na contemporaneidade, influenciam decisivamente a produção de representações sobre a cidade, entre os sujeitos destes segmentos, com desdobramentos e suas estratégias de apropriação da mesma e suas sociabilidades urbanas. (Lopes, 2010, p. 100)

Nesse sentido, observa-se que os moradores jovens se utilizam de maneiras difusas e individualizadas para melhorar a experiência de viver nestes bairros, como a identificada “transferência do estigma” (Waquant, 2006) entre moradores do bairro Guajuviras. Com relação a imagem negativa projetada sobre o bairro, os moradores passam a encontrar entre os seus aqueles que seriam responsáveis por isso – os jovens “envolvidos” com o crime, os vizinhos de determinada vila ou parada ou os novos moradores. De modo semelhante pude observar os comentários quanto a morte de um menino que participava da Casa da Juventude, na época. Falas que justificavam o assassinato do jovem pelo fato de que ele estivesse “se envolvendo com o crime”, como seu irmão mais velho, denotam uma percepção do jovem como alguém que já não era membro daquele bairro, que já havia rompido com as normas sociais e por isso já não fazia parte. Em conversa com uma jovem moradora, nesse período, refere o fato de que ele não fazia parte da família dela, e por isso ela não se importava. Na noção de gueto⁵, como descrita por Waquant, o mesmo seria uma espécie de família, dada a proximidade dos laços entre os moradores e mesmo a ocupação das habitações por grupos familiares inteiros, o que ocorre nos movimentos de ocupação nos dois bairros. Entretanto, como a fala exemplifica, já não se nota no contexto contemporâneo.

No período de formação dos bairros por meio da mobilização coletiva daqueles que buscavam melhores condições de vida próximos a um contexto de urbanização e industrialização, estão em voga projetos de ascensão social que tem suas bases em tais questões, somadas a importância da religião (católica) e da família (nuclear). Ou seja, a geração que vive a ocupação desses territórios está fortemente pautada por uma ética do trabalho, que, nas gerações seguintes, parece

⁵ Tendo os guetos norte-americanos como base na pesquisa de campo, o autor refere a segregação racial dos mesmos, o que não se nota nos bairros em questão neste estudo.

dar lugar a uma ética do lazer (Diógenes, 1998). Em um cenário onde a maior parte da população de periferia encontra postos de trabalho no setor de serviços ou na porosidade entre os mundos da informalidade e da ilegalidade (Hirata, 2014), passa a ser encarado de outra forma, considerado um caminho longo e dificultoso para atingir a “inserção” desejada, embora se mantenha como um valor. A ética do lazer, analisada por Diógenes com relação a ação das gangues de periferia no centro da cidade de Fortaleza, se apresenta como meio mais atrativo e rápido de simbolizar o acesso à cidade, o consumo, a ascensão social.

Nesse cenário, observa-se o crescimento do medo e da insegurança entre os moradores, no interior do bairro. As referências ao quanto já “não se pode confiar” nos vizinhos, com frequente referência aqueles que moram em determinada área (vila, setor ou parada). As constantes orientações de cuidado que recebi ao transitar pelo bairro, quanto aos lugares que pretendia ir, os horários, as pessoas com quem tinha interesse em conversar. Nota-se a intenção de tratar bem e, de certa forma, proteger quem vem de fora. Nesse tipo de ação está a reprodução de um discurso que refere a violência e a vulnerabilidade as quais se pode estar suscetível naquelas ruas, que pode ecoar de experiências concretas.

Quanto a mudança de valores que altera também o conjunto de percepções dos jovens sobre o bairro em que vivem, tem relação com a mudanças ocorridas quanto aos movimentos sociais organizados e envolvidos em sua formação. Em São Paulo, Feltran (2007) analisa como o Movimento de Defesa do Favelado (MDF) foi essencial para a formação e desenvolvimento de Sapopemba (asfaltamento, regularização da rede elétrica, acesso a serviços públicos, etc.). Com o passar dos anos, paralelamente ao processo de abertura democrática no Brasil, o movimento vai se institucionalizando, aproximando-se de partidos políticos e tendo alguns membros ocupando cargos, ao mesmo tempo em que se distanciam do bairro e de suas causas. Conforme o autor, enquanto no início o movimento era responsável por levar pautas do bairro ao estado, conforme se institucionaliza passa a fazer o caminho inverso, distanciando a população do mesmo e de um sentimento comunitário⁶. Ao que tudo indica, pode-se aplicar tal argumento a realidade dos bairros aqui estudados. Além disso, em um cenário de “expansão do mundo do

⁶ Utilizo dos argumentos do autor (dentre outros) para problematizar os resultados apresentados na pesquisa da Fundação Perseu Abramo sobre valores compartilhados nas periferias. Ver: Acosta (2017)

crime” (Feltran, 2008), como veremos a seguir, pode ganhar força a “alternativa de obter renda através de atividades criminais”.

Em 2009, o bairro Guajuviras torna-se “Território de Paz”, inserido no Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania (Pronasci), numa parceria entre a União e a prefeitura. Uma série de projetos voltado a redução nas taxas de homicídio por meio do paradigma da prevenção são desenvolvidos, e o bairro é nacionalmente apresentado como exemplo onde o programa encontrou resultados positivos. Entre os programas, destacam-se o Mulheres da Paz e o Protejo (Programa de proteção a jovens em situação de vulnerabilidade), Procon e Agência da Boa Notícia. Em 2012, o programa é replicado no bairro Mathias Velho, porém, já sob gestão somente da prefeitura por meio da Secretaria de Segurança Pública e Cidadania. O Protejo torna-se Casa das Juventudes e os públicos do programa Mulheres da Paz e Procon passam a ser atendidos na Casa da Cidadania. O desenvolvimento dos projetos ocorre de formas um tanto diferentes em cada bairro. Em 2017 são encerrados, e tem início o Centro de Prevenção as Violências, que atende adolescentes em situação de vulnerabilidade e em cumprimento de medida socioeducativa de meio aberto, com projetos diferentes para cada público, e uma sede em cada bairro.

Conforme Damico (2011), a inserção do Guajuviras no Pronasci responde as reivindicações de segurança da população e as dificuldades dos governos federal e estaduais quanto a esta questão. Assim, o município de Canoas torna-se um novo ator social no combate a violência e a criminalidade, por meio de projetos voltados a prevenção e ao reforço de mecanismos de punição, como a Guarda Municipal. Parte-se também da constatação de que

situações/eventos envolvendo os cidadãos estão mais presentes no nível da cidade e do bairro, e, que, portanto, também é nesse âmbito que os governos têm contato mais próximo com a população (DAMICO, 2011, p. 38)

Ocorre que desde o encerramento do repasse de recursos via Pronasci que as ações desenvolvidas pelo município de Canoas têm sido responsabilidade somente do município. A ampliação do alcance do projeto Território de Paz, com as devidas alterações, ocorre no mesmo período. Observa-se que ações isoladas, em

determinadas localidades de um município, tem alcance também limitado frente a uma questão que, como abordaremos melhor no próximo tópico, tem caráter móvel e de localidade ampla. Observa-se também que o desenvolvimento dos projetos fica a cargo das gestões que estejam politicamente no poder, seus recursos e interesses. Não raras vezes as mudanças ocorrem em detalhes, como no exemplo do projeto “Cada Jovem Conta”, iniciado no segundo semestre de 2016, pensado como uma rede de serviços municipais para a prevenção da evasão escolar e exposição dos jovens aos riscos ligados a violência. Em 2017, sob nova gestão na prefeitura, o projeto segue com as mesmas premissas de atuação, porém, intitulado “Todo Jovem Importa” e já sem a participação de projetos como a Casa da Juventude, encerrado no mesmo período. Assim a continuidade e qualidade das ações ficam a cargo dos governos, com alcance limitado.

Ainda que os programas desenvolvidos no bojo do Território da Paz e seus posteriores não sejam objeto deste estudo, contextualizá-los é necessário para entender melhor os bairros estudados. Tais projetos dizem muito sobre a situação dos bairros, em especial quanto a violência e a sua imagem. Especialmente no período em que o Pronasci esteve em voga, as ações do mesmo eram extremamente publicizadas, de modo que Território de Paz se tornou um “sobrenome” para o bairro Guajuviras, uma marca positiva do ponto de vista político, negativa do ponto de vista dos jovens (ROSA e GADEA. 2016). A associação entre jovem morador e o Território de Paz enquanto local violento era imediato no sentido de considerar aquele jovem enquanto sujeito potencialmente violento, que precisava ser controlado. Nesses bairros que os jovens dos “embolamentos” nascem e crescem, para esses bairros que se mudam e por esse título são muitas vezes referenciados. Inclusive, em alguns casos, esses jovens passaram pelo atendimento dos programas citados.

JUVENTUDES EM CONTEXTO DE PERIFERIA E VULNERABILIDADE URBANA

No período das visitas realizadas para pesquisa (sempre a tarde), especialmente com relação ao Guajuviras por ter convivido lá por mais tempo, observo menor circulação de jovens pelas ruas. Nas falas dos moradores com quem conversei percebo maior apreensão e tensão, ainda que em todas as situações tenham sido bastante receptivos comigo. Casos que ocorreram entre 2017 e 2018

aparecem nas falas como justificativa. Como exemplo, cito uma conversa com uma ex-colega da Casa da Juventude que estava no comércio que divide com seu marido. Ela me conta dos jovens que frequentavam a Casa e que ela soube ou mesmo viu morrer no bairro, ela conta nos dedos e se perde quando chega ao sexto nome. Me aponta a rua onde viu dois adolescentes caídos, um deles ex participante da Casa, a fala tem um intervalo onde conversamos pelo olhar e compartilhamos sentimentos difusos. Ela retoma a fala fazendo menção então a um menino que eu acompanhava na Casa, filho de uma senhora hepática, desempregada (formal e informalmente) e sem auxílio-doença ou outro benefício social. Seu pai morava no mesmo terreno, estava separado de sua mãe, mas era violento com ela e com os filhos. O jovem participava da Casa da Juventude por se “encaixar” nos critérios de exposição a violência⁷. O que ela me conta, feliz, é que o jovem se vinculou a um grupo de capoeira onde um oficinairo que participou da Casa da Juventude faz trabalho voluntário, e também a igreja, estando, segundo ela, distante “das coisas” que estavam acontecendo no bairro. De alguma forma, a participação na Casa possibilitou a ampliação dos círculos sociais (Simmel, 2006) do jovem, lhe proporcionando contato com outras realidades. Ao fim de nossa conversa, minha ex colega se mostra preocupada sobre como farei a pesquisa, como conseguirei os contatos para entrevista e me dá algumas dicas de segurança. De fato, na época em que trabalhamos juntas ela se mostrava um tanto ansiosa quanto a questão da violência no bairro, sempre muito preocupada com os jovens e com os colegas, ao mesmo tempo que se mostrava bastante corajosa para andar em qualquer área.

No entanto, o aumento de sua preocupação tem coro na primeira conversa que tenho com uma técnica e uma agente no Centro de Prevenção as Violências. Elas me explicam, inicialmente, como o serviço funciona e quais seus projetos. Em seguida me contam que por medida de segurança fazem visitas domiciliares no horário de almoço e no máximo até as três horas da tarde, após bem observar a situação do bairro (o trânsito de pedestres e carros, funcionamento dos comércios). Após esse horário elas evitam andar a pé no bairro, em qualquer circunstância. Também evitam áreas “mais perigosas” e distantes do serviço (localizado na avenida principal). Falam de como se expõem nas visitas, usando carro próprio e sem nenhuma medida de proteção por parte de seus superiores. Recordo que

⁷ Abordo os critérios de exposição as violências, utilizados na Casa da Juventude a partir de 2016, em minha monografia. Ver Acosta (2016a)

preocupações desse tipo não haviam, embora sempre tenha havido cuidado e, por parte da equipe técnica, forte preocupação com os jovens que vinham de áreas tidas como mais perigosas e coincidentemente mais distantes do projeto, como o setor 6, quando saiam as cinco da tarde (horário que já está escuro durante o inverno).

Além de um aparente aumento no sentimento de insegurança, que tem respaldo no que as notícias e dados nos mostram, há uma série de mudanças causadas pela inauguração dos condomínios e casas do programa Minha Casa, Minha Vida. Uma dupla de meninas adolescentes com quem conversei fala de seus “novos vizinhos” haitianos, que trabalham na passarela da estação Mathias Velho vendendo uma série de produtos. Também o Presídio Estadual de Canoas (PECAN), que começou a funcionar no bairro, na estrada do Nazário, que começa a operar com capacidade máxima em 2018.

Observa-se então nos bairros Guajuviras e Mathias Velho processo semelhante ao analisado por Feltran (2007) em Sapopemba, SP. Trata-se da coexistência de dois mundos em expansão: o “mundo do crime” e a “gestão do social”. Tal fenômeno refere as brechas existentes nas fronteiras que dividem esses mundos, em se tratando da relação entre periferia e a criminalidade e periferia e o mundo público, auxiliando a compreensão da mudança de visão sobre os bairros entre as diferentes gerações. Além disso, mudanças de caráter tão importante no território impactam na “organização social” do mesmo, alterando os arranjos de vizinhança, amizade e convívio. Em um ambiente onde a confiança entre os moradores já se mostra abalada, a entrada de moradores novos, migrantes, e a abertura de um presídio com toda a carga que traz em sua imagem e repercussão, os efeitos tendem a reforçar tal sentimento de desconfiança intra bairro.

Nesse sentido, pensando o contexto de Canoas, observamos a constante ação do estado por meio de diferentes políticas públicas⁸ voltadas a redução de taxas relativas a violência, o que implica em uma ou mais gerações que viveram esses fenômenos em seu crescimento nos bairros, daí suas percepções sobre os mesmos. Como observado em campo, o crime parece estar sempre presente, rondando a vida dos jovens, tentando atraí-los de alguma forma. Em outra ponta, não tão distante, a técnica do Centro de Prevenção as Violências buscando realizar uma Visita Domiciliar. A jovem Daiane, com quem conversei no CPV do bairro

⁸ Entende-se como “políticas públicas” aqui as diferentes “ações de governo” que tem recebido este estatuto por parte do “senso comum intelectual” (LIMA, 2012)

Guajuviras, é um exemplo. Depois de uma série de tentativas de Visita Domiciliar sem nenhum sucesso, as quais eu acompanhei três, sabendo que houve outras, ela mesma procura o serviço com objetivo de fazer cadastro no site de uma rede de supermercado e procurar emprego.

Dias antes de sua ida ao serviço eu havia conversado com sua avó via *WhatsApp* – ela havia me passado o número em uma das tentativas de visita domiciliar em que acompanhei a técnica do serviço. Na conversa, perguntei a avó sobre a possibilidade de eu fazer uma visita para entrevistar seus netos, ela responde com simpatia ao convite, mas afirma que o garoto não poderá participar pois foi “preso⁹”. Na tarde em que estou me encaminhando para o bairro, recebo a ligação da técnica avisando que Daiane já está no serviço, e que me espera. A avó também me liga no caminho, para assegurar que a neta me espera, e me agradece. Não foi a primeira vez que percebi certa “confusão”, dado que no olhar de alguns jovens e seus familiares meu interesse em conversar faria parte do trabalho do Centro de Prevenção as Violências, o que busquei resolver explicando quais os meus objetivos.

Em nossa conversa, em separado das técnicas do Centro, Daiane conta sobre o ocorrido com seu irmão, por homicídio. Seu pai está preso há três anos, “meu pai inaugurou o presídio de Canoas”, ela conta, e mais tarde fico sabendo que o seu namorado trafica na mesma boca que seu irmão. Sua fala me soa permeada por ironia e resignação. A boca onde os jovens trabalhavam (localizada no bairro) é organizada de modo interessante, sendo que cada membro cumpre horário conforme a qualidade de seu trabalho – aqueles que “rendem” ficam com horários menos perigosos, como ocorreu com seu irmão, mas não com seu namorado. A procura pelo serviço e a busca por emprego formal parecem ser reflexões a partir do que ocorreu com seu irmão. Ela conta que ele se sente muito mal, que na “cadeia” tem hora até pra dormir e que ele sairá de lá com uma Bíblia embaixo do braço, “vai tocar outra vida”, como conta que ele prometeu à sua mãe. Seu pai também se tornou religioso na prisão. Ela se mostra preocupada com tudo isso, inclusive com o futuro convívio com o pai e o irmão após terem “entrado pra religião”, com os

⁹ O rapaz iniciou o cumprimento de medida socioeducativa na FASE de Porto Alegre, por homicídio. É interessante que nas falas da sua avó e de Daiane, as referências a prisão e a cadeia sejam constantes. Conforme a técnica, essa é uma visão comum por parte dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa com privação de liberdade. A leitura que os jovens e seus familiares fazem do sistema socioeducativo diz muito sobre suas experiências com relação ao mesmo e as semelhanças que observam com o sistema carcerário.

resultados que seu irmão parece ter encontrado e que teme para si. Jéssica, a amiga que lhe acompanha e também procura emprego, fez parte do Protejo, conta que participava para usar a internet. Mesmo sem ter ninguém próximo com histórico semelhante ao dos familiares da amiga, ela teme a realidade do bairro e diz que busca se afastar desse tipo de coisa, saindo cada vez menos de sua casa. Jéssica se mudou para o Guajuviras há cinco anos, mais ou menos, e hoje mora em um dos condomínios do Minha Casa, Minha Vida. Ainda que de diferentes maneiras, nota-se em seus relatos e trajetórias a coexistência do mundo do crime e da gestão do social, como mundos em disputa. Ao contrário do sentimento de união, Jéssica vive o bairro com medo, saindo pouco de casa e procurando serviços públicos que possam lhe auxiliar a se afastar do “mundo do crime”, enquanto Daiane vivencia a intersecção entre os dois mundos, também percebendo um bairro marcado por conflitos.

Seus relatos remontam também, nos termos de Gilberto Velho (1981), a construção de projetos de vida cuja motivação se mostra atravessada por suas percepções sobre o bairro e as situações de vulnerabilidade urbana que vivenciaram recentemente. Embora possamos pensar na efemeridade que esse projeto pode encontrar na relação com o “campo de possibilidades” com o qual se depara – desde as mudanças que o trabalho formal demonstra enquanto valor e representativo de segurança, a dificuldades de inserção em tal mercado dado a defasagem idade - série que ambas estavam quanto aos estudos, dentre outras questões que permeiam suas realidades. De fato, o trabalho (“encontrar um trabalho”) apareceu com frequência, o que pode ter ocorrido também em razão da “confusão” que citei anteriormente, quanto a visão de que eu fazia parte do Centro de Prevenção as Violências. Ou seja, direcionariam a mim o discurso tido como o que seria esperado por trabalhadores da área social, mobilizando para tanto o seu “acervo de conhecimento a mão” (Schutz, 2003).

O trabalho também seria um meio de resolver seus problemas, no caso das meninas, se afastar dos fatos ocorridos com familiares de Daiane. Quanto a Pablo, jovem que reside em um dos condomínios Minha Casa, Minha Vida e que visitamos na casa de sua avó em outra tarde (anterior ao encontro com as meninas), o trabalho o auxiliaria a reduzir o período da Medida Socioeducativa que cumpria no CPV e a criar o filho que sua namorada esperava. Na ocasião em que o conheci, acompanhava uma visita domiciliar com a técnica e a agente, ele já tinha data para

começar a trabalhar em uma rede de supermercados no centro da cidade. Nesta ocasião deixei combinado com ele outro momento para conversar sobre a pesquisa. Quando o procurei para agendar a conversa, pelo contato da avó, ela me conta que ele se mudou, está morando muito longe. Pergunto então sobre a namorada do rapaz, ela diz que não tem tido notícias da menina. Conversando com a técnica do Centro, fico sabendo que Pablo precisou ir embora por estar “pedido” na comunidade. Ela explica que a namorada de Pablo tem familiares vinculados a uma facção, oposta à que o jovem estava “embolado” e vinha se afastando. A relação entre famílias já era bastante conflituosa, tendo piorado significativamente quando ele e a namorada brigaram, com rumores de que Pablo teria agredido a moça. Desde então, familiares dela o ameaçaram de morte, o que fez com que tenha fugido. A avó não contou nem para a técnica e nem para mim onde Pablo estava vivendo nesse período. As circunstâncias que levam o jovem a se mudar e ao cuidado da avó com sua segurança, desconfiada até mesmo do serviço que atendia o seu neto e sua família, refletem o que viemos abordando ao longo da presente pesquisa. Refere também a fluidez e a dinâmica das vidas desses jovens, onde condições de estabilidade estão pouco presentes.

As tentativas e realizações de entrevistas com os jovens entraram o fim do ano de 2018, período marcado por rituais culturais e religiosos de encerramento de ciclos, das mais diversas formas. Entre os jovens do Guajuviras não seria diferente. Neste período, as técnicas do Centro de Prevenção as Violências receberam orientações dos jovens para que redobrassem seus cuidados com a segurança pessoal. O fim de ano é também momentos de encerramentos, fechamento de contas e acordos entre sujeitos envolvidos com o tráfico de drogas e outras práticas. Parte dos que repassaram essa orientação foram detidos para cumprimento de medida socioeducativa nesse período, pela primeira vez. Eram jovens acompanhados pelo serviço em função de apresentarem em suas trajetórias histórico de exposição as violências. Conheci os pais de um deles (Cássio, 16 anos) em um dia que acompanhava as técnicas do Centro, iniciando o campo. Na ocasião fomos, com o carro de uma das técnicas, entregar cópias impressas do currículo do jovem, marcar novo atendimento e (da minha parte) conversar para agendar uma entrevista futuramente. Ao chegar, fomos atendidas pelo irmão mais novo do jovem, que não estava em casa e mais adiante encontramos seus pais – o pai no seu trabalho e a mãe retornava do mercado – que afirmaram que o jovem estava na

escola, o que deixou as técnicas contentes. O encaminhamento de Cássio ao Centro de Prevenções ocorreu quando o jovem foi expulso da escola por ter entrado armado. Na nova escola desenvolve boas relações e se mostra dedicado. Seu irmão mais velho, Juliano (17) frequentava o serviço para cumprir media socioeducativa, com frequência inconstante. No meio do percurso de cumprimento da medida o jovem inicia namoro com uma moça “crente”, auxilia o cunhado que havia participado das últimas ocupações dos apartamentos do Minha Casa, Minha Vida na mudança e assiste ao assassinato de um jovem, justificativa para que tenha ficado “pedido” na comunidade. Todos os ocorridos perfazem cerca de três meses do segundo semestre do ano de 2018. O motivo de sua medida não fica clara nas conversas, nem mesmo a de Cássio, que inicia na FASE de Porto Alegre, em privação de liberdade.

Quanto ao bairro Mathias Velho, é difícil ter uma visão “comparativa”, dado que no período em que fiz estágio e pesquisa no Guajuviras, estive no Mathias Velho em apenas dois momentos em afazeres do estágio. Nesses momentos meus olhos se direcionavam mais as estruturas dos projetos naquele bairro e em como os colegas de lá se relacionavam com os jovens (a saber, as estruturas eram diferentes. Na época em que estive na Casa da Juventude na Mathias Velho ela estava em um imóvel que não tinha janelas para rua, e a Casa da Cidadania em uma casa bastante acolhedora. Quanto a relação entre técnicos e jovens, percebi que em ambos havia forte aproximação, própria do convívio horizontalizado.) De qualquer forma, o que pude observar foram as conexões que perduram entre os bairros.

A realização do campo no bairro Mathias Velho foi mais complicada, em especial pelos conflitos de horário que dificultaram que eu fosse ao Centro de Prevenção as Violências no dia de referência de atendimento aos jovens em cumprimento de medida. Contudo, as aproximações entre as realidades dos bairros me auxiliaram, de modo que mesmo nas visitas ao Guajuviras pude acessar importantes informações sobre o Mathias Velho. Como exemplo, a namorada de Pablo, cuja história foi brevemente narrada anteriormente, que morava no bairro Mathias Velho antes da gravidez e sua mudança para o Guajuviras. Júlia (15) era atendida pelo CPV de seu bairro, considerada em situação de vulnerabilidade por ter familiares próximos vinculados ao tráfico no bairro e por estar em evasão escolar. Por um período o casal vive na Mathias Velho, com a família dela, e ocorrem

tentativas de retomar os estudos, logo se mudam quando da gravidez, até separarem. O trânsito do casal entre os bairros é marcado também pelas dinâmicas de organizações criminais e de suas ocasionais aproximações, permeadas também por atendimentos dos Centros de Prevenção a Violência.

Pode se observar até aqui nas trajetórias analisadas, o quanto estão permeadas por situações imprevistas, distintas de uma lógica linear e organizada em direção a um objetivo, refletindo o que comumente se entende por “projeto”. Suas vivências são marcadas por estratégias diversas de resposta e enfrentamento as situações que se colocam e lhes exige tais ações.

Os jovens na atualidade parecem desenhar ações com forte viés estratégico nas suas escolhas e decisões, sem que isso represente uma subjetividade construída sob os valores da competitividade e do isolamento. Muito contrariamente, nos encontramos com uma juventude que se preocupa com seu ambiente, além de muito sensibilizado com os desafios do mundo contemporâneo. (Gadea, 2015, p. 26)

Nesse sentido, são representativos de sua geração, a qual se mostra fortemente envolvida com o tempo presente, interessada em desfrutar desses momentos, ao mesmo tempo em que busca meios de solucionar os desafios que lhes são postos, de modo coletivo na maior parte das vezes (Diógenes, 1998; Maffesoli, 1995, 2001, 2006).

Retomando ao ocorrido com Pablo e Júlia, com relação a mudança do bairro Mathias Velho ao Guajuviras e a aproximação de familiares a dinâmicas da criminalidade nos bairros, relembro caso de um jovem que fez parte da Casa da Juventude e que participou das entrevistas que realizei na pesquisa para o trabalho de conclusão. Considero, então, importante resgatar a história do jovem Everton, que a época cumpria medida socioeducativa na Casa, conta que se mudou para o Guajuviras em 2009. Sua mãe tomou a decisão de se mudar do bairro Mathias Velho com os filhos após a morte de dois irmãos de Everton que, segundo ele, tinham envolvimento com o tráfico de drogas no bairro. A mãe vê na mudança um meio de distanciar seus filhos da insegurança que percebia no bairro Mathias Velho. No Guajuviras, Everton tem um irmão mais velho preso. Infelizmente, não foi possível reencontrar Everton para essa pesquisa. Nos dois casos podemos notar as conexões que ocorrem entre os bairros, entre suas histórias e atualidade.

Ainda sobre as trajetórias narradas neste tópico, podemos perceber outro fator em comum entre elas. Não houve referências positivas ao estudo e a maioria dos jovens não está estudando ou está em defasagem. Daiane, por exemplo, conta que iniciou EJA, que considera melhor porque lhe garante uma formação mais rápida e menos aulas durante a semana. Assim como o trabalho, a educação ganha novos significados aos jovens. Pensando na fraca importância que o trabalho recebe como meio de ascensão social, em comparação com gerações anteriores, tem sentido que com a educação ocorra algo semelhante, visto que ela tem significado, grosso modo, um meio de inserção no mercado de trabalho. Uma série de pesquisas aponta a relação entre o período (série/ano escolar) em que estudantes evadem da escola e a idade em que são inseridos no sistema socioeducativo (Gadea, 2015; Rolim, 2014). A escola deixa de propiciar a construção de laços sociais e de projeções de futuro que a tornem interessantes ao jovem, que lhe façam ser e sentir-se parte dela, o que será cumprido por outros espaços e práticas de sociabilidade.

As percepções destes jovens com relação as ações policiais também convergem, a partir de experiências negativas, próprias e/ou de pessoas próximas. Na conversa com Daiane e Jéssica, por exemplo, as jovens moradoras do Guajuviras conhecem os brigadianos que atuam no barro por nome próprio e também por seus apelidos. Afirmam que eles sabem quem são “os donos das bocas” no bairro, “quem manda e desmanda”, mas que preferem implicar com os pequenos, com qualquer um que escolham, e andar com suas sirenes altas pelas ruas do bairro. Daiane ilustra sua fala contando de assaltos que ocorreram próximos a “praça da brigada” e que eles nada fizeram. Entre aqueles que a brigada “escolhe” perseguir, segundo Daiane, estaria seu irmão, alvo de piadas dos policiais. No período do campo para o trabalho de conclusão, jovens que entrevistei tinham relatos bastante semelhantes, em especial da parte dos que estavam em cumprimento de medida socioeducativa. Uma das questões que colocava nas entrevistas era com relação ao que deveria ser feito para que a vida no bairro melhorasse, pela resolução do que considerassem o problema mais grave no mesmo e Everton, que citei anteriormente, foi um dos que citou a própria polícia como principal problema, descrevendo-a como uma “facção”.

Igualando moradores e marginais, a polícia acaba sendo identificada com os bandidos que, como ela, também não respeitam o direito do outro e usam a força para impor a sua vontade (Damico, 2011, 252)

São casos de violência institucional que tornam essa população ainda mais vulnerável e implicam formas específicas de ler tais instituições. O que leva a percepção da polícia como outra facção (ou gangue, enfim, como grupo que também infringe a lei) é construída com base em experiências em que estas agiram de forma a causar insegurança, o oposto do que deveriam garantir. As críticas não se direcionam a polícia em si, mas as práticas violentas direcionadas a quem não seria merecedor, às pessoas inocentes ou com menor poder dentro das lógicas dos coletivos criminais. Por isso, aumento no policiamento nos bairros não é bem-visto, já que não resultaria em enfraquecimento da violência.

Nesse sentido, as visões dos jovens quanto ao trabalho, a escola e a polícia são permeadas por situações de vulnerabilidade social urbana. Presente em todos os casos narrados aqui está de diferentes maneiras, a família, aparentando ser uma rede de vinculação e de apoio importante. Chama a atenção a presença marcante de mulheres na responsabilidade pelos grupos familiares, nos casos vistos aqui, a importância das avós no cuidado dos adolescentes, mesmo quando já saíram de casa, tendo alcançado marcadores sociais por meio dos quais seriam considerados adultos. A família não se limita a laços consanguíneos e a uma organização nuclear e linear, de modo que vizinhos e amigos podem compor esse grupo, na formação de redes de apoio mútuo e de conflito.

De toda forma, retomando Ribeiro (2010), podemos observar que a família, ainda que fragilizada, demonstra certa estabilidade, no sentido de ser um espaço ao qual recorrer, enquanto os bairros, fragmentados e cenários da expansão do “mundo do crime”, tornam-se hiperguetos, com suas diferentes comunidades internas. Ou seja, o bairro já não é capaz de significar uma grande família, e as famílias já apresentam uma série de mudanças em suas formas de organização, representativas também do enfraquecimento dos marcadores sociais que delimitam a passagem do jovem para a fase adulta. O bairro, então, é cenário da formação e atuação de diversas famílias, em seus diferentes formatos, nas quais os laços ultrapassam os vínculos de sangue, o que pode incluir ou excluir os que contrariem o grupo.

É notável que a violência permanece como uma preocupação aos jovens moradores de ambos bairros, bem como as condições precárias e difíceis em que muitos se encontram e as violências por eles sofridas. Como veremos mais

detalhadamente a seguir, as dinâmicas da violência em ambos bairros têm apresentado maior complexidade, com tentativas de domínio dos territórios por facções criminosas de Porto Alegre, contexto em que se produzem os embolamentos.

5. VIOLÊNCIA URBANA, CRIME E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE

A definição do que é crime e do que é violência pressupõe a sua contextualização, nas suas dimensões espaciais e temporais. O crime refere-se sempre a um determinado espaço social, a um determinado quadro normativo e, naturalmente, a uma ordem econômica específica. A noção de crime é, assim, indissociável da modernidade e, por essa razão, intrínseca do processo de globalização. (LOURENÇO, 2013, p.92)

Brincadeira, traquinagem, transgressão, crime: essas categorias parecem consistir em um *continuum* de fronteiras difusas, em que o personagem pode facilmente escorregar de um termo a outro, muitas vezes para sua própria surpresa, em um processo que lembra aquele descrito por Katz (1988) ao comentar o espanto dos jovens que se viam enquadrados juridicamente como “ladrões” por terem cometido furtos vivenciados como uma forma de travessura. (Santo-Sé, Coelho, 2014, p. 346)

A relação entre violência, criminalidade e periferia tem sido objeto de estudo das Ciências Sociais há longa data. Frequentemente, se associa a tal relação o jovem de periferia, do gênero masculino, negro. Tais análises verificam eco no contexto empírico dado que este é o cenário e o ator social mais afetados quando se trata desses temas. A ação policial e outras formas de ação do estado também são abordadas, especialmente pela crítica as condições de trabalho dos policiais e sua frequente associação ao crime, sendo muitas vezes percebida como uma gangue que rivaliza com aquelas formadas pelos jovens de periferia. Quanto as análises referentes a ação do estado, nota-se o tensionamento entre pesquisas que afirmam que o crime se forma e ganha força na ausência do estado e os que problematizam a qualidade da presença e atividade estatal nas cidades, em especial nas periferias.

O presente estudo parte da observação empírica da variação nas taxas de violência no município de Canoas, de mudanças também qualitativas e nas práticas

de sociabilidade relacionadas ao mesmo fenômeno. Nota-se ainda a conexão destes eventos com outros ocorridos na capital, Porto Alegre, fundamentalmente o acirramento das disputas entre facções e o advento de práticas de “espetacularização da violência” (Rosa, 2016) por essas e a emergência de novas práticas de sociabilidade entre jovens que vivenciam alguma forma de envolvimento com as facções.

A violência pode ser entendida como a ação que resulta “da “quebra” dos acordos e regras sociais que permitem e ordenam as relações sociais”, evidenciando a “falta, carência ou transgressão dos dispositivos socializadores existentes” (Gadea, 2015, p. 29). Como crime, entende-se a violação a leis, construídas e regidas no âmbito do estado, tendo como consequência uma série de penalidades. Embora possa ser percebido de diferentes maneiras pelos atores envolvidos, desde quem comete determinado crime até quem julga e penaliza tal ação, a definição do que é crime tem caráter objetivo, descrito nos termos da lei. Dessa forma que podemos quantificar mais facilmente a ocorrência de determinados crimes do que de situações de violência, que englobam uma gama mais ampla de ações.

Nesse sentido, no presente tópico buscamos compreender a violência em sua relação com o contexto urbano de origem dos “embolamentos”. Serão analisadas, para tanto, taxas de homicídio, roubo e furto de carro, tráfico de drogas, mortalidade de adolescentes na região e outros crimes relacionados. Também serão utilizadas notícias e matérias jornalísticas de periódicos da região sobre os referidos temas. Como visto até aqui, pelo histórico dos bairros e pelas narrativas sobre jovens moradores e suas percepções a respeito dos mesmos, a violência é um fator marcante nas trajetórias dos jovens e dos bairros em questão. A vulnerabilidade urbana a qual os jovens e demais moradores destes bairros estão expostos está em muito relacionada a violência.

Em contextos de vulnerabilidade urbana as relações sociais se constroem envoltas a situações de violência diversas, de modo que podemos pensar o diálogo entre tal noção e a de “violência intersubjetiva” nos cenários urbanos, dado que os fenômenos ocorrem em associação um ao outro. A violência intersubjetiva pode ser entendida como frequente exposição a atos violentos, envolvendo fatores “estruturais, conjunturais e institucionais (...) gerando lesões na ordem social e normativa de enorme significação” (Gadea, 2015, p. 34).

A violência urbana então, é analisada como um “regime de ação” que regula as relações sociais nesses contextos na violação as normas postas, evidenciando a imbricação entre tais fenômenos (Machado da Silva, 2010). A violência, ao romper as normas, produz novas normas de relações interpessoais, e pode ser “uma forma de “falar” quando outros meios de expressão social e cultural estão ausentes” (Gadea, 2015, p. 36) Dessa forma,

Além disso, propomos pensar a reorganização dos coletivos criminais e emergência de novas práticas de sociabilidade juvenil ligadas ao delito, por meio da noção de “metropolização da violência”. Tal noção permite pensar a violência como um processo paralelo a ampliação do lócus de ação das facções criminais, as “manchas” (Magnani, 2012) da violência em áreas mais extensas e não limitadas a determinados bairros, e a análise dos pontos onde tem maior presença e repercussão. A dimensão espacial da análise se amplia, como discutido anteriormente, pondo ainda diferentes noções em diálogo.

Nesse sentido, a análise dos dados quantitativos responde a necessidade de verificação da ocorrência dos crimes citados, de fato assim considerados no contexto atual de estudo, tendo sua gravidade e significados diferenciados conforme o ponto de leitura dos mesmos. Distante de uma análise de valor, interessa ter nos dados a evidência de um novo processo de organização dos coletivos criminais, refletindo em novas práticas de sociabilidade e novas visões e experiências com relação a violência. O espaço onde tais fenômenos ocorrem é sempre base da análise, bem como os jovens enquanto principais atores sociais envolvidos nestes. Os referenciais utilizados nesse capítulo abordam a violência por diferentes vias, enquanto fenômeno concreto e quantificável e como componente de lógicas de comportamento. O espaço, a cidade, compreendida como mutuamente constitutiva de seus moradores, espaço de conexões, circulação e desorganização social. (Hirata, 2010)

ECOLOGIA URBANA E METROPOLIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Em relatório realizado pelo Observatório de Segurança Cidadã de Novo Hamburgo com dados referentes a estatísticas criminais no Rio Grande do Sul em 2014 e 2015, Canoas está entre as 20 cidades com maior número de homicídios, latrocínios e roubo de carro. No ranking de homicídios, Canoas fica em 6º lugar, com

taxa de 33,0 por mil habitantes em 2014 e 41,1 em 2015, representando aumento de 24,3%.

A hipótese apontada pelo Observatório quanto a importância da proximidade de Canoas com a capital para sua inserção nas dinâmicas criminais da região converge com a abordagem da escola sociológica de Chicago quanto ao que define como “ecologia urbana”, ou seja, “ênfase nas circunstâncias sociais que levam as pessoas a delinquirem” (Tangerino, 2007, p. 18), relacionado de modo fundamental ao espaço urbano e a qualidade da “organização social” (Gadea, 2013. Hirata, 2010) neste. Em tal abordagem,

a cidade ou organização urbana exerce papel fundamental na definição de áreas onde a criminalidade se faz sentir de modo mais acentuado. Nessas áreas, os controles sociais formal e informal se rarefazem, tornando-as mais propensas ao surgimento e manutenção do fenômeno criminal. (Tangerino, 2007, p. 3)

Em pesquisas baseadas em tal abordagem, a qualidade dos laços e da organização social dos bairros é levada em conta enquanto pontos de extrema importância quanto a criminalidade nesses bairros. A formação de vínculos e de um sentimento comum de vizinhança produziria uma ordem social partilhada pelos moradores, violada nos casos de brigas, roubos, mortes e outras situações que contrariem a ordem cotidiana. A proximidade com o centro da cidade, possibilidade de acesso a serviços e espaços além do bairro também a qualidade da vida dos moradores. Ou seja,

as causas relacionadas aos indicadores criminais estariam relacionadas a outras características ambientais da zona, notadamente o comprometimento dos habitantes com o lugar. (Hirata, 2011, p. 64)

Nesse sentido, com intuito de analisar processos de organização em coletivos criminais do Rio de Janeiro, Luis Felipe Zilli observa um mesmo contexto espacial onde se formam as principais gangues do estado.

Em muitos territórios de ocupação irregular e precária, as mensagens emitidas parecem ser claras: parâmetros normativos legais são relativos. Seja pela ausência de mecanismos adequados de implementação e fiscalização da lei, seja pela conivência consentida com uma situação social iníqua, o resultado é que as regras parecem não valer. Em alguns casos,

esse contexto leva à desorganização em termos de mobilização social e à incapacidade de exercer controles sociais efetivos nas áreas afetadas. Além disso, as origens diversas dos grupos que ocupam alguns desses locais levam a que, já em suas origens, se estabeleçam conflitos e tensões latentes por questões comunitárias que, frequentemente, iniciam ciclos de violência e disputa entre os moradores. (Beato e Zilli, 2014, p. 74)

A formação dos bairros aos quais a presente análise se foca nos mostra que estes são oriundos de movimentos sociais de luta por moradia, formados então por grupos economicamente empobrecidos e unidos por ideais compartilhados, políticos e religiosos. O movimento ocorre em período de abertura democrática no Brasil, e vive sua história com constante presença estatal, especialmente pela via repressiva e na precariedade de suas ações (como o atraso na distribuição das casas da COHAB no bairro Guajuviras). Os anos seguintes nos bairros analisados são marcados pela extensão do “mundo do crime” nos mesmos, em paralelo a extensão da “gestão do social” (Feltran, 2008) e enfraquecimento dos laços comunitários relativos a um processo de hiperguetização (Waquant, 2006).

Além da formação dos bairros analisados, é necessário analisar a formação da região metropolitana de Porto Alegre como parte dos fenômenos urbanos abordados nessa pesquisa. Sua formação é historicamente anterior ao nascimento dos bairros Guajuviras e Mathias Velho, data de 1973, e é atualmente a área mais densamente povoada do estado do Rio Grande do Sul.

Os processos de metropolização são umas das expressões geográficas mais significativas da globalização pelos seus efeitos na reorganização do território e pela sua posição dominante no contexto nacional, decorrente do seu peso demográfico e a sua capacidade de especialização funcional das atividades econômicas. A formação dessas conurbações resulta frequentemente em áreas urbanas desiguais e segmentadas, na aglomeração de espaços descontínuos e de densidades variadas, na segregação socioeconômica e no crescimento de desigualdades espaciais intrametropolitanas. (Lourenço, 2013, p. 97)

A formação da região metropolitana de Porto Alegre reflete todas as características citadas acima por Lourenço (2013). Além de tornar-se principal polo do estado, com desigualdades sociais e espaciais internas, nota-se que é também espaço de formação e organização de coletivos criminais com ações que

ultrapassam fronteiras entre as cidades da região. Nesse sentido, cabe citar umas das conclusões de Schabbach a respeito do crime organizado no Rio Grande do Sul. (2011, p 188)

Na Região Metropolitana [de Porto Alegre], concentra-se a nova criminalidade organizada (tráfico de drogas, roubo de veículos), que lá se originou e continua se fortalecendo. As taxas metropolitanas, além de crescentes exibem valores mais altos [em comparação com outras regiões socioculturais do estado], principalmente de crimes patrimoniais. (2011, p 188)

Mais do que características sociais, espaciais e econômicas de uma cidade para compreender a formação de tais coletivos, seria necessário conhecer as realidades partilhadas pelas cidades da região, em especial pelas áreas dessas cidades onde o fenômeno se expande. Os principais estudos sobre as gangues, por exemplo, analisavam sua área de origem, principais características e conexões com outras áreas da cidade. Considerava-se então que

A gangue seria assim uma forma de interação social encontrada nos interstícios da fraqueza de controle social do repertório cultural da comunidade de origem e do isolamento produzido pela chamada sociedade dominante. (Hirata, p. 63, 2010)

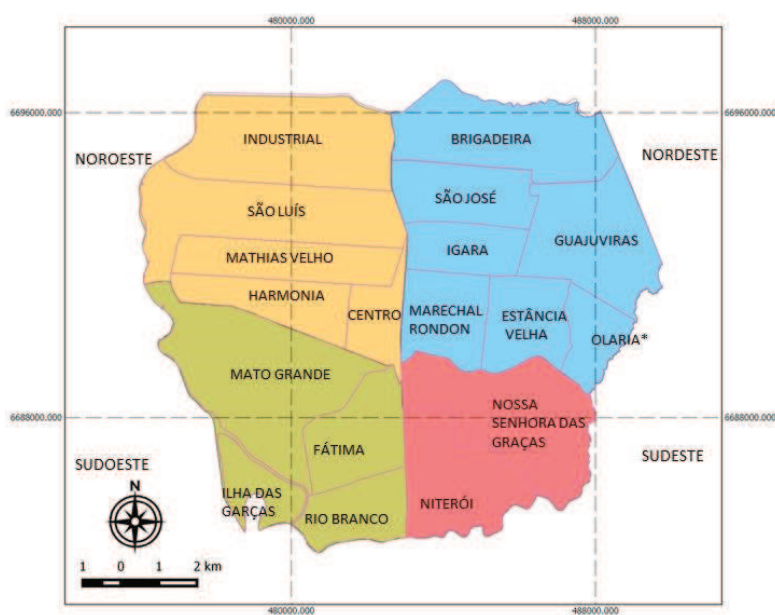
No presente contexto de análise, considero que fenômenos como a metropolização da violência “atualizam” essa definição. A comunidade se amplia em função dos contatos entre grupos de diferentes periferias por meio da proximidade geográfica (contexto social, econômico e espacial semelhante) e das novas tecnologias de informação e comunicação, de modo fundamental os aplicativos de comunicação instantânea e as redes sociais da internet.

A análise de outros fatores ligados ao contexto urbano, como o apresentado no relatório anteriormente referido, é de extrema importância para compreensão do fenômeno dos “embolamentos”, pensados até aqui enquanto novas formas de sociabilidade fortemente vinculadas as novas dinâmicas da violência e da organização de coletivos criminais nessas áreas. Nesse sentido, mais uma vez pensamos os bairros Guajuviras e Mathias Velho em sua participação nas dinâmicas da região metropolitana, em especial com a cidade de Porto Alegre.

Partindo de tal hipótese, torna-se relevante verificar a localização dos bairros Guajuviras e Mathias Velho no município. Para tanto, faz necessário rever a

organização da cidade em quatro quadrantes (também chamados “distritos”) – sudeste, sudoeste, nordeste e noroeste – conforme mapa abaixo. Como se vê, os bairros Guajuviras e Mathias Velho localizam-se nos quadrantes Noroeste e Nordeste.

MAPA DIVISÃO TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE CANOAS, QUADRANTES E BAIRROS



Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Geocanoas/ICXXI.
Elaborado: Diretoria de Vigilância Socioassistencial e Gestão da Informação

Figura 2: Mapa de Canoas. Fonte: SMDS e Geocanoas/ICXXI

Além disso, o município de Canoas é “cortado” pela linha do trem, que atravessa a cidade. O trem tem importância extrema para o município de Canoas desde sua formação, que ocorre com a construção da estrada férrea em 1854, batizada Capão das Canoas (Koerich, 2018) Nota-se também que o bairro Mathias Velho tem maior aproximação com o centro da cidade, enquanto o Guajuviras encontra-se mais distante, fazendo divisa com os municípios de Esteio e Cachoeirinha. Ao mesmo tempo em que a linha do trem facilita o acesso de Canoas a outras cidades da região metropolitana, dificulta o trânsito em seu interior, tornando precário o acesso dos moradores de um lado a outro da cidade.



Figura 3: Mapa das cidades por onde passa a linha do metrô

Embora tenhamos verificado a importância da linha férrea e da linha de trem que atualmente atravessa Canoas para a mesma, este também é de extrema importância para a formação e manutenção das relações sociais na região metropolitana. Responsável pelo contato entre os moradores no transitar para seus compromissos e interesses, e em seus encontros. É nesse sentido que se observa um fenômeno comum entre os moradores das cidades cobertas pelo trem que é o fato de acessarem diferentes cidades dessa região em seu cotidiano. Ainda que não seja possível verificar a relação entre tal meio de transporte e as questões relativas a violência que buscamos abordar, esse é essencial para a formação da região metropolitana.

Partindo da abordagem da “ecologia urbana”, analisaremos taxas criminais referentes ao município de Canoas, especialmente quanto aos bairros Guajuviras e Mathias Velho e com foco na população jovem. A incidência de crimes que demonstram ligação com coletivos criminais da capital gaúcha, como observado na hipótese apresentada no relatório citado, indica processo de “metropolização da violência” e inserção dos bairros Guajuviras e Mathias Velho em dinâmicas mais amplas quanto ao lócus da violência urbana.

No relatório Indicadores criminais¹⁰ do Observatório da Segurança Pública de Canoas são analisadas taxas relativas a mortes violentas e a letalidade juvenil no município e “Territórios de Paz” no período que vai de 2009 a 2016. A categoria “mortes violentas” inclui homicídios, latrocínios, encontros de cadáveres e as mortes resultantes dos confrontos com as forças policiais. Tratam-se de mortes causadas pela ação humana, intencional ou não, sendo importante indicador dos crimes na cidade. No período analisado pelo Observatório de Canoas há redução de 20,1 na taxa de mortes violentas por 100 mil habitantes. Entretanto, na comparação ano a ano, no período de 2014 a 2018, como é objetivo deste estudo, vemos que houve aumento no ano de 2017, onde 127 dos casos foram homicídios, com retorno a redução no primeiro trimestre de 2018. É notável também que, no período analisado neste estudo, a variação nas taxas de mortes violentas mantém um certo padrão, sempre acima de 30, sem conseguir retomar a redução alcançada em 2011 e 2012. Contudo, não há precedentes de retorno as taxas verificadas em 2009.



Figura 4 Taxas de mortes violentas de 2009 a 2018/ OSP Canoas

O que a frequência nas taxas de mortes violentas nos mostra é o emprego de diferentes tipos de intencionalidade para a ação, que pode guardar ligação com práticas criminais organizadas e relacionadas ao avanço de facções criminais no município. O relatório de Indicadores Criminais referente ao primeiro trimestre de 2018 em Canoas, de autoria do Observatório de Segurança Pública, nos mostra quais as regiões e os bairros com maior incidência desses crimes.

¹⁰ Indicadores criminais Mortes violentas em Canoas Letalidade juvenil e Territórios de Paz de 2009 a 2016 Versão revisada em 2017, disponível em: <<https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/Relat%C3%B3rio-Mortes-Violentas-2016-atualizado-vers%C3%A3o-para-SITE.pdf>>

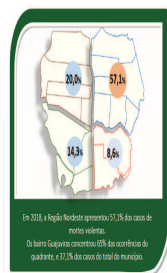


Figura 5: Mortes violentas no primeiro trimestre de 2018 por região de Canoas

A seguir, temos dados referentes às ocorrências de morte violenta por bairro, faixa etária e local, referente ao período de 2014 a 2016, condensado.

Tabela 1 Mortes violentas por bairro, faixa etária e local – 2014 a 2016

LOCAL E FAIXA ETÁRIA	BAIRROS			Total geral
	Guajuviras	Harmonia	Mathias Velho	
Domicílio	6	12	17	35
5 a 9	0	0	1	1
15 a 19	1	1	3	5
20 a 24	2	1	4	7
25 a 29	1	1	3	5
30 a 34	1	2	2	5
35 a 39	0	3	1	4
40 a 44	1	0	1	2
45 a 49	0	3	1	4
mais de 60	0	1	1	2
Estab. comercial	0	1	9	10
15 a 19	0	0	1	1
20 a 24	0	0	1	1
25 a 29	0	0	3	3
30 a 34	0	0	1	1
35 a 39	0	0	1	1
50 a 54	0	0	1	1
55 a 59	0	1	0	1
mais de 60	0	0	1	1
Outros	1	0	0	1
Não informado	1	0	0	1
Veículo	0	0	1	1
15 a 19	0	0	1	1
Via pública	51	33	53	137
10 a 14	1	1	0	2
15 a 19	9	4	10	23
20 a 24	17	9	8	34
25 a 29	9	3	13	25
30 a 34	5	6	11	22
35 a 39	7	4	4	15
40 a 44	1	2	1	4
45 a 49	1	1	1	3
50 a 54	1	2	2	5
55 a 59	0	1	0	1
Não informado	0	0	3	3
Total geral	58	46	80	184

Nota-se maior incidência nas faixas de 15 a 29 anos em via pública. Notícias de jornais da região retratam casos em que crimes contra a vida ocorrem como vinganças, boa parte em via pública. No bairro Mathias Velho, no ano de 2016, foi caso marcante o assassinato da mãe de um jovem no Beco das Antenas, considerado, a princípio, ocorrido por engano já que os tiros teriam ocorrido a esmo, e posteriormente como intencional. O jovem, de então 26 anos, tinha antecedentes criminais por tráfico de drogas, foi ferido na coxa. Suspeito de ter ordenado o crime por vingança estava preso na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas, que

seria chefe de uma quadrilha de traficantes e responsável pela formação de uma das facções investigadas na Operação Cova Rasa. O crime vingaria o sequestro de sua namorada, ao qual foi pedido resgate de quarenta mil reais. Policiais entrevistados na referida matéria jornalística não confirmam as suspeitas, mas referem ação de grandes facções como meio de mostrar poder a grupos menores.

Além disso, na busca por notícias relacionadas a crimes como homicídio, roubo e tráfico, são muitas as que apresentam casos em que jovens são mortos em via pública por atiradores do interior de seus carros, aparentemente a esmo, e sem serem reconhecidos.

O número de ocorrências no domicílio também é significativo, podendo englobar casos de feminicídio ou ainda de atentados contra a vida enquanto “acerto de contas” programado. Em 2017, no bairro Guajuviras, um jovem de 20 anos com antecedentes criminais foi assassinado em sua casa no Setor 3 por um indivíduo armado que rendeu sua mãe. O grupo disparou pelo menos 28 vezes contra o jovem, no pátio da residência.

Em levantamento organizado sobre as motivações de homicídios, pelo Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania da UFRGS, com relação a Canoas, os entrevistados referem o tráfico de drogas como principal motivo. Apontam os bairros Guajuviras e Mathias Velho, seguidos pelo bairro Rio Branco, onde os casos ocorreriam próximo à residência das vítimas, o que é interpretado como característico de maior “organização” na motivação dos homicídios, ou seja, que estes sejam possivelmente relacionados a acertos de contas ou outras ações ligadas ao tráfico de drogas. Nesse sentido, os números e relatos analisados corroboram com a hipótese levantada pelo Observatório de Segurança Cidadã de Novo Hamburgo.

Na comparação do total de ocorrência entre os bairros Guajuviras e Mathias Velho observa-se que o primeiro apresenta taxas menores, totalizando 58 casos enquanto Mathias Velho chega a 88 casos. O inverso ocorre no gráfico com mapa da cidade, elaborado pelo Observatório de Canoas, referente a 2018, e anteriormente apresentado, onde o bairro Guajuviras concentra a maior parte das ocorrências. Nesse sentido, observa-se uma mudança na dinâmica da criminalidade. Ainda que não seja possível analisar se houve redução no bairro Mathias Velho, o aumento no Guajuviras fica evidente, e pode estar relacionado a outras práticas criminais e a reorganização dos coletivos criminais.

Com relação ao meio empregado, na análise da série de 2009 a 2017 pelo Observatório de Segurança Pública de Canoas, temos que 87,3% dos casos foram por meio de armas de fogo. Quanto ao perfil das vítimas, os três relatórios analisados mostram que a maior parte delas tem antecedentes criminais (73% em 2016, 70,6% em 2017 e 74,3% em 2018). Este padrão implica a possibilidade de que as mortes tenham relação com o crime cometido pela pessoa assassinada, em especial pela rede de sociabilidades em que se inseriu em função do crime. Pode se inferir, nesse sentido, que há uma lógica de acerto de contas, cobranças, disputas em coletivos criminais rivais e outras lógicas.

Com relação a letalidade juvenil, temos o gráfico a seguir:

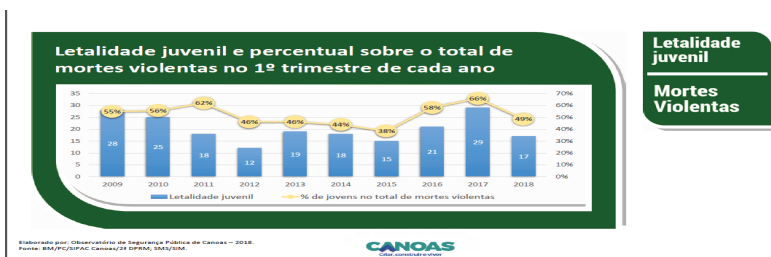


Gráfico 1: Letalidade juvenil -

2009 a 2017

O ano de 2017, além de ser o que mostra aumento nas taxas de mortes violentas, é o que tem maior percentual de letalidade juvenil, ou seja, pode-se afirmar que a maior parte das vítimas de mortes violentas (homicídios, em sua maioria) foram jovens. É também o ano com maior índice de roubo de carros no município. Como se viu anteriormente são muitos os casos em que jovens são assassinados por atiradores em seus carros, não sendo reconhecidos. Investigações posteriores frequentemente verificam que o carro utilizado é fruto de roubo. Além disso, as taxas de mortalidade juvenil de Canoas seguem padrão semelhante a outras cidades metropolitanas do Brasil e outros países. Como visto anteriormente e verificado pelos dados analisados, são os jovens de periferia os atores sociais mais expostos aos riscos relacionados a violência urbana.



Gráfico 2: Roubo de veículos 2012 a 2018/Mapa por regiões

Abaixo, vemos os bairros onde houve alta concentração de roubo de veículos em Canoas, em 2017 e 2018.

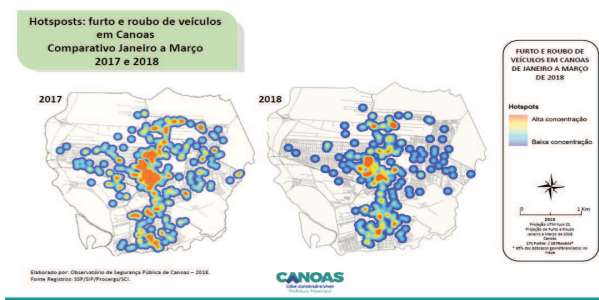


Figura 6: Hotspots roubo e furto de veículos - 2017 e 2018

Observa-se que os bairros Guajuviras e Mathias Velho não estão entre os que concentram maiores taxas de roubo de carro. O mapa de 2017 mostra que os *hotspots* encontram-se próximos ao bairro centro. O bairro Niterói, no quadrante sudeste e localizado próximo à divisa com os municípios de Cachoeirinha e Porto Alegre, apresenta altos índices nos dois anos analisados. Dessa forma, pode-se inferir que os carros utilizados em crimes cometidos nos bairros Guajuviras e Mathias Velho teriam sido furtados nas proximidades do centro e do bairro Niterói.

O que se observa até aqui são fatores importantes para compreender o fenômeno dos “embolamentos”. Primeiramente, a maior ocorrência de crimes ligados ao tráfico de drogas nos bairros Guajuviras e Mathias Velho, resultando em alta taxa de mortes violentas e letalidade juvenil nestes. Tais fatos corroboram a hipótese de reflexo de um processo de maior organização das facções criminais da capital que ampliam seu poder e locus de ação na região metropolitana, em especial nos bairros de periferia que compartilham experiências de vulnerabilidade social, estigmatização e enfraquecimento dos laços sociais comunitários que lhe deram origem. A violência urbana, dessa forma, mostra-se também como um processo, ou seja, como fenômeno dinâmico, móvel, próprio do contexto social em que se produz.

A análise dos dados referentes a incidência de tais crimes – homicídios e tráfico de drogas – mostra o quanto o contexto onde os “embolamentos” tem se desenvolvido está permeado por situações de violência. Além disso, nos mostra as conexões que existem entre as dinâmicas criminais ligadas a cada um destes delitos. Por meio da análise do impacto do narcotráfico na dinâmica dos homicídios e roubos em 32 metrópoles da América Latina, Amorim (2013) identifica a correlação entre os delitos de roubo e homicídio com a estruturação do “mercado de drogas”. Sua pesquisa constata “papel decisivo do tráfico de entorpecentes sobre a prevalência dos outros dois crimes” (Amorim, 2013, p. 82). Nesse sentido, tendo como recortes temporais os anos de 2006 e 2011, Amorim (2013, p. 83) afirma que:

a correlação entre esses delitos é menor quanto mais estruturado estiver o mercado de drogas. Sendo assim, podemos estar diante de um momento de consolidação de organizações criminais [. Em períodos de menos disputas, dentro de uma visão continental passou a ser menos frequente entre a PCC¹¹ ligada às drogas.

Nesse sentido, no próximo tópico nos detemos a análise do processo de organização que os coletivos criminais atuantes no município de Canoas, nos bairros Guajuviras e Mathias Velho de modo fundamental, apresentam. Considerando o processo de metropolização da violência, procuramos analisar também o contexto das facções da capital, tendo em conta que estes processos impactam na formação e organização dos embolamentos em Canoas.

¹¹ Sigla usada pelo autor que significa população criminal carreirista, ou seja, sujeitos que foram presos diversas vezes.

PROCESSOS DE (RE) ORGANIZAÇÃO DOS COLETIVOS CRIMINAIS

Conforme Zilli (2011) e Beato e Zilli (2014) é possível observar certo padrão nos processos de (re) organização dos coletivos criminais em contextos urbanos. Por meio da análise de dados referentes a casos de homicídio e ação de gangues no Rio de Janeiro, e de revisão bibliográfica sobre a temática, os autores desenvolveram três fases referentes a esse processo, quais sejam: 1) Conflitos e crime desorganizado; 2) Competição e extinção e 3) Mutualismo e controle de mercados. Procuo aqui analisar a organização dos coletivos criminais na capital e em Canoas, com foco voltado aos bairros Guajuviras e Mathias Velho, considerando que os embolamentos podem estar inseridos nesses processos, originados e/ou parte destes. Para tanto, retomo a busca de notícias em periódicos da região, disponíveis online, relatos produzidos nas entrevistas e dados referentes a inserção de adolescentes dos bairros em questão no sistema socioeducativo em regime de privação de liberdade.

Assim como Beato e Zilli (2014), o “processo de estruturação de atividades criminosas em favelas brasileiras” é compreendido aqui como não linear, podendo apresentar variações conforme contexto de análise, dado que fatores relativos ao meio onde ocorre são essenciais. Em diálogo com a abordagem que adotamos neste estudo, os autores afirmam:

Dentro da perspectiva dos sistemas complexos, o processo de estruturação de atividades criminosas vinculado às gangues desenvolve-se de maneira não linear, com graus variados de complexidade, que oscilam em função de diferentes contextos internos e externos. Trata-se, portanto, de tentar compreender o caráter de auto-organização assumido por estes elementos, identificando em que medida suas formas de organização impactam os processos de estruturação de atividades criminosas e, ao mesmo tempo, têm sua própria estrutura modificada ou impactada pela complexificação dessas atividades. (Beato, Zilli, 2014, p. 75)

Nesse sentido, assim como podemos pensar na metropolização da violência como um processo, dinâmico e com lógicas próprias, a organização dos coletivos criminais ocorre de modo semelhante e, de fato, como componente deste fenômeno. Em outras palavras, os processos de metropolização da violência e de (re)

organização dos coletivos criminais ocorrem de modo paralelo e mutuamente constitutivo.

Dentro do período analisado, de 2014 a 2018, temos que é no ano de 2017 que as taxas de homicídio se mostram mais altas, da mesma forma a letalidade juvenil e crimes como roubo e furto de veículos. No ano anterior, 2016, ocorre o assassinato de Thiaguinho e Macaco em um campo de futebol em Gravataí, os jovens eram moradores do bairro Guajuviras, e supostamente eram traficantes “independentes”. Também já citada, em 2017, ocorre a “chacina da borracharia”, na qual quatro homens são assassinados no bairro Guajuviras. Em busca de notícias do ano de 2017 nos dois bairros, são muitos os casos de assassinatos de jovens e adolescentes por pessoas dentro de carro, raramente identificadas. Nas recorrentes entrevistas com delegados de polícia nestas notícias, o tráfico de drogas e a disputa territorial entre facções criminosas aparecem como motivo da ação.

É neste ano também que ocorre a superlotação da Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA) de Canoas.

Segundo a polícia, hoje são 20 homens detidos, sendo 18 nas quatro celas, que teriam espaço para apenas duas pessoas em cada. Outros dois presos estão em viaturas da Brigada Militar, no pátio da DPPA. Alguns destes presos estão há 18 dias aguardando por uma vaga no sistema prisional. “Estamos pedindo, vários colegas mobilizados, mas até agora não abriu nenhuma”, comenta uma plantonista que prefere não ser identificada. Pelo menos dois homens estão feridos em celas e precisam de medicamentos, o que não está ocorrendo por falta de pessoal. A comunicação com os presos, tanto da família como por advogados, também está prejudicada conforme o delegado plantonista Marcos Machado. “Esta situação é mais crítica, porque é inconstitucional. Não temos como permitir, porque não temos carceragem”, ressalta o delegado. A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no Estado visitou a delegacia na quarta-feira (25). O presidente da comissão, Ricardo Breier, afirmou ter oficiado o governador sobre a situação encontrada e garante cobrar providências imediatas. “A manutenção de detentos nas unidades de polícia é ilegal, irregular e coloca em risco a sociedade. Se houver alguma fatalidade a responsabilidade será do gestor do Estado”, alerta.¹²

¹² Ver: Delegacia superlotada abriga presos há mais de duas semanas. Disponível em: <<http://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2017/01/noticias/regiao2064778delegaciasuperlotadaa brigapresoshamaisdeduasemanas.htm>>

A superlotação da DPPA de Canoas está inserida em momento de crise na segurança pública no estado. O período foi marcado por grande aumento nas taxas de crimes como latrocínio, roubo de veículos, homicídios dolosos e o parcelamento nos salários de policiais da brigada militar, além do já citado acirramento nas disputas entre as facções da capital¹³. É significativo que Canoas seja uma das principais cidades a receber os impactos da dita crise, ainda que seja a que mais investe nesta área no âmbito da gestão municipal.

No comparativo do período em análise, os anos de 2016 e 2017 também são os que têm maior número de adolescentes oriundos dos bairros Mathias Velho e Guajuviras em regime de internação e restrição de liberdade na FASE¹⁴, em Porto Alegre. Em 2016, os principais atos infracionais cometidos foram: roubo (12), homicídios (4), tentativas de homicídio (4) e tráfico de drogas (1); em 2017, roubo (7), homicídios (4), tentativas de homicídio (2) e latrocínio (1). Estes são os anos em que o delito do “roubo” tem maior incidência, sendo que 2016 é o que apresenta índices mais altos. Conforme Gadea (2015), embora o ato infracional do homicídio seja o que ganha maior repercussão na grande mídia, não é o principal praticado por adolescentes e jovens, da mesma forma, a prática delitiva por parte dos adolescentes é empiricamente menor do que o que tem sido alimentado por tais discursos, especialmente se comparado a população com mais de 18 anos. Analisando dados referentes aos delitos cometidos por adolescentes dos “Territórios de Paz” de Porto Alegre, verifica também maior incidência do crime de roubo sobre o homicídio ou tráfico de drogas e afirma que cada ato infracional tende a apresentar lógicas de ação distintas. O roubo, por exemplo, tende a ser praticado como

“delito racionalmente vinculado ao “universo de carências materiais e simbólicas” e a modelos de sociabilidades específicos em relação direta com o estabelecimento de status sociais de reconhecimento intersubjetivo” (Gadea, 2015, p. 80)

O roubo na maior parte dos casos é praticado como meio de ter acesso a bens inacessíveis de outras formas e necessários para a inclusão em determinados grupos. Não só o bem conquistado por meio do roubo como o ato do roubo em si podem ser necessários para a aceitação e afiliação ao grupo, marcando a passagem

¹³ Ver: Júlia foi baleada no rosto; Anderson, levado pelo tráfico: as razões da violência sem precedentes em Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37758073>>

¹⁴ Dados disponibilizados pela Assessoria de Informação e Gestão da FASE, referente ao mês de novembro de cada ano.

a uma nova forma de sociabilidade, que em casos como aqueles nos quais os laços sociais vinculantes estão enfraquecidos ganham maior significado e importância. Nesse sentido, a relação entre o delito do roubo com ações ligadas ao tráfico não é evidente, notando-se que o número de jovens detidos pelo delito de tráfico de drogas é bastante inferior.

Chama atenção ainda, no período de 2016 – 2017, o número de jovens inseridos no sistema socioeducativo por homicídio ou tentativa de homicídio, maior que os anos anteriores (em 2014 foram 3 homicídios e 2 em 2015, sem registro de casos de tentativa de homicídio nesse período). Considerando que a inserção dos jovens nas “gangues” pode ocorrer pela via do roubo, em função de ser o delito mais praticado quando este se “transforma” em ladrão e passa a fazer parte de tais dinâmicas, as taxas de homicídio em 2016 e 2017 podem estar relacionadas a um novo processo de inserção dos adolescentes nessas lógicas. Outra possibilidade é que, em se tratando de dados referentes ao regime de internação, a “entrada” do adolescente em práticas de sociabilidade desse tipo tenha ocorrido anteriormente, resultando em medidas socioeducativas de meio aberto. De toda forma, o aumento nos índices do ato infracional de homicídio entre os jovens oriundos do Guajuviras e Mathias Velho em privação de liberdade na FASE não está descolado do aumento deste crime nos bairros no mesmo período, bem como das taxas de letalidade juvenil. Assim, observa-se a participação dos jovens destes bairros no aumento das taxas de homicídio, como vítimas ou agentes.

Dessa forma, os dados, notícias e relatos analisados quanto ao período de 2014 até meados de 2016 se assemelham aos descritos como próprios da primeira fase de organização dos coletivos criminais. Suas ações têm caráter societário mais forte que o econômico, algo como o observado entre os “embolamentos” no período da pesquisa de campo no bairro Guajuviras para o trabalho de conclusão de curso. Estes pareciam formar-se com forte vínculo territorial e ligados a práticas voltadas ao lúdico, com ocasionais aproximações a ação delitiva.

Em seus estágios iniciais, a organização social do crime parece pautar-se por uma lógica mais societária do que propriamente econômica. O caráter fragmentado das atividades criminosas, sem controle ou articulação mais sistematicamente estabelecida, leva a crer que muitos dos episódios de violência entre atores e grupos locais ocorrem por motivos banais, movidos por infundáveis sequências de vingança e conflitos localizados. Isso denota um processo que, em termos analíticos, pode ser definido como uma

espécie de primeira fase de estruturação de atividades criminosas. (Beato, Zilli, 2014 p. 77)

De outra forma, de fins de 2016 a 2017, os coletivos criminais atuantes nos bairros Guajuviras e Mathias Velho parecem inserir-se na segunda fase de organização, na qual suas ações se direcionam a competição para a extinção dos rivais. O uso de arma de fogo e o aumento nas taxas de homicídio são marcantes desta fase.

a partir do momento em que grupos armados ou gangues passam a envolver-se em modalidades criminosas mais complexas, tal envolvimento passa não apenas a orientar suas formas de atuação e modos de organização, como também provoca inevitáveis rearranjos nas estruturas e nas redes de poder local. Geralmente, os períodos de reorganização são marcados por muitos conflitos entre os grupos e elevação do número de mortes. Assassinatos em massa e enfrentamentos com a polícia dão a tônica do período, levando para as comunidades uma forma de domínio exercida quase que exclusivamente por meio do terror. (Beato, Zilli, 2014 , p. 77)

Aumento no encarceramento observado nesse período pode ter auxiliado o avanço à fase dois de organização dos coletivos. Como vimos quanto a formação e organização das principais facções do Brasil, a superlotação dos presídios foi fundamental em suas histórias, nas suas ações e fortalecimento. Esse é período também de abertura da penitenciária de Canoas (PECAN) a qual tem seu projeto pensado para não receber membros de facção como meio de manter o controle da mesma nas mãos do estado.

A participação de policiais violentos e corruptos também é significativa, e aqui podemos lembrar os relatos que narram as ações da Brigada Militar no Guajuviras, a qual conheceria pessoalmente as lideranças do tráfico no bairro e manteria sua atuação em respeito as mesmas. Com relação aos embolamentos, nas últimas entrevistas realizadas são referidos como elos entre facções, sendo comum a associação do termo aos “anti-bala” que seria então um embolamento formado por membros de facções opostas aos Bala na Cara, uma das principais facções de Porto Alegre e região.

Já na terceira fase ocorre o que Beato e Zilli (2014) chamaram de “mutualismo e controle de mercados”, ou seja, ações por parte dos próprios coletivos

que visam a redução nas mortes violentas, além da ampliação dos mercados dominados para além do tráfico de drogas.

A partir do momento em que há o enfraquecimento das gangues ligadas a uma determinada facção e inicia-se o predomínio dos grupos vinculados à outra, consolida-se uma espécie de processo seletivo que naturalmente tende ao controle dos mercados ilícitos. O que caracteriza essa fase é uma tentativa de minimizar conflitos entre grupos mediante formas radicais de controle de mercado, incluindo aí a eliminação ou a prisão de competidores. Além disso, parece haver uma expansão das atividades comerciais, que agora não se limitam apenas ao tráfico de drogas, mas estendem-se a outros tipos de atividades ilegais como a venda informal de serviços e bens públicos – gás, transporte e segurança e TV por assinatura. (Beato e Zilli, 2014, p. 78).

As articulações em parceria entre facções e polícia ou outros agentes do Estado também é próprio dessa fase e os autores citam como exemplo mais marcante as milícias no Rio de Janeiro. Como visto, em Porto Alegre, fundamentalmente no interior do Presídio Central, tem-se a associação entre facções e agentes do estado na organização e gestão do mesmo. Além disso, o controle de outros comércios, como lancherias e estéticas e a venda de gás e TV por assinatura já são realidades entre as facções da capital em expansão na região metropolitana.

Assim, a cooperação entre grupos e a cooptação de policiais pode ser uma alternativa melhor do que a guerra entre facções. Violência em excesso não é uma boa opção para grupos que passam a se pautar crescentemente pela lógica econômica e pela expansão de mecanismos de controle e monopólio de mercados. (Beato, Zilli, 2014 p. 78)

Nesse sentido, podemos afirmar que as principais facções com lócus e atuação em Porto Alegre parecem estar na terceira fase de organização. Entretanto, os autores colocam também como característico dessa fase a organização política desses coletivos, próximos aos partidos, aos processos eleitorais e outros relacionados. Não há base para análise e extrapola os objetivos dessa pesquisa a verificação deste fator entre as facções de Porto Alegre atuantes também em Canoas e outras cidades da região. Além disso, não se observa em Porto Alegre, até o momento, a redução nas taxas de homicídio que também seria característica

dessa fase, como ocorrido em São Paulo onde a organização e o caráter hegemônico do PCC podem ser responsáveis por tal fenômeno.

Notamos então, entre os embolamentos dos bairros Mathias Velho e Guajuviras, o entrelaçamento com as diversas situações de violência intersubjetiva, em especial os processos de reorganização dos coletivos criminais na região. Dessa forma, evidencia-se a importância que a violência apresenta em tal prática de sociabilidade, considerada como eixo central para a mesma à medida que se desenvolve e se modifica em paralelo a dinâmicas da criminalidade.

SOCIABILIDADES JUVENIS EM ASSOCIAÇÃO AO DELITO

OS “NÓS” DO EMBOLAMENTO *ENTRE* BONDES E FACÇÕES: NEOTRIBALISMO E ENRAIZAMENTO DINÂMICO

A localização dos “embolamentos” *entre* facções e bondes apresenta-se como característica que os diferencia destes, representando o que o torna “novo”. Os significados atribuídos à violência tornam-se mais complexos, nebulosos, podendo trazer em si a associação de diferentes motivações. É nesse sentido que se propõem o *entre*, indicando o constante trânsito entre diferentes tipos de sociabilidade violenta. Para tanto, as metáforas do “nomadismo” e da “neotribalização” como proposta por Maffesoli (2001, 2006) nos auxiliam a compreender e analisar as questões postas pelos “embolamentos”.

“O paradoxo é a marca essencial desses momentos cruciais (...)” afirma Maffesoli (2001) em referência à sociedade contemporânea. Exemplo marcante está no fenômeno que o autor identificou como “neotribalização”, ou seja, ao retorno de certo “arcaísmo” notável nesse tipo de sociabilidade que se opõem ao individualismo moderno. Grupos de jovens nas grandes metrópoles são principais representantes desse novo modelo, porém, não os únicos. O paradoxo está justamente no “retorno”, quer dizer, em uma sociedade que vinha se pautando por um ideal de progresso linear, a re-valorização de práticas do passado em contexto de forte culto ao tempo presente.

As tribos urbanas, nesse sentido, representam um novo “sujeito coletivo”, onde o indivíduo se “desindividualiza” e passa a existir na relação com seu grupo de pertença. De fato,

O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social. (...) Ao contrário do universalismo abstrato, próprio das filosofias modernas, o tribalismo coloca em jogo um processo complexo feito de participação mágica, de interações múltiplas, em harmonia com as pessoas e as coisas. (Maffesoli, 2007, p. 100 – 101)

No interior das tribos, a amizade, os laços e os afetos ganham importância. Aos jovens das sociedades de massa, as tribos podem significar refúgio, onde encontram espaço para quem são coletivamente e compartilhar suas experiências. O retorno da importância dos laços afetivos e próximos, conforme Maffesoli (2000), ilustra um momento de “reencantamento do mundo” em oposição ao “desencantamento” causado pela burocracia da sociedade moderna. Neste mundo novo e paradoxal o “encanto” das tribos impacta e convive no mundo “desencantado”.

A tribo forma-se como espécie de “comunidade” integrante da sociedade. A valorização do ócio e do que autor identificou como paradigma *estético* – emocional, coletivo – em oposição ao paradigma *político* – projetivo, individualista – também se apresenta como importante traço das tribos urbanas. Assim, o objetivo das tribos pode ser lido como ausência de objetivos, próprio de uma prática hedonista, fundado na experiência de “estar junto”. Conforme o autor:

Antes de qualquer outra determinação ou qualificação ele [o estar junto] consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma *cultura* sua força e sua solidez específicas. Em seguida, **essa espontaneidade pode se artificializar, quer dizer, se civilizar e produzir obras (políticas, econômicas, artísticas) notáveis**. Sempre será necessário, entretanto, mesmo que seja apenas para apreciar suas novas orientações (ou reorientações), retornar à forma pura que é o “*estar-junto à toa*”. Com efeito, isso pode servir de pano de fundo, de elemento revelador para os novos modos de vida que renascem sob nossos olhos (MAFFESOLI, 2000,p.115)

Ao abordar os embolamentos em sua pesquisa, Brusius (2017) busca justamente na noção do “estar junto a toa” explicação para o fato de os jovens dos embolamentos não demonstrarem objetivo evidente quanto a fazer parte deste ou mesmo quanto a se envolver em situações de violência. Partindo de tais

características, a autora propõe aproximação entre os embolamentos e os bondes, de modo que poderiam ser lidos como espécie de contínuo. Em se tratando dos embolamentos de Canoas, observamos que estes apresentam uma vinculação com facções de Porto Alegre onde atividades ligadas ao tráfico de drogas podem ser consideradas como seu objetivo, conforme seu grau de organização. Nesse caso, a análise dos embolamentos por meio de tal noção poderia tornar-se problemática. Contudo, não podemos descartar a importância estética e identitária que as facções cumprem com relação aos embolamentos. A violência mesmo por parte das facções já não parece ter seu objetivo encerrado no resultado da ação, quer dizer, o roubo ou tráfico em função do lucro. Especialmente quando se observa casos de disputas entre facções rivais, a violência passa a ter também um forte apelo estético, meio de expressão de poder e domínio. Dessa forma, não só as noções postas por Maffesoli auxiliam a analisar e compreender os embolamentos em Canoas, como também os embolamentos possibilitam relativizar certa leitura das noções de Maffesoli. Tal objeto torna evidente o caráter de mobilidade e fluidez intrínsecas às tribos urbanas e a metáfora do nomadismo.

Conforme Maffesoli afirma na obra “A contemplação do mundo”, referindo-se a *neotribalização*, esta representa

Um vínculo social “em pontilhado”, abalado por sobressaltos violentos, caóticos, imprevisíveis, mas que são a prova pelo menos de uma sólida organicidade. De fato, o relativismo induzido pelo tribalismo e pela multiplicação das ideologias ou mitologias bricoladas, apela, estruturalmente, logicamente, para uma composição pluralista. Na composição há o verbo compor: negociam-se, delimitam-se territórios reais ou simbólicos, e, por isso mesmo, entra-se em contato. Assim, o relativismo estabelece a relação. Relações forçadas, violentas ou agressivas, às vezes, ou, ao contrário, relações de cumplicidade, de aliança, ou simplesmente afetivas. Em todo caso, não é o isolamento, próprio do individualismo exacerbado, mas, ao contrário, o que predomina no quadro do tribalismo é um relacionismo em todos os sentidos (Maffesoli, 1995, p.56)

Dessa forma, tal noção mostra-se pertinente inclusive na análise das diferentes dimensões (“mundos”) com diferentes motivações no interior dos embolamentos quanto ao envolvimento em práticas delitivas. A característica de valorização dos afetos não pressupõe relações pacíficas nem mesmo nega a

ocorrência do conflito*, de onde pode-se notar as diferentes dinâmicas no universo das tribos urbanas. No contexto da presente pesquisa, observamos as mudanças que os embolamentos dos bairros Guajuviras e Mathias Velho tiveram em decorrência das ações das facções criminosas nesses bairros. O período de início da pesquisa, no ano de 2016, nos mostrou o fenômeno dos embolamentos nesses bairros com semelhanças aos analisados por Brusius (2017) em Novo Hamburgo, ou seja, com aproximações mais evidentes as tribos urbanas (se pensadas como modelo ou “tipo de ideal” de prática de sociabilidade). Mesmo que a época os embolamentos do Guajuviras tenham sido lidos como hiperlocalizados e com trânsito limitado no bairro, a pesquisa de Brusius mostra que o fenômeno já ocorreria também em outra cidade da região metropolitana e que, mesmo que pudessem responder a fatores distintos, suas características em comum demonstram o caráter de mobilidade e amplitude que o fenômeno já apresentava.

Os laços formados nos embolamentos relacionam-se a fragmentação entre os moradores dos bairros em estudo, uma vez que reflete a formação de pequenos grupos que já não atendem e não referenciam positivamente o bairro como um todo. Os embolamentos se produzem em reflexo e resposta a violência intersubjetiva, desenvolvendo uma sociabilidade violenta, mas que também envolve jovens desvinculados de outros círculos sociais, como a família e a escola. A ideia de “nós” parte de tal percepção, da formação de uma coletividade e de um laço vinculante no interior dos embolamentos.

A noção de “nomadismo” complementa o que a metáfora da neotribalização propõe, evidenciando a mobilidade constitutiva das tribos. Assim, ela também apresenta a característica de opor-se ao individualismo da sociedade moderna.

É exatamente essa a questão. O fechamento praticado durante toda a modernidade mostra, por todos os lados, sinais de fraqueza. Pouco importa, de resto, os que representam seus vetores: *hippies*, vagabundos, poetas, jovens sem ponto de referência, ou mesmo turistas surpreendidos nos circuitos de férias programadas. O certo é que a “circulação” recomeça. Desordenada, até mesmo em turbilhão, ela não deixa nada nem ninguém indene. Quebra os grilhões e os limites estabelecidos, e quaisquer que sejam seus domínios: político, ideológico, profissional, cultural ou cultural, as barreiras desmoronam. Nada pode represar o fluxo. O movimento ou a eferverscência está em todas as cabeças. (Maffesoli, 2001, p. 27)

Podemos tratar aqui tanto do trânsito dos “embolamentos” entre os bondes e as facções, como em suas dinâmicas próprias, internas e pela cidade. A participação dos “embolamentos” em um circuito de sociabilidades violentas traz em si a necessidade de movimento. Além de seu nomadismo pela cidade, podemos observar também o trânsito entre modelos de sociabilidade, correlacionado aos processos de (re) organização dos coletivos criminais, ou seja, que os embolamentos, no período observado, apresentaram diferentes formas de se relacionar com a violência urbana conforme as dinâmicas relativas a esta também se alteraram. No cenário atual, o delito parece ter maior presença nos embolamentos, que o articulam aos laços formados em seu interior.

É significativo que a cidade seja o cenário onde tal prática de sociabilidade (os embolamentos) se desenrola. Desde os clássicos da sociologia urbana têm-se percebido o paradoxo presente no binômio “aproximação – distanciamento” característico das interações sociais na cidade. A “atitude blasé”, como definida por Simmel (1979) – prática de “conversar sem ouvir” – tende a se ampliar no contexto metropolitano. É justo na oposição a este quadro que renascem as tribos combinando pertencimento e errância pelas cidades, como podemos observar entre os embolamentos. A errância é notada não só no seu transitar pela cidade, mas também pelo envolvimento em práticas delitivas, desconectadas do que esses jovens apresentam como “projeto de vida”. Ou ainda, a prática delitiva aparece como um passo para alcançar o projeto almejado, como que compondo o campo de possibilidades concretamente percebido pelo jovem.

A importância da rua para jovens em contextos urbanos tem sido notável, e mostra-se também entre os *bondes*, as facções e os “embolamentos”. Os bairros de periferia, nesse sentido, tornam-se cenário onde tais práticas se desenvolvem. Os mesmos se apresentam como espaços de (re) produção de vulnerabilidades sociais que serão vivenciadas e simbolicamente subvertidas pelos jovens moradores. Dessa forma nota-se a articulação entre “ação” e “estrutura” nas trajetórias de jovens em contextos de periferia, por onde podemos observar “um processo de individualização estruturada sob os condicionamentos e limitações que nos impõem a vida coletiva” (Gadea, 2015, p. 22). Para tais práticas de sociabilidade, a cidade e a rua tornam-se uma “experiência” (Magnani, 1993) por onde “os jovens, à medida que praticam a cidade, ocupam-na, recriam-na e lhe dão vida” (Carneiro, 2009, p. 59)

Nesse sentido a categoria de “circuito juvenil” (Magnani, 2012) nos garante tal abrangência na análise da reconfiguração de tais práticas de sociabilidade. Conforme o autor, o objetivo é privilegiar a inserção dos jovens na paisagem urbana “onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca.” (p.164). Por meio de tal categoria, o foco da análise se desdobra sobre as sociabilidades e suas regularidades no espaço urbano.

Tal opção permite articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos (recuperando os aspectos da mobilidade, dos modismos etc., enfatizados nos estudos sobre esse segmento) e os espaços, instituições e equipamentos urbanos que, ao contrário, apresentam um maior e mais diferenciado grau de permanência na paisagem - desde o pedaço, mais particularista, até a mancha, que supõe um acesso mais amplo e visível. (Magnani, 2012, p, 164)

Nesse sentido, na análise que segue a respeito dos embolamentos enquanto prática de sociabilidade e sua vinculação com os bairros onde se formam e atuam terá as categorias e noções apresentadas nas entrelinhas. Diferente da análise quanto a ecologia urbana, em capítulo anterior, a vulnerabilidade e a violência não são foco. O que se torna eixo desse capítulo são a apropriação e usos dos espaços urbanos na prática de sociabilidade em estudo.

A relação de pertencimento e errância na cidade são melhor abordados no próximo tópico, de modo que podemos adiantar que, diferente dos *bondes*, a errância dos embolamentos parece se desenrolar, enquanto prática de sociabilidade, com maior frequência em bairros de periferia, de modo que a visibilidade não se mostra como característica importante aos embolamentos em sua configuração atual. Com relação a esta combinação entre as ideias de errância e pertencimento, Maffesoli traz a definição de “enraizamento dinâmico”. Nota-se o paradoxo presente na própria expressão, sendo este o ponto que é capaz de explicar os fenômenos do pertencimento e do transitar, vagar, pela cidade e região. Quanto aos embolamentos observados no bairro Guajuviras, o jovem entrevistado em 2016 relatou a presença de uma variedade, sendo cada um vinculado a determinado “setor” do bairro. Da mesma forma, sua fala apontou aos obstáculos gerados por tal vinculação, o que, entretanto, não impossibilita seu trânsito pelo bairro e mesmo em seu exterior.

Além disso, a problemática aproximação dos “embolamentos” com as facções, faz com que essas possam ser pensadas como “raízes” dos “embolamentos”. Seja no sentido de estarem “trabalhando” para as facções e/ou tendo nestas referenciais identitários a ser seguidos, estas parecem garantir-lhes possibilidade de fixação em complementariedade aos seus trânsitos, por vezes repletas de obstáculos pela cidade. No tópico seguinte exploramos essa questão, por meio da qual pensamos ser possível analisar os embolamento como sociabilidade delitiva.

PROCESSOS DE RECONFIGURAÇÃO: EMERGÊNCIA DE SOCIABILIDADES JUVENIS DELITIVAS

Temos verificado que as facções de Porto Alegre em sua expansão para a região metropolitana têm tido grande importância na formação de novas práticas de sociabilidades juvenis em contexto de periferia. Também as mudanças relativas a dinâmicas do “mundo do crime” e aos processos de organização dos coletivos criminais. Nesse sentido, buscamos compreender a emergência de uma nova tipologia de sociabilidade a partir da observada relação entre o atual processo de reconfiguração dos coletivos criminais.

Podemos observar que há diferentes tipos de embolamentos, que parecem ter se desenvolvido conforme as fases em que as facções se encontram na cidade e na capital. Por meio das diferentes “visões de mundo” que se apresentam nos embolamentos, em seus diferentes tipos e momentos, pode-se analisar qual dimensão ganha mais valor por parte de seus membros. Pensando em dimensões distintas conforme importância verificada a violência – se os aproxima mais dos *bondes* ou das facções, ou seja, se se trata da violência como expressão em ações lúdicas ou da violência instrumental – torna-se possível analisar os diferentes tipos de “embolamentos”. A noção de “motivação”, que Velho (1981) utiliza com base em A. Schutz, auxilia nesta questão. Como “expressão individual de representações coletivas” (VELHO, 1981, p. 42) a motivação por fazer parte do embolamento (“estar embolado”) pode ainda apontar para uma dinâmica entre as dimensões observadas, conforme ação posta em prática e “situação biograficamente determinada” (SCHUTZ, 2003) dos indivíduos envolvidos.

As diferentes dimensões dos “embolamentos” valoradas conforme ação por este desenvolvida, corresponde também a determinado “projeto” (s) elaborado em seu interior.

O projeto dá ênfase a dimensão mais consciente da ação social. Implica algum tipo de avaliação, uma estratégia, um plano para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas se encadeando. O projeto individual propriamente dito constrói-se através de uma ideia mais ou menos elaborada de biografia, de uma história de vida. (VELHO, 1981, p. 69)

O caráter de (des) continuidades entre “embolamentos” e *bondes* pode ser pensado como “diferentes “mundos” ou esferas da vida social [que] se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. ” (VELHO, 1981 p. 33). De outra forma, até o momento, algum nível de vinculação ou aproximação (direta ou não) com as facções é notável. É importante observar os casos de Novo Hamburgo (Brusius, 2017) nos quais os “embolamentos” parecem renovar as ações dos *bondes*, considerando que, conforme Rosa (2015) os *bondes* de Porto Alegre a violência “é menos uma prática do que uma linguagem de projeção de uma identidade que mimetiza ou teatraliza o tráfico ao utilizar seu vocabulário e sua estética para se representar”. Ao relacionar embolamentos com qualquer dos casos, ou mesmo na possível ambiguidade, as facções criminosas demonstram importância para identificação dos “embolamentos”. Seja pela “imitação estética” ou por meio de vinculação direta (que, pensando com Gilberto Velho, pode ser ainda mais um dos “mundos” constitutivos das trajetórias desses jovens) as facções parecem representar referente minimamente fixo capaz de “criar fronteiras simbólicas” (VELHO, 1981, p. 17). Se tratando de fenômeno contemporâneo e próprio das “sociedades complexas”, a importância das facções e dos “territórios do tráfico” (Cipriani, 2016) como “experiência significativa” (VELHO, 1981, p. 17) é ampliada. Além disso, considerando-se que ocorre um processo de reconfiguração nas práticas de sociabilidade, esse parece encaixar-se na noção de projeto definida pelo autor, uma vez que esta

visa também focalizar os aspectos dinâmicos da cultura, preocupando-se com a produção *cultural* enquanto expressão de atualização de códigos em permanente mudança. Ou seja, os símbolos e os códigos não são apenas *usados*, são também transformados e reinventados, com novas combinações e significados. (VELHO, 1981, p. 107)

Dessa forma, considerando a relação dos embolamentos com as facções criminosas e seus processos de organização nos bairros estudados, podemos

pensar em três formas de identificação (Hall, 2006) dos embolamentos: 1) com relação ao bairro de origem e áreas internas a este (vilas, setores, paradas); 2) com relação a uma liderança ligada ao tráfico de drogas; 3) com relação a uma facção criminosa.

Primeiramente, cabe explicar a noção de identificação e seu uso aqui.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". (...) Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2006, p. 10)

Dessa forma, a associação dos jovens aos embolamentos e as transformações que ocorrem nesta prática de sociabilidade são parte do constante processo de identificação. As experiências coletivas partilhadas no interior dos embolamentos relativas a um cenário de violência intersubjetiva e vulnerabilidade urbana pautam as transformações observadas, decisões quanto a filiação e desfiliação. Conforme Rosa (2014) "a violência pode configurar a experiência de um grupo", sendo que o observamos quanto aos embolamentos, a medida que a violência se apresenta como fenômeno principal de base para sua formação. As transformações nessa prática relacionam-se então ao caráter dinâmico da violência urbana como fenômeno.

A partir da leitura da violência como eixo articulador dos embolamentos, podemos elaborar as três formas de identificação dos embolamentos no período estudado, com inspiração nas fases de organização dos coletivos criminais desenvolvida por Beato e Zilli (2014), a medida que ambos processos parecem estar imbricados.

Na primeira fase observada, temos a identificação dos embolamentos com relação ao seu bairro. Como observado em pesquisa de campo em 2016, temos que os embolamentos do bairro Guajuviras se formam em estreita relação com território e suas divisões internas. Na vila Comtel, por exemplo, estaria um embolamento mais direcionado ao delito, bem como no Setor 6. Em cada um dos setores do bairro haveria um embolamento diferente, tendo como nome a sua área de origem, que poderia ser lida como seu "bairro", não sendo mais parte do Guajuviras. A prática

delitiva nesses se apresenta esporádica, com fraco conhecimento ou proximidade com facções que estariam entrando e tentando “tomar” o bairro (conforme relatos de moradores a época). Suas ações e disputas ocorrem no interior do bairro, sendo possível que nestas se formassem embolamentos maiores que englobassem diferentes setores (como “os lá de baixo” contra os “os de cima”).

Entretanto, no mesmo período, estão presentes no bairro embolamentos que se apresentam mais voltados a prática delitiva e formados em torno a uma liderança. Nesse sentido, as fases um e dois parecem desenvolver-se de forma paralela. Nestes, a vinculação com facções ainda não se mostrava evidente, mas ações ligadas ao tráfico de drogas e outras infrações eram observadas. O embolamento “dos Thiaguinho”, também chamado “dos guri do Thiaguinho” são exemplo. Outro, e de forma semelhante, era “os guri do Cris”. Esses embolamentos trabalhariam para esses traficantes “independentes”, ou seja, sem vínculo com as facções. Thiaguinho foi morto em campo de futebol em Gravataí, como narramos no início deste trabalho. Já Cris, no período das últimas incursões a campo ainda atuava no bairro. Conforme me relatam algumas moradoras do bairro, o rosto de Cris é desconhecido no bairro, nem mesmo aqueles que traficam com ele o conhecem pessoalmente, e sua moradia também é desconhecida, há algum tempo fora do bairro Guajuviras.

A terceira fase de identificação é a observada atualmente, onde os embolamentos em seu caráter societário parecem ceder lugar quase que completamente aos que se vinculam de forma mais direta as facções e suas ações nos bairros em estudo. No bairro Guajuviras, as referências são feitas especialmente aos “anti- Bala”, embolamento que teria se formado na união de diferentes grupos opostos aos Bala na Cara. De modo geral, estes se formam com intuito de vingança contra membros dos Bala na Cara pela morte de amigos e familiares. Evidenciando o caráter estético da violência urbana contemporânea na região metropolitana de Porto Alegre, o embolamento dos Anti Bala, em resposta a essa facção, utilizam da prática da decapitação de seus inimigos, que são filmadas e espalhadas em grupos no *whatsApp*. A cabeça é despejada em lugar de visibilidade, no bairro dominado pela facção ou outras áreas de grande circulação.

Dessa forma, considerando que a noção de sociabilidade violenta, como desenvolvida por Machado da Silva (2010) direciona-se a uma sociabilidade de bairro, de modo mais amplo, pensamos que não dá conta dos fenômenos em análise nesta pesquisa, ao menos não em sua segunda e terceira fases de

organização. Nestas fases, as práticas de sociabilidade se desenvolvem em torno do grupo, dos laços desenvolvidos e do contexto de violência intersubjetiva e vulnerabilidade urbana. Observamos que em suas diferentes fases os embolamentos apresentam a violência como eixo articulador, ao mesmo tempo em que desenvolvem laços de solidariedade e vínculos afetivos em seu interior. A associação desses fatores a prática de delitos em paralelo as fases de organização dos coletivos criminais possibilita pensar, de forma ainda um tanto genérica, na noção de *sociabilidades delitivas*¹⁵. A aproximação com as facções da capital e o fato dessas ampliarem seu espaço de atuação e domínio também tornam necessária nova noção para análise, uma vez que se trata de prática de sociabilidade que extrapola as fronteiras do bairro e se expande em toda uma região, se apresentando de diferentes formas conforme o contexto.

A “SOCIAL”: FESTA, PERTENCIMENTO E VIOLÊNCIA

Aos jovens do Guajuviras, Canoas não tem oferecido opções para festas. É então no cenário do bairro que os próprios jovens organizam suas festas, a chamada “social”. Lembrando, de certa forma, as “festas de garagem”, a social é realizada em garagens, organizada e divulgada na página do evento no Facebook. Além de garantir espaço de lazer e encontros para os jovens do bairro, sem a mediação de projetos sociais ou pela escola, a “social” reforça os vínculos dos jovens com o bairro. De fato, somente o som da festa é localizado na garagem, como forma de não causar incomodo a vizinhança, conforme a festa vai crescendo vai invadindo e ocupando o espaço da rua.

Tais informações sobre a “social” foram trazidas pelo jovem Leonardo durante em entrevista realizada em 2016, quando da pesquisa de campo para o trabalho de conclusão. Os principais dados e entrevistas referentes a festa são revisitadas nesses tópicos, ampliando o contexto de análise e problematizando algumas conclusões construídas naquela pesquisa. Leonardo foi um dos jovens que cumpriu medida socioeducativa de meio aberto na Casa da Juventude, estava no final quando participou da entrevista. No bairro, o jovem era conhecido por seus amigos

¹⁵ Noção e argumento em desenvolvimento no grupo de pesquisa com base nos temas em estudo. Agradecimentos a Fátima Sabrina da Rosa e Analice Brusius.

como MC, inclusive ele relatava que teria praticado ato infracional de roubo como meio de conseguir pagar os custos para gravar suas músicas.

Em nossa conversa, Leonardo inicia falando de como tem sido difícil fazer festas no bairro, que tendem a terminar em “ladaia”.

L: – Festa não (ri) bah qualquer festa que tem é ladaia! Bah! Aqui não pra fazer bailezinho, social...

S: – Como é que é a social aqui?

L: – Ah, o cara divulga no face, dai pra todos cupinxá do cara, dai já manda os outros divulga junto e bota o som numa baia, manda cada um trazer o seu kit, as vez os cara mesmo se junta tá ligado, bota os kit ali e bota o som! E vai até a polícia chegar ou der ladaia! (Rimos)

A “ladaia” pode ser tanto o encontro de “embolamentos” inimigos, quanto a chegada da polícia, também vista como “facção inimiga”. Assim, a possibilidade da “ladaia” ou da chegada da polícia já é esperada como algo que compõem a social. A violência, nesse caso, materializada na ocorrência da “ladaia” torna-se parte do espetáculo que compõem o caráter permissivo das festas em geral. A social então é o encontro da festa com a violência intersubjetiva no bairro. De certa forma, é também onde os embolamentos se mostram em suas semelhanças aos *bondes* e aproximações as facções.

Para quem sediava a “social” dispensando o espaço de sua casa, o lucro sequer apareceria enquanto objetivo, conforme os relatos de Leonardo. O ingresso é o kit – cada um leva uma bebida. O dono da casa, em alguns casos, precisa de um preparo anterior a festa, quando da negociação com a família. Leonardo, por exemplo, filho de pais religiosos, nunca fez “social” em sua casa. Por isso, é mais comum que jovens que têm casa própria sediarem a festa.

S: – E o ingresso é o kit?

L: – É, ninguém paga nada, se não trazer kit e não beber é só entrar.

S: – Ah, pode entrar sem trazer nada também?

L: – Sim, as vezes o cara tá quebrado também né. O cara já não, nem cobra nada. Fazer Social e cobrar no Guaju é arriada né!

S: – E como é que fica daí pro dono da casa?

L: – É, por isso que depende... Que bah lá na baia já ia ser estranho de fazer, meus coroa são da igreja e pa, daí eu não faço daí, uns cupinxá meu, tem um que mora até sozinho, sozinho não mora cá vó dele mas tem a parte dele, tá ligado, que a coroa dele morreu. Daí a gente faz lá, a gente faz na casa dos outros ...

S: – E costuma dar problema?

L: – Na nossa na real não, mas nossa nós fizemo só algumas, tá ligado. Só

que esses tempos teve uma lá em baixo, dai uns cupinxa meu daqui de cima descero e deu uma ladaia lá. Os guris aqui dero uns tiro neles lá e bah foi estranho.

S: – E costuma dar polícia, coisa?

L: – Ah, polícia sempre passa, normal, só que as vez não paro. Na real sempre quando nós faz, dai o cara já avisa os vizinho né, dai eles não falo nada, não denuncio, dai não tem porque eles parar.

S: – Mas os vizinho não se incomodam?

L: – Não. É que não é todo dia, sabe? Não é todo fim de semana, é de vez em quando.

S: – Não acontece de vir um vizinho lá, pedir pra parar, essas coisas?

L: – Difícil. E se pedir o cara baixa ali, não da nada, já era.

A falta do kit, ingresso para a social, não era impeditivo para a participação na festa. Assim, o sentimento de pertença e reconhecimento são reforçados na festa, aberta a qualquer jovem que queira participar, indiferente à condição de arcar com o ingresso e mesmo a sua idade. A solidariedade entre os jovens em um espaço que visa o lazer, os encontros e o prazer de “estar junto à toa” ressignifica o bairro. Em sentido oposto ao imposto pelo estigma territorial, a social é momento de valoração positiva do Guajuviras.

Além da negociação com as famílias, também era preciso negociar com os vizinhos. O aviso a vizinhança sobre a realização da festa era um meio de evitar problemas como a denúncia à polícia. Dessa forma, também o respeito mútuo entre os vizinhos aparece como fator importante, essencial para evitar que a social acabe em “ladaia”.

Sobre a ocorrência de brigas entre jovens de “embolamentos” “lá de baixo” com os “daqui de cima”, parece ser passível de ser evitado, conforme a fala de Leonardo. Quando relata a briga, fala de uma social organizada por “embolamentos” rivais ao que esteve envolvido, onde seus amigos acabaram como vítimas. Aqui podemos pensar em mais uma forma de disputa, a medida em que denuncia quem são, supostamente, os responsáveis pela “ladaia”. Quando fala das “social” organizadas por seus amigos “aqui de cima”, deixa evidente que desde a divulgação é anunciado que “nós não tamo pela ladaia”. Assim, sugere que as brigas entre os diferentes setores, vistas negativamente pela população, ocorrem somente quando os responsáveis pela festa permitem. De outra forma, os “embolamentos” que buscariam evitar as brigas colocam-se ao lado dos moradores, evitando o que causaria a fama de bairro violento. Mais uma vez, temos a transferência do estigma

como prática, meio de apontar “embolamentos” inimigos como responsáveis por reforçar uma imagem negativa do bairro.

S: – Mas ai fica sempre indo só o pessoal daquele setor, ou abre pra quem quiser chegar?

L: – Nah, na real vem quem quiser, a gente sempre bota na real que não tamo pela ladaia. Na real esses tempo nós fizemo uma ai chegou todos os gurizão lá que não se davó, bah viero em peso também, bah. Quando vi ja ia chegando, dai chegou os guri dai de cima, eles achou que ia ta só os guri do 5 ali ta ligado, ai já desceu os guri da Contel, Setor 1, bah tudo armado. Na verdade, os gurizão já chegaro. Os gurizão chegaro lá de baixo, cumprimentaro todo mundo, ficaro no canto deles, não deu uma ladaia.

É notável que também a “social” é afetada pelo processo de hiperguetização do Guajuviras, uma vez que pode tornar-se palco de disputas entre os “embolamentos”. Também a realização das festas ocorre em territórios pertencentes aos “embolamentos”, de modo a se transformar em outra forma de disputa – quem oferece a melhor social. Contudo, a negociação com a vizinhança ocorre em oposição e este fenômeno. A hiperlocalização dos “embolamentos” aparece com relação a ambos: Tanto como tentativa de oposição ao estigma por meio do reforço dos laços sociais, quanto derivado deste processo. Trata-se, de certa forma, de tentativa de “ganhar visibilidade” nas dinâmicas do próprio bairro, ressignificando-o positivamente.

É notável que a social, enquanto componente da sociabilidade dos embolamentos, também é afetada pelos processos de organização dos coletivos criminais e o que estamos chamando de fases de identificação dos embolamentos. Nesse sentido, as festas relatadas por Leonardo nas entrevistas realizadas em 2016 no bairro Guajuviras demonstram o forte caráter lúdico e societário dos embolamentos, fortemente ligado a cultura de rua e ao seu lócus de origem. Em entrevistas realizadas posteriormente, observam-se as mudanças.

No bairro Mathias Velho observa-se fenômeno semelhante. A “social” realizada no bairro Mathias Velho, que teve repercussão nos portais de mídia da região, ocorreu em junho de 2017, no pátio de uma lavagem de carros na Vila Sapo, nos “fundos” do bairro. A repercussão se deu pelo fato de a festa ter sido palco da morte de dois adolescentes, sendo que uma adolescente de 13 anos também foi torturada e morta após sair da festa. Nas palavras de Leonardo, jovem morador do bairro Guajuviras citado anteriormente, poderia se dizer que a festa terminou em “ladaia”.

Conforme apurado na notícia, a polícia ainda investigava as motivações das mortes. A menina, moradora de Nova Santa Rita, teria familiar em facção desta cidade, rival a que teria domínio na vila Sapo. A polícia aponta este fato como explicação plausível para o crime, como um “recado” a facção rival, visto que havia suspeita de que a menina teria sido raptada após a festa, como alvo de vingança e considerada “informante” por parte dos rivais de seu familiar. Os dois rapazes mortos foram alvo de tiros dados a esmo por motoristas em três carros com placas clonadas.

Além das tragédias ocorridas ao fim da festa, a Social do bairro Mathias Velho, bem como as do bairro Guajuviras, tem como características sua realização em espaço que não constitui “clube” ou “boate”. Assim, supõem alguns traços de improvisado, de busca por saciar a falta de lugares próprios para festas aos jovens do bairro. A distância ao centro, os custos e também o limite de faixa etária podem ser fatores importantes para tanto. Também uma forma de vinculação com o bairro, de festejar com os vizinhos em local próximo e acessível. Quanto a cobrança de ingresso ou kit, como observado no bairro Guajuviras, a notícia sobre a “social” no bairro Mathias Velho não traz informação.

Conforme Daiane, jovem entrevistada em 2018, festas do tipo “social” deixaram de ser realizadas no bairro. Ela descreve outros locais onde a festa ocorria no bairro, junto a um depósito de bebida que revendia para comércios da região. Neste espaço os jovens compravam bebida a preço menor que o mercado e podiam levar caixa de som com suas músicas. Da mesma forma que as festas que ocorriam em garagens, estas podiam se estender do depósito para a rua e ocupá-la.

A SOCIAL E AS FASES DE IDENTIFICAÇÃO DOS EMBOLAMENTOS

Os fenômenos do “embolamento” e da “social” na periferia de Canoas, enquanto representativos de um novo tipo de sociabilidade juvenil que tem na violência urbana importante eixo articulador, nos coloca ainda algumas questões.

Enquanto fenômenos que ocorrem em contexto urbano, na região metropolitana, podem-se considerar que está associado a um “estilo de vida” próprio das metrópoles, ou seja, marcado pela formação de grupos e situações bastante heterogêneos e conflitantes, ampliada divisão social do trabalho e, neste caso

específico, por mudanças nas dinâmicas da violência.

Se podemos pensar nos embolamentos enquanto relativos a estigmatização dos bairros estudados e a vulnerabilidade urbana, especialmente as disputas travadas entre diferentes embolamentos, a social pode ser inserida também neste fator. Entretanto, a Social guarda ainda algumas questões interessantes. No período analisado ela demonstra acompanhar as fases de identificação dos embolamentos.

Primeiramente, nas entrevistas realizadas em 2016, a social se apresenta como efeito do estigma territorial, mas também como estratégia de reação a ele, ou seja, como meio de fortalecer a vinculação com o bairro e conseqüentemente valorizar sua imagem, ainda que estes não sejam objetivos declarados da festa. A reunião de jovens e adolescentes em área interna do bairro, sem mediadores externos (como escola ou projetos sociais) refletem esta estratégia.

Como elemento de disputa, os relatos de Leonardo sobre a social no Guajuviras referem que aqueles “embolamentos” que faziam as melhores festas eram os que conseguem evitar que acabasse em “ladaia”. Pensando com Simmel (2013) a busca por realizar as melhores festas, segura, tendo a negociação com a vizinha como um fator decisivo, trata-se de um mecanismo de “diferenciação”. Em meio a possível homogeneização por parte de olhares externos, como a mídia e mesmo a vizinhança, os “embolamentos” buscavam diferenciar-se também pelo uso do nome da área a qual pertencem (para se identificar) e pela realização de festas que não terminassem em “ladaia”.

Onde o aumento quantitativo de significação e energia se aproxima de seus limites, o homem agarra-se á particularização qualitativa a fim de, por meio do excitamento da sensibilidade de distinção, ganhar de algum modo para si a consciência do círculo social, o que conduz finalmente às mais tendenciosas esquisitices, as extravagâncias específicas da cidade grande, como o exclusivismo, os caprichos, o preciosismo, cujo sentido não está absolutamente nos conteúdos de tais comportamentos, mas sim em sua forma de ser (...) para muitas naturezas, definitivamente, o único meio de salvar para si, mediante o desvio pela consciência dos outros, alguma autoestima, e preencher um lugar na consciência (SIMMEL, 2013, p. 325)

Inseridos em contexto metropolitano, possivelmente em um mesmo circuito de violência e sociabilidade juvenis, os “embolamentos” e a “social” por eles organizadas, utilizam de diferentes estratégias para se diferenciar e então “existir” em meio aos demais. Nesses casos, a social pode ser entendida como parte da fase de identificação dos embolamentos com seu bairro de origem. A importância dada a vizinhança para a organização da festa é exemplo. A espera de que a festa termine

em “ladaia” e a não cobrança de ingresso nos remete a primeira fase de organização dos coletivos criminais, onde se valoriza mais o caráter societário que o econômico e as disputas ocorrem de modo desorganizado.

O fato de, no bairro Guajuviras, não haver cobrança de ingresso para a “Social” também pode ser lido com base em Simmel. Analisando como o dinheiro (“economia monetária”) afeta os processos de individuação e diferenciação nas metrópoles, o sociólogo alemão afirma

(...) o dinheiro confere, por um lado, uma impessoalidade, anteriormente desconhecida a todas as ações econômicas, e por outro lado ma crescente autonomia e independência da pessoa. A relação entre personalidade e comunidade também se desenvolveu de modo semelhante àquele da propriedade. (SIMMEL, 2013, p. 332)

Nesse sentido, a cobrança de ingresso em dinheiro tornaria todos os que participam da festa “iguais”. Sua participação estaria condicionada apenas ao pagamento, a impessoalidade do dinheiro. De outra forma, pela cobrança do “kit” ou mesmo de nenhum valor ou artefato para entrada na festa, possibilita maior “seleção” entre quem pode e quem não pode participar. “O dinheiro é “vulgar” porque é o equivalente para tudo e para todos; somente o individual é distinto” (SIMMEL, 2013, p. 338). Contudo, considerando que, conforme Simmel, a indiferenciação por meio do dinheiro ocorre nas metrópoles a medida que crescem os processos de individuação e diferenciação, a não cobrança de dinheiro sugere menor quantidade de participantes nas festas e conseqüentemente maior controle (ou tentativa, ao menos) por parte de quem a organiza e sedia.

O caso ocorrido no bairro Mathias Velho, onde uma das adolescentes que teria laços familiares com um integrantes de facção de Nova Santa Rita foi torturada e morta por integrantes de uma facção rival, conforme a polícia estava investigando, mostra as conexões entre estes coletivos criminais. Ou seja, a “Social” realizada no bairro Mathias Velho pode ser pensada dentro de um mapa maior da violência urbana na região.

A correlação entre a social e as fases de identificação dos embolamentos pode explicar o fato de que, conforme as entrevistas realizadas, esta festa não ocorra mais. Conforme Daiane, moradora do bairro Guajuviras entrevistada no final de 2018, mesmo que seus amigos sintam falta da festa já não a fazem. Em vez disso, vão a festas em Porto Alegre, ela cita o bar “Adegas” como principal ponto. A

participação em festa na capital também pode possibilitar ampliação de tal prática de sociabilidade, fortalecer a aproximação com facções ou ainda garantir aos adolescentes experiências outras, ligadas a errância de suas vivências. A jovem Jéssica, amiga de Daiane e que participou da mesma entrevista, diz não ter vontade nem coragem para ir a essas festas. Nesse caso, pode representar aqueles que participavam dos embolamentos e da social apenas em sua primeira fase, onde o vínculo com ações delitivas parecia ter menor intensidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, o objetivo central foi compreender os embolamentos enquanto nova prática de sociabilidade juvenil vinculada às dinâmicas da violência em contextos de periferia. A hipótese de que os embolamentos tenham sido parte de um processo maior de reconfiguração em práticas de sociabilidade nesses meios foi construída no andar da pesquisa, de modo que objetivamos dissecá-la, verificando as diferentes dimensões que o fenômeno apresentou nesse processo.

Dessa forma, pudemos observar as diferentes conexões que os embolamentos demonstraram com relação aos *bondes*, aos rolezinhos e com as facções criminais. Com relação aos primeiros, evidencia-se o processo de reconfiguração nas práticas de sociabilidade juvenil, a qual pôde ser compreendida enquanto fenômeno social e sociológico contextual. Nestes, a relação com a violência urbana era notável e de suma importância, porém com caráter diferente do que apresentou nos embolamentos. O lúdico, o consumo (de marcas, de áreas da cidade, de performances relacionadas a um imaginário do tráfico de drogas, mostrava maior presença e importância nestas do que uma vinculação efetiva com as facções e coletivos criminais. Como vimos, a aproximação com as facções para prática de delitos era esporádica, intermitente, ocorrendo por outras vias, como a compra de roupas de marca vendida por membros destas e por inserção indireta em razão da violência intersubjetiva.

Com relação as facções e coletivos criminais, observamos o crescimento das mesmas em Porto Alegre e seu conseqüente transbordar para cidades da região metropolitana. Tal questão se mostra como importante fator explicativo para o aumento em taxas de homicídio em Canoas, em especial no ano de 2017, e de outros crimes com ligação ao tráfico de drogas, tendo em vista que o município apresenta bons índices socioeconômicos e investimento em iniciativas preventivas na área da segurança pública.

A aproximação geográfica com a capital e a ampliação das dinâmicas da violência urbana na região metropolitana, chamada metropolização da violência, explicaria também as conexões e aproximação entre práticas de sociabilidade juvenil nestas cidades. Além disso, nos mostra a necessidade de compreender a violência como fenômeno dinâmico, contextual e processual, parte das dinâmicas do meio urbano. Tal concepção também possibilita compreender as percepções dos jovens

moradores dos bairros estudados como parte de suas experiências relacionadas a vulnerabilidade urbana, ou seja, um tipo de vulnerabilidade social próprio de contextos urbanos expostos a violência e outros tipos de precariedade. Estas experiências estão também diretamente relacionadas a quebra geracional quanto a visão sobre os bairros, observável pelas falas dos jovens entrevistados nesta pesquisa em comparação com relatos e narrativas de outras pesquisas realizadas nos bairros, com moradores mais antigos ou até mesmo que fizeram parte das mobilizações para ocupação e construção dos mesmos. A conexão entre a vulnerabilidade presente nos bairros estudados, em bairros de Porto Alegre e entre adolescentes internos na FASE de Novo Hamburgo, nos mostra como a periferia tem se apresentado, não limitada a territórios urbanos distanciados do centro. As fronteiras entre periferia e centro vão se fragilizando da mesma forma que as que separam diferentes áreas consideradas periféricas. A noção de periferização, a ideia de periferia como contexto, como utilizado nessa pesquisa, são aplicadas nesse sentido.

Além das conexões entre os embolamentos, os bondes e os rolezinhos como parte de um processo de reconfiguração de sociabilidades juvenis, a pesquisa nos mostrou características próprias dos embolamentos e que, por esse motivo, são reflexo de características que a violência urbana tem apresentado. As notícias e dados coletados mostram recrudescimento da violência, acirramento das disputas entre as facções no exterior do presídio central. Ações como assassinato a tiros “a esmo” disparados de dentro de um carro têm sido frequentes. A exposição dos corpos mortos em redes sociais e áreas específicas das cidades e o compartilhamento massivo das imagens com uso de aplicativo são parte do fenômeno da espetacularização da violência, onde essa ganha outros objetivos, como a demonstração de poder e domínio.

A análise dos dados relativos ao período de 2014 a 2018, referentes a violência observada na prática de delitos como roubo, roubo de veículos e homicídio, bem como nas taxas de letalidade juvenil, é outro meio que evidencia o caráter dinâmico da violência. Verificamos que os anos de 2016 e 2017 são os que apresentam mais altos índices, sendo quando observamos mudança nos embolamentos, e sua maior vinculação com práticas delitivas e com os coletivos criminais. Chegando ao final da pesquisa, as notícias referem redução na violência no município de Canoas. No site da prefeitura, investimento em ações que integram

atuação da Guarda Municipal e especialmente o armamento da mesma são apontadas como responsáveis pelo que identificamos como “queda” nos índices. Com relação às taxas de mortes violentas, por exemplo, a publicação refere redução de 10% na comparação entre 2017 e 2018. O fato de 2017 ter demonstrado aumento expressivo, contudo, não garante que tenha havido uma “queda” em 2018, mas que as taxas tenham voltado à normalidade. Nesse cenário, a qualidade dos embolamentos enquanto prática de sociabilidade onde a violência apresenta valor central também apresenta mudanças, como vimos, podendo tornar-se uma nova prática em seguida.

Observamos, então, a relação entre as fases de organização dos coletivos criminais no contexto da região metropolitana de Porto Alegre, de modo geral, com as mudanças ocorridas nas práticas de sociabilidade e na identificação dos embolamentos com os coletivos criminais. A análise de tal fenômeno em suas diferentes dimensões e conexões nos mostrou ainda o caráter dinâmico e contextual da violência urbana e das periferias. Dessa forma, fica notável a importância da ampliação do locus de análise e da sequencialidade das pesquisas sobre tais temáticas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** - Brasília : UNESCO, BID, 2002. 192 p

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. **Juventudes, violências e o Estado: Jovens em territórios com o programa Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro**. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Edição Especial nº1 - 2015 - pp. 17-41

ACOSTA, Suélen. **Percepções sobre a periferia: Uma releitura da pesquisa da Fundação Perseu Abramo (2017)**. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v2, n5, p. 97-104, julho de 2018.

ACOSTA, Suélen. **Trajetórias Cruzadas: Jovens e Políticas de Segurança Pública no Guajuviras/Canoas**. Revista Levs - Revista Virtual do Laboratório de Estudos da Violência e Segurança, v. 20, p. 57-83, 2017.

AMORIM, Francisco de Paula Rocha. **O impacto do narcotráfico na dinâmica de homicídios e roubo: Relações causais em 32 metrópoles da América Latina.** 2013. 96f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013

AZEVEDO, Rodrigo e CIPRIANI, Marcelli. **Um estudo comparativo entre facções: O cenário de Porto Alegre e o de São Paulo.** In: Sistema Penal & Violência: Revista Eletrônica da Faculdade de Direito, PUCRS, Porto Alegre, v.7, n. 2, jul-dez 2015.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som; um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2011, 9ª edição.

BEATO, C.; ZILI, L. F. Organização social do crime. In: LIMA, R. S. de; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. de. **Crime, polícia e justiça no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014. p.86-96

BIONDI, Karina. **Junto e misturado: Imanência e transcendência no PCC. 2009.** Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2009

BRUSIUS, Analice. GADEA, Carlos A. **Novas dinâmicas da violência vivenciadas por jovens em contextos urbanos.** 18º Congresso Brasileiro de Sociologia 2017, Brasília (DF)

CANOAS teve 115 homicídios registrados em 2017. **Diário de Canoas.** Canoas, 2018. Disponível em: https://www.diariodecanoas.com.br/_conteudo/2017/12/noticias/regiao/2218904-canoas-teve-115-homicidios-registrados-em-2017.html

CANOAS. Observatório de Segurança Pública. Estatísticas criminais 2017. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Indicadores-criminais-Jan-Dez-2017-atualizado_vers%C3%A3o-para-SITE-1.pdf> Acesso em: Março de 2018

CANOAS. Observatório de Segurança Pública. Estatísticas criminais 2018.

Disponível em: <<https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Indicadores-criminais-primeiro-trimestre-de-2018.pdf>>

Acesso em: Julho de 2018

CANOAS. Observatório de Segurança Pública. Indicadores criminais - Mortes violentas em Canoas - Letalidade juvenil e Territórios de Paz de 2009 a 2016

Disponível em:<https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Relat%C3%B3rio-Mortes-Violentas-2016-atualizado_vers%C3%A3o-para-SITE-2.pdf> Acesso em: Julho de 2018

CANOAS. Observatório de Segurança Pública. Indicadores Criminais Janeiro a Dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Relat%C3%B3rio-Indicadores-Criminais-2015_vers%C3%A3o-para-SITE-1.pdf> Acesso em Outubro de 2016

CANOAS. Observatório de Segurança Pública. Indicadores criminais Roubo e Furto de Veículos em Canoas 2016 Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Relat%C3%B3rio-Roubo-e-Furto-de-Ve%C3%ADculos-2016_vers%C3%A3o-para-SITE-1.pdf> Acesso em: Julho de 2018

CECCHETTO, Fátima Regina., Muniz, Jacqueline de Oliveira., Monteiro, Rodrigo de Araujo. **“BASTA TÁ DO LADO” – a construção social do envolvido com o crime.** Caderno CRH, Salvador, v. 31, n. 82, p. 99-116, Jan./Abr. 2018

CIPRIANI, Marcelli. **Territorialidades do tráfico de drogas: as “facções” entre a prisão e a favela.** 2016. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – IFCH UFRGS, Porto Alegre 2016

CORDEIRO, Denise. A Juventude: Temporalidades possíveis. In: Cordeiro, Denise. **Juventudes nas sombras.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

DAMICO, José Geraldo Soares. **Juventudes governadas: Dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas RS) e em Grigny (França).**

2011. 290f Tese (Doutorado em Educação) – PPGEduc, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência; gangues, galeras e movimentos hip hop**. São Paulo:Annablume, 1998

DUBET, François. **Sobre a violência e os jovens**. Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria.v. 9, n.15, jan./jun., 2006, p. 11-31.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. 2008. 336f. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2008

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Vinte anos depois: a construção democrática brasileira vista da periferia de São Paulo**. Lua nova, São Paulo, 72: 83-114, 2007

FONTES, Breno Souto-Maior. Políticas públicas e exclusão social: ou como as cidades constroem suas periferias. In: GADEA, Carlos; MÉLO, José Luiz Bica de; LOPES, José Rogério (Orgs.). **Periferias, territórios e saberes**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

FRAGA, César. O PCC, o teatro da guerra e a democracia ferida. **Extra classe**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/edicoes/2018/10/o-pcc-o-teatro-da-guerra-e-a-democracia-ferida/>

GADEA, Carlos A. **Realidade Juvenil e violência intersubjetiva em bairros de Porto Alegre – contextos, situações e perspectivas**. Porto Alegre: Cirkula,2015

GALLAS, Luciano. “Eu não sou o jovem pobre, favelado, sem perspectiva. Eu tô podendo”. Entrevista especial com Lucia Mury Scalco. **Revista IHU Online**. São Leopoldo. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527574-o->

[consumo-enquanto-simbolo-de-empoderamento-e-cidadania-entrevista-especial-com-lucia-mury-scalco](#) Acesso em agosto de 2018.

GOMES, Luis Eduardo. Junho de 2013: Ascensão e queda do Bloco de Luta. **Sul 21**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://junho2013.sul21.com.br/junho-de-2013-ascensao-e-queda-do-bloco-de-luta/>>

GRUPO invade condomínio do Minha Casa, Minha Vida em Canoas. **G1 Rio Grande do Sul. Porto Alegre**, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/01/grupo-invade-condominio-do-minha-casa-minha-vida-em-canoas.html>>

GUERRA, Larissa. Guerra de facções espalha atos de terrorismo nas ruas de Porto Alegre. **Zero Hora**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/01/guerra-de-faccoes-espalha-atos-de-terrorismo-nas-ruas-de-porto-alegre-9229465.html>>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. 2010. 367f Tese (Doutorado em Sociologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010

HIRATA, Daniel. Dinâmicas das periferias e a (re) produção da(s) metrópole(s). In: V Ciclo de estudos Metrôpoles, políticas públicas e tecnologias de governo. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s3T8kBayKBU&list=PLP1euMMJK39QsjAlwgMMnBVtIHWo2Qp-4>>

KOERICH, Bruna Rossi. **Entre trajetórias, desejos e (im)possibilidades: projetos de futuro na socioeducação de meio aberto**. 2018. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PPGCS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2018

LOPES, José Rogério. Territorialidades urbanas, desigualdades e espaços de coexistência. In.: LOPES, José Rogério e MÉLO, José Luiz Bica de (Orgs.) **Desigualdades sociais na América Latina: Outros olhares, outras perguntas.** São Leopoldo, Oikos: 2010.

LOURENÇO, Nelson. **Globalização, metropolização e insegurança: América Latina e África.** Revista de Direito e Segurança. Ano 1, v. 1, 2013

MACHADO DA SILVA, L. A. Violência e ordem social. In: LIMA, R. S. de; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. de. **Crime, polícia e justiça no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014. p.

MACHADO DA SILVA. Luís Antônio. **“Violência urbana”, segurança pública e favelas - o caso do rio de janeiro atual** Caderno crh, salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, Maio/Ago. 2010

MACHADO DA SILVA. Luís Antônio. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no brasil urbano.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004

MAFFESOLI, Michael. **A Contemplação do Mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios Edições, 1995

MAFFESOLI, Michel. **Sobre nomadismo e vagabundagens pós-modernas.** Rio de Janeiro: Record, 2001

MAFFESOLI, Michel. **Tribalismo pós-moderno: Da identidade às identificações.** Ciências Sociais Unisinos 43(1):97-102, janeiro/abril 2007

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da Periferia ao Centro – Trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana**. Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em Cadernos de História de São Paulo 2, jan/dez 1993, Museu Paulista – USP

MALVASI, Paulo Artur. **Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo**. 2012. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – PPGSP USP, São Paulo, 2012

MARINHO, Marco Antônio Couto. BASEGIO, Leandro Jesus. Homicídios e relações municipais metropolitanas na Região Metropolitana de Porto Alegre. In. ANDRADE, Luciana Teixeira de. SOUZA, Dalva Borges de. FREIRE, Flavio Henrique Miranda. (Org.) **Homicídios nas Regiões Metropolitanas**. Rio de Janeiro; Letra Capital, 2013. p. 97-125

MENEZES, Daiane B., SOUZA, Vitória G. **Relações entre crimes na Região Metropolitana de Porto Alegre: um primeiro diagnóstico da organização criminal**. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 87-108, 2017

MISSE, Michel. **Crime organizado e crime comum no Rio de Janeiro: diferenças e afinidades**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 19, n. 40, p. 13-25, out. 2011

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NOVO HAMBURGO. Observatório de Segurança Cidadã. Boletins do Observatório. Disponível em: <<https://odsc.novohamburgo.rs.gov.br/principais-publicacoes>>
Acesso em: Outubro de 2016

PINHEIRO, Leandro; CASTILHOS, Bruno; TEIXEIRA, Rodrigo. Dos contrastes de narrativas, o ensaio de um inventário. In: PINHEIRO, Leandro (Org.) **Itinerários**

Versados: Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Paco Editorial, 2016, p. 289-312.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana., SCALCO. Lucia Mury. **Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo.** Cadernos IHU Ideias. v. 16. n. 278, 2018

PINHEIRO-MACHADO, Rosana., SCALCO. Lucia Mury. **Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no brasil.** Revista de Estudos Culturais, São Paulo, v.1

REGUILLO, Rossana. **Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión.** Revista Brasileira de Educação, núm. 23, mai-ago,2003, pp.103-118 – ANPED Brasil

RIBEIRO, Luis Cezar de Quiroz. **Desigualdades de oportunidades e segregação residencial: a metropolização da questão social no Brasil.** CADERNO CRH, Salvador, v. 23, n. 59, p. 221/233, Maio/Ago. 2010

ROLIM, Marcos. **A formação de Jovens Violentos – Para uma etiologia da disposicionalidade violenta.** 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – PPGS UFRGS, Porto Alegre, 2014

ROSA, Cristiano Neves da., GADEA, Carlos A. **Esportes, lazer e violência – entre discursos e segurança pública.** Appris Editora, Curitiba, 2016

SANTOS, Leandro Barbosa dos. **Os habitantes do guaju: um olhar etnográfico sobre o bairro guajuviras.** 2016.196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, 2016

ROSA, Fátima Sabrina. **Bondes, periferias e conflitos: Sociabilidades juvenis em Porto Alegre.** 2014. 154f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PPGCS, Universidade do Vale do Rio dos Sino (UNISINOS), São Leopoldo, 2014

ROSA, Fátima Sabrina. **Pós colonialidade, cultura e violência: Sobre sociabilidades juvenis na América Latina.** Congresso Latinoamericano de Sociología – ALAS, 2015

RS REGISTRA ao menos 42 homicídios no feriado de Tiradentes. **Zero Hora.** Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2017/04/rsregistraaomenos42homicidiosnoferiadaodetiradentes9778205>.

SANTOS, João Vitor. A escuta como forma de compreensão da vida na periferia (Entrevista com Daniel Hirata) **Revista IHU Online.** São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6897-a-escuta-como-forma-de-compreensao-da-vida-na-periferia>

SCHABBACH, Letícia Maria. Pesquisando o crime organizado no Rio Grande do Sul. In.: TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. TEIXEIRA, Alex Niche. RUSSO, Maurício. (Org.) **Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais.** Porto Alegre; Sulina; Editora da UFRGS, 2011. p. 172 - 197

SCHREINER, Sandro. Moradores culpam "passe livre" por tumultos na zona Norte. **Correio do Povo.** Porto Alegre. 2009. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=53767> Acesso em agosto de 2018.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad.** Buenos Aires: Amorrotu, 2003

SIMMEL, George. O dinheiro na cultura moderna. In: BOTELHO, André (org.) **Essencial Sociologia.** Pesquisa classica/Companhia das letras, 2013. p. 311-319 e 330

– 350
SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006

SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G (org.) **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1979.

SOUZA, Tamires. O janeiro mais violento da década em Canoas. **Diário de Canoas**. Canoas, 2017. Disponível em: <https://www.diariodecanoas.com.br/conteudo/2017/02/noticias/regiao/2067259-o-janeiro-mais-violento-da-decada-em-canoas.html>

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

WACQUANT, Loic. **A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 16, 2006

ZALUAR, Alba. Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (org). **Galeras Cariocas: Territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

ZILLI, Luis Felipe. **“O Bonde tá Formado”**: Gangues, Ambiente Urbano e Criminalidade Violenta. 2011. 287f. Tese (Doutorado em Sociologia) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2011

ZILLI, Luis Felipe. Grupos delinquentes. In: LIMA, R. S. de; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. de. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 100